


Vida

A síndrome de CAIM

O porquê do fracasso e como deixá-lo para trás



J. JACÓ VIEIRA

A Síndrome de Caim

O porquê do fracasso e como deixá-lo para trás

J. Jacó Vieira

Editora: Editora Vida

ISBN: 8573679425

Ano: 2006

Digitalizado por prnilson



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

Sumário

<u>A origem deste livro.....</u>	<u>4</u>
<u>A origem da síndrome de Caim.....</u>	<u>9</u>
<u>As atitudes da síndrome.....</u>	<u>20</u>
<u>O procedimento da síndrome e a contaminação do procedimento.....</u>	<u>38</u>
<u>Os falsos conceitos da síndrome.....</u>	<u>50</u>
<u>As conseqüências da síndrome.....</u>	<u>57</u>
<u>A dádiva da vida: fazer escolhas.....</u>	<u>69</u>
<u>Edificando uma nova atitude.....</u>	<u>75</u>
<u>Assumindo a responsabilidade.....</u>	<u>83</u>
<u>Cuidado ao fazer as escolhas.....</u>	<u>87</u>
<u>Um novo coração para uma nova atitude.....</u>	<u>94</u>
<u>Não se renda aos sentimentos.....</u>	<u>102</u>
<u>Pratique a confissão.....</u>	<u>107</u>
<u>Restaurando o propósito divino.....</u>	<u>112</u>
<u>Liberte-se da síndrome.....</u>	<u>121</u>
<u>A escolha é sua.....</u>	<u>127</u>

A origem deste livro

Caim foi o primeiro filho de Adão e Eva. Abel foi o segundo. Os dois nasceram como frutos do amor de seus pais. O nascimento de Caim foi motivo de alegria para sua mãe, que assim se expressou: "Com o auxílio do SENHOR tive um filho homem".¹

Certamente Adão e Eva devem ter criado seus filhos com o mesmo carinho e desvelo distribuído a cada um deles. Imaginamos que lhes tenham contado as muitas histórias sobre o modo como viviam antes, no Éden, sobre os encontros pessoais que tinham com Deus e sobre como eram maravilhosas as conversas enquanto soprava a brisa do dia.²

Também podemos imaginar que Caim e Abel receberam a mesma formação familiar. Eles conheciam a Deus, sabiam da justiça divina, bem como da misericórdia e da graça experimentada por eles e pelos próprios pais.

Gosto do retrato desses dois irmãos, desenhado por Max Lucado:

Vê-los sair juntos do culto não se trataria [de] nenhum motivo de preocupação. Como quaisquer outros irmãos, eles tinham suas diferenças. Um se parecia mais com a mãe, o outro com o pai. Um queria ser criador de animais, o outro se interessava por agricultura. Com exceção disso, pareciam iguais. Compatíveis. Criados na mesma cultura, brincando nas mesmas colinas.

Brincando com os mesmos animais, falavam com o mesmo so-taque. Adoravam o mesmo Deus.³

Quem poderia imaginar que o mais velho seria o assassino do mais jovem?

Penso que, a respeito disso, sobram perguntas.

Por que, em algumas famílias, filhos ensinados com o mesmo carinho, modelo positivo de vida, dedicação altruísta, desvelo, formação intelectual excepcional, forjados em meio a exemplos espirituais de vidas dedicadas e consagradas a Deus, apesar de tudo isso se tornam pessoas frias, distantes de Deus, divorciadas daquilo que é digno, de boa fama, nobre, correto, puro e amável?⁴

Por que se transformam em pessoas que até os mais distantes se espantam com a possibilidade de serem filhos de pais honestos, dedicados e fiéis a Deus?

Como é possível dois irmãos, educados nas mesmas circunstâncias, serem tão diferentes?

Por que, numa mesma família, alguns filhos servem a Deus de todo o coração, enquanto outros denunciam, até mesmo por meio de seus olhares, que vivem completamente distantes da realidade na qual foram criados?

Um é o orgulho do pai; o outro, motivo da insônia da mãe. Um torna-se cristão dedicado; o outro, ateu, frio e escarnekedor. Um é apreciado por todos, por sua dedicação; o outro, criticado por sua indolência. A bondade é a definição de um, enquanto o egoísmo é a marca do outro. Se alguém falar em sensibilidade, logo um rosto torna-se nítido na retina da pessoa. No entanto, se o assunto é ódio, rancor e falta de consideração, os contornos faciais do retrato imaginário toma as linhas do outro.

Claramente se vê: humildade de um lado, soberba do outro. Em um deles, amor incondicional; no outro, vingança gratuita. Um torna-se filho obediente, devoto a Deus, que honra os pais, enquanto o outro simplesmente opta por ser o patinho feio, a ovelha negra, o filho pródigo da família. É a filha que planeja a morte dos pais a pauladas; é o filho que rouba as economias sofridas do pai e ainda o espanca. Como isso pode ser possível?

Uma mãe, que há anos vive uma realidade muito semelhante a essa, abriu seu coração comigo no fim da reunião na igreja:

Sempre o criamos com o mesmo amor e dedicação. A atenção, a nosso ver, foi a mesma. Em nosso amor, até que nos provem o contrário, nada há de diferente. Nunca houve uma ruptura entre nós. Nenhum conflito significativo. Mas percebemos que algo dentro de nosso filho mudou. Pouco a pouco, notamos que ele tinha uma tendência para desejar tudo, menos o que ensinávamos como conceito de vida. Progressivamente, foi aparecendo sua preferência por aquilo que era o avesso do que nossa fé e prática ensinavam. Não era uma rebeldia agressiva, mas algo que crescia. Uma distância cada vez maior do rumo que sabíamos ser a vontade de Deus para nossa família. Recentemente o confrontamos. E ele afirmou, apenas: "Estou correndo atrás da minha história".⁵

É assim com Caim e Abel. Mesma família, mesma devoção, mesma educação no lar, mesmo carinho, as mesmas oportunidades. Todavia, duas pessoas completamente diferentes. Vemos isso acontecer em dimensões diferentes a nossa volta.

São aqueles que, embora não sejam membros de uma mesma família, moram na mesma cidade, no mesmo bairro, têm as mesmas condições financeiras, a mesma formação intelectual e espiritual, e, no entanto, vivem uma vida marcada pelas situações mais negativas possíveis, enquanto outros vivem de forma ordeira e na prática do bem. Há pessoas que conseguem "tirar de letra" todas as crises que a vida lhes apresenta, vencendo mágoas, enquanto outros enfrentam as mesmas lutas e se deixam levar pelas derrotas, tornando-se pessoas fracassadas e ressentidas.

Vemos casais que mantêm a qualidade do casamento, enquanto outros, possuidores do mesmo amor, simplesmente se rendem a intrigas, ofensas, agressões e vivem apenas suportando um ao outro. Enquanto alguns casais aproveitam ao máximo o casamento, outros mal conseguem permanecer juntos.

O que justificaria situações dessa natureza? Falta de sorte? Falta de amor? Ou não seria exatamente a falta de alguma coisa, mas o excesso de algo?

São pessoas que possuem boa experiência, habilidades de comunicação, boa formação, mas que reagem de formas diferentes em situações idênticas pelas quais outros passam com dignidade e retidão. Há indivíduos que, embora provados e tentados em tudo e por tudo, vivem uma vida que agrada a Deus. Todavia, outros, vítimas das mesmas provações e tentações, entregam-se aos vícios e a tantos outros pecados que os tornam escravos de uma existência distante de Deus.

Como é que uma pessoa chega a esse estágio? Como é possível alguém, que recebeu da vida a mesma possibilidade, acabar por condenar sua existência ao fracasso, estabelecendo a derrota como norma de conduta? Mesmo conhecendo a verdade e conscientes do modo como deveríamos agir diante de determinados dilemas, optamos por decisões erradas e distantes de Deus. Por quê? O que justifica esse comportamento? Como podemos perseverar na tônica da vitória, com *o nosso maior inimigo à porta*?

Agora que já antecipei um pouco da sua leitura, permita-me voltar no tempo.

Preparar o material deste livro surgiu, em primeiro lugar, com o propósito de atender a algumas das perguntas feitas por pessoas que acompanham minhas mensagens pelo Telesperança,⁶ no rádio e na televisão, ou quando as recebo em meu gabinete pastoral à procura de ajuda.

Eu estava especialmente motivado pela história que me foi contada por uma dessas pessoas. Parecia tratar-se apenas de mais alguém desejando contar sua história e receber oração. Mas, no decorrer da conversa de menos de meia hora, foram-me apresentadas perguntas às quais eu não poderia responder de modo adequado dentro do tempo de que dispunha.

Meu interlocutor estava bem-vestido, tinha uma maneira elegante de falar, olhar expressivo, marcado por ligeiras olheiras que indicavam, talvez, noites de insônias e ansiedades. Sua conversa aconteceu mais ou menos assim:

Tenho tudo o que a maioria das pessoas deseja ter. Moro bem, visto-me bem, tenho boa formação acadêmica, bom trabalho, dinheiro não é problema e acabei de me casar com uma pessoa incrível. No entanto, sinto que nada disso tem valor para mim. Nada me satisfaz! E agora, depois de poucas semanas de casado, recebi uma proposta de um envolvimento sexual fora do casamento. Sei que é errado. Também não preciso disso, pois, apesar do pouco tempo, eu e meu cônjuge nos relacionamos muito bem nessa área. Mesmo assim, sinto-me infeliz e, dentro de mim, parte do meu ser quer que eu enverede por esse rumo que Deus desaprova. Estou me sentindo sem forças para resistir. O que fazer? Será que é errado correr atrás da minha felicidade? Por que quero a Deus e, ao mesmo tempo, faço tudo o que ele reprova? Por que, mesmo sabendo o certo, ainda quero o que julgo errado?

Essa pessoa saiu sorrateiramente da sala, da mesma forma que chegou. Jamais a vi depois desse dia, não sei seu nome ou qualquer outro detalhe.

Meu coração de pastor encheu-se de perguntas e dores depois disso. Fui invadido pelo sentimento de fracasso, ao me certificar de que, por mais que seja uma arma poderosa, apenas a oração não atendia tais questões de maneira eficaz. Cancelei meus compromissos e tirei um tempo para orar, em nosso acampamento, a uns trinta quilômetros de Maringá, tendo aquelas perguntas como centro de reflexões. Levei minha Bíblia e meu velho computador.

Foi assim que Deus me conduziu para o texto de Gênesis 4.7: "Se você fizer o bem, não será aceito? Mas se não o fizer, saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo". Percebi que Caim viveu o mesmo dilema que aquela pessoa estava vivendo. E, ao ler a história, constatei que Caim não procedeu de forma adequada ao permitir

que o pecado o dominasse. E foi assim que surgiu a idéia deste livro, *A síndrome de Caim*.

Agora, quase dois anos se passaram. Nesse tempo, minhas reflexões e pesquisas têm focalizado a história de Caim. Sua derrota explica o porquê de tantos estarem perdidos. Ela também nos ensina os muitos princípios de como viver do jeito que agrada a Deus.

Quero destacar outros propósitos que motivaram este livro:

- esclarecer por que alguns, tendo aparentemente tudo, se tornam derrotados, vivendo como os piores da espécie, e por que outros, nas mesmas condições, se tornam pessoas maravilhosas e vencedoras;
- sinalizar onde principia a derrota na vida;
- analisar como acontece o envenenamento do coração e suas conseqüências em nossos pensamentos, escolhas e condutas;
- além de analisar os motivos da síndrome, indicar maneiras práticas de escolhermos as posturas dos que aprendem a vencer, mesmo que envoltos pelas contrariedades da vida.

Seria uma propaganda enganosa anunciar que atenderei a todas as perguntas relacionadas à vida vitoriosa. Mas estou certo de que este livro não caiu em suas mãos por acaso. Ele servirá para promover um novo direcionamento a seu coração e lhe apontará novos rumos para um procedimento que agrada o coração de Deus, promovendo uma vida espetacular para se viver.

Não tenho dúvida de que, durante a leitura, Deus o ajudará a construir em seu coração — se é que ainda não o fez — a atitude interior daqueles que vencem, mesmo que o inimigo permaneça à porta.

A origem da síndrome de Caim

*A chave para uma amizade com Deus não é mudar o que fazemos
mas mudar a atitude em relação ao que fazemos.*

RICK WARREN¹

Joel era o tipo do cara que você gostaria de conhecer. Ele estava sempre de bom humor e sempre tinha algo de positivo para dizer. Se alguém lhe perguntasse como ele estava, a resposta seria logo: — Se melhorar, estraga.

Ele era um gerente de restaurante especial, pois seus garçons o seguiam de restaurante em restaurante apenas motivados por suas atitudes. E era um motivador nato. Se um colaborador estava tendo um dia ruim, Joel dizia-lhe como ver o lado positivo da situação.

Fiquei tão curioso com seu estilo de vida que um dia lhe perguntei:

— Não é possível ser uma pessoa tão positiva todo o tempo. Como você consegue ser assim?

Ele me respondeu:

— A cada manhã, ao acordar, digo para mim mesmo: Joel, você tem duas escolhas hoje, pode ficar de bom humor ou de mau humor. Eu escolho ficar de bom humor. Cada vez que algo de ruim acontece, posso escolher bancar a vítima ou aprender alguma coisa com o ocorrido. Eu escolho aprender algo. Toda vez que alguém reclamar, posso escolher aceitar a reclamação ou mostrar o lado positivo da vida.

— Certo, mas não é fácil — argumentei.

— É fácil, sim — respondeu Joel. — A vida é feita de escolhas. Quando você examina a fundo, toda situação sempre oferece escolha. Você escolhe como reagir a ela. Você escolhe como as pessoas afetarão o seu humor. É sua a escolha de como viver a vida.

Eu pensei sobre o que Joel disse e sempre me lembrava dele quando fazia uma escolha. Anos mais tarde, soube que Joel cometera um erro, deixando a porta de serviço do restaurante aberta pela manhã. Foi rendido por assaltantes.

Dominado, enquanto tentava abrir o cofre, com a mão trêmula pelo nervosismo, desfez a combinação do segredo. Os ladrões entraram em pânico e atiraram. Por sorte, ele foi encontrado a tempo de ser socorrido e

levado para um hospital. Depois de dezoito horas de cirurgia e semanas de tratamento intensivo, teve alta, ainda com fragmentos de balas alojados no corpo.

Encontrei Joel mais ou menos por acaso. Quando lhe perguntei como estava, ele respondeu:

— Se melhorar, estraga.

Contou-me o que havia acontecido, perguntando:

— Quer ver as cicatrizes?

Recusei-me a ver seus antigos ferimentos, mas perguntei-lhe o que havia passado em sua mente na ocasião do assalto.

— A primeira coisa que pensei foi que deveria ter trancado a porta de trás — respondeu. — Então, deitado no chão, ensanguentado, lembrei que tinha duas escolhas: poderia viver ou morrer. Escolhi viver.

— Você não estava com medo? — perguntei.

— Os paramédicos foram ótimos. Eles me diziam que tudo ia dar certo e que eu ia ficar bom. Mas, quando entrei na sala de emergência e vi a expressão dos médicos e enfermeiras, fiquei apavorado. Em seus lábios eu lia: "Esse aí já era". Decidi, então, que tinha de fazer algo.

— O que fez?

— Bem, havia uma enfermeira que fazia muitas perguntas. Perguntou-me se eu era alérgico a alguma coisa. Eu respondi que sim. Todos pararam para ouvir a minha resposta. Tomei fôlego e gritei: "Sou alérgico a balas!". Entre as risadas, eu disse a eles: "Estou escolhendo viver; operem-me como um ser vivo, não como morto".

Joel sobreviveu graças à persistência dos médicos, mas também graças a sua atitude. Aprendi que todo dia temos a opção de viver plenamente. Afinal de contas, atitude é tudo.²

A atitude pode determinar nosso sucesso ou nosso fracasso! Quando mantemos a atitude certa em nosso coração, não importa o que acontece conosco. Não importa o que a vida, as circunstâncias e as pessoas nos reservem, sempre podemos escolher a atitude que tomaremos.³

Li sobre uma mãe que, desejando encorajar a dedicação e o progresso de seu jovem filho ao piano, levou-o a um concerto de Paderewski, famoso compositor e pianista polonês do século 19. Assim que escolheram um lugar para se sentar, a mãe viu uma amiga na platéia e foi até ela, para cumprimentá-la.

Tendo a oportunidade de explorar as maravilhas do teatro, o menino não teve dúvida: levantou-se e seguiu sua curiosidade, até que a aventura o levou a uma porta em que estava escrito: "Proibida a entrada". Quando as luzes baixaram e o concerto estava prestes a começar, a mãe retornou ao seu lugar e descobriu que o filho não estava lá. De repente, as cortinas se abriram e as luzes recaíram sobre um impressionante piano Steinway no centro do palco. Horrorizada, a mãe viu seu filho sentado ao piano, inocentemente catando as notas de "Cai, cai, balão".

Naquele momento, o grande mestre fez sua entrada, foi ao piano e sussurrou no ouvido do menino: "Não pare, continue tocando". Então, debruçando-se, Paderewski estendeu a mão esquerda e começou a preencher as notas que faltavam. Logo colocou sua mão direita ao redor da mão do menino e acrescentou um belo acompanhamento de melodia.

Juntos, o velho mestre e o jovem noviço transformaram uma situação embaraçosa em uma experiência maravilhosamente criativa. Paderewski, o velho mestre de piano, sabia que ninguém podia roubar sua capacidade de escolher como reagir aos acontecimentos que lhe acometiam.

É nossa escolha desistir ou prosseguir, amar ou odiar, optar pelo ânimo ou entregar-se ao desânimo, esperar ou desesperar-se, viver contente em toda e qualquer situação ou contentar-se com a murmuração;⁴ suportar tudo, entregando-se àquele que julga retamente,⁵ ou acomodar-se no cantinho da comiseração. Tudo se resume numa coisa: a atitude do coração.

Paul Hanna escreveu:

Quanto mais eu vivo, mais percebo o impacto da atitude na vida. É mais importante que a instrução, o dinheiro, as circunstâncias, os fracassos, os sucessos, qualquer coisa que alguém diga ou faça.

É mais importante que a aparência, o dom, a destreza. O mais incrível é que temos a opção de criar a atitude que teremos a cada dia.

Não podemos mudar o passado.

Não podemos mudar a atitude das pessoas.

Não podemos mudar o inevitável.

Só podemos mudar o único aspecto que podemos controlar, a nossa atitude.

Estou convencido de que a vida é 10% o que realmente nos

acontece e 90% a nossa reação a esses acontecimentos.⁶

Manter uma boa atitude capacita-nos a fazer uma abordagem correta em relação à vida. Por isso, tudo começa com nossa atitude. Ela é a chave que determina nosso sucesso ou nosso fracasso, tanto na vida espiritual quanto em qualquer outro aspecto da nossa existência. Ela nos capacita a diferenciar um obstáculo de uma oportunidade. Isto porque "toda oportunidade traz uma dificuldade e toda dificuldade traz uma oportunidade".⁷ É a nossa atitude diante das oportunidades e dificuldades que faz a diferença, porque é ela que define a maneira pela qual vamos encarar os acontecimentos dos quais não estamos imunes.

A atitude é um hábito desenvolvido por nosso modo de pensar. É "um sentimento interior que se expressa por meio do comportamento. Essa é a razão por que uma atitude pode ser percebida sem que uma palavra sequer seja dita".⁸ A atitude é fator determinante em nossa maneira de nos relacionarmos. Ela determina os resultados de nossos esforços. Quando nutrimos uma boa atitude, as dificuldades equivalem à prosperidade. Ela nos capacita a tirar vantagens daquilo que os outros só enxergam como desgraça.

Desde que coerente com os propósitos de Deus, a atitude pode transformar tristezas em alegrias, noites em dias, vale de trevas e morte em céu,⁹ problemas em bênçãos, capacitando-nos a celebrar a vida, mesmo vestida de dor.

John C. Maxwell assim define a atitude:

É o homem de vanguarda que está dentro de nós. Suas raízes ficam no interior, mas seu fruto é exterior. É nossa melhor amiga ou nossa pior inimiga. É mais honesta e mais consistente do que nossas palavras. É nossa visão de mundo com base em experiências do passado.

É algo que aproxima as pessoas de nós ou que as repele.

Nunca está satisfeita até que possa expressar [-se]. É a biblioteca do nosso passado. É a porta-voz do nosso presente. É o profeta do nosso futuro.¹⁰

Charles R. Swindoll, na década de 1980, destacou a importância da atitude:

A decisão mais importante que se pode tomar, com relação ao

nosso viver diário, é a da atitude pessoal. Ela tem maior peso que o nosso passado, nossa formação acadêmica, nossa conta no banco, nosso sucesso ou fracasso, fama ou insucesso; é mais importante do que o que os outros vão pensar de nós, do que nossas circunstâncias ou posição. A atitude é um cordel que nos mantém em movimento ou nos imobiliza. Só ela põe combustível em nossa fogueira ou joga água fria em nossa esperança. Quando temos uma atitude certa, não existe barreira elevada demais, nem vale por demais profundo, nem sonho exagerado, nem desafio insuperável.¹¹

Atitude é a revelação da nossa fé interior. É a parte visível de nossa doutrina, nosso sistema de crença. Tanto a derrota quanto a vitória começam com a postura que teremos no coração.

"Mas eles não me ouviram nem me deram atenção. Antes, seguiram o raciocínio rebelde dos seus corações maus. Andaram para trás e não para a frente", diz Jeremias 7.24. O povo de Israel nos serve de exemplo. A atitude errada, no coração desse povo, levou-os a andar para trás. Estabeleceu-se a derrota ao invés da vitória, castigo em vez de alívio, maldição no lugar de bênção.

"Mas eles não me ouviram nem me deram atenção; ao contrário, seguiram os seus corações duros e maus. Por isso eu trouxe sobre eles todas as maldições desta aliança, que eu tinha ordenado que cumprissem, mas que eles não cumpriram." Por isso, assim diz o SENHOR: "Trarei sobre eles uma desgraça da qual não poderão escapar. Ainda que venham a clamar a mim, eu não os ouvirei".¹²

Deus nos deixa livres para escolhermos, mas, uma vez que a atitude interior foi tomada, não temos mais como controlar as conseqüências, porque acionamos a lei das conseqüências não planejadas. "Se continuarmos a fazer o que sempre fizemos, vamos continuar recebendo o que sempre recebemos. Em outras palavras, se queremos evitar os mesmos resultados de sempre, precisamos evitar os mesmos comportamentos de sempre."¹³

A verdade é que a atitude do coração determina o alcance que teremos em nossa existência. Ela nos leva a superar a nós mesmos, ou determina nossa escravidão e destruição. Portanto, não cuidar da atitude é decretar nossa própria ruína. Ela não é apenas uma contribuição para que o sucesso se torne uma realidade, mas o principal fator que determina a nossa realização.

As pessoas que nutrem atitudes inadequadas no coração normalmente apontam outros fatores ou pessoas como sendo os causadores de suas adversidades e seus fracassos. Mas o fato é que somos responsáveis pela atitude que tomamos diante das contrariedades da vida e, por consequência, *somos os maiores responsáveis por aquilo que nos tornamos.*

Em outras palavras, o que importa *não é o que acontece conosco, mas o que acontece em nós.* Isto porque nossa atitude *não* está baseada em:

- Circunstâncias:* não podemos controlar o que nos acontece, mas somos totalmente responsáveis por nossa reação àquilo que acontece conosco.
- Formação:* o passado já passou e está fora de seu controle; você é responsável por não permitir que ele controle o presente.
- Limitações:* já que todos enfrentam limitações de algum tipo — seja por falta de talento, pouco dinheiro, escassez de oportunidades ou aparência não privilegiada —, você precisa aprender a conviver com elas.
- Outras pessoas:* apenas você *é* o responsável pelas escolhas que faz hoje; você pode ter sido ferido ou ter sofrido algum abuso no passado, mas depende de você curar essas ofensas — do mesmo modo como procede quando está ferido fisicamente — e seguir adiante.

Quando as circunstâncias são boas, ninguém encontra uma razão para ter uma atitude negativa. Do mesmo modo, ainda que as circunstâncias sejam ruins, precisamos achar um jeito de manter uma atitude saudável.

O passado e as circunstâncias podem ter influenciado naquilo que você *é*, mas você *é* responsável por aquilo que se tornou. O que você faz hoje determina o que será amanhã. Não importa onde você estava ontem ou o quanto suas atitudes foram negativas no passado: você pode ser mais positivo hoje. Isso faz uma tremenda diferença em seu potencial e em sua vida.¹⁴

O problema de Caim: o envenenamento da atitude

É a falta de uma boa atitude que tem desmantelado a vida de tantas pessoas. Uma vida de insucessos, seja na área espiritual, emocional ou física, começa com o envenenamento da atitude do nosso coração. Por isso, a cura começa também pelo tratamento dessa atitude.

Foi a falta de uma atitude coerente com o propósito de Deus que levou Caim à ruína. Esse foi o problema dele. Sua atitude era divorciada de Deus.

Por essa razão, sua oferta não foi aceita, uma vez que sua atitude a estragou.

Como lemos em Gênesis 4.3,4: "Passado algum tempo, Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao SENHOR. Abel, por sua vez, trouxe as partes gordas das primeiras crias do seu rebanho. O SENHOR aceitou com agrado Abel e sua oferta".

A aceitação de Abel não estava relacionada à simpatia pelo que ele era fisicamente. Não era uma questão de empatia pela personalidade dele, tampouco porque Deus tinha preferências por Abel e rejeição por Caim. A razão da aceitação e da rejeição é mais profunda: começa no coração!

Ann Spangler e Robert Wolgemuth escreveram sobre o assunto:

Quando um animal dos rebanhos de Abel dava cria pela primeira vez, o recém-nascido era marcado. "Este pertence ao Senhor", pensava consigo mesmo. E o mais perfeito, merece ser premiado.

Por outro lado, como um homem que procura uns trocados no bolso para atirar na bandeja de oferta, Caim apresentou apenas uma porção "do fruto da terra". "Isso será suficiente", raciocinou ele. Sua intenção era guardar para si as colheitas melhores.¹⁵

Como vemos, foi a atitude do coração de Caim que levou Deus a aceitar a oferta de Abel e a rejeitar a sua. O problema não era meramente a oferta de Caim, era o seu coração. Nos versos 4 e 5 de Gênesis 4, lemos: "O SENHOR aceitou com agrado Abel e sua oferta, mas não aceitou Caim e sua oferta".

Primeiro, Deus olha para Abel — para o seu coração — e o aceita, para depois aprovar sua oferta. O mesmo ocorre com Caim. Deus primeiro vê Caim — a atitude existente em seu coração —, rejeita-o e, conseqüentemente, rejeita sua oferta também. Deus não vê da mesma forma que o homem: "o homem vê a aparência, mas o SENHOR vê o coração".¹⁶

Sobre o coração, Max Lucado escreveu:

Nos dias de Jesus, seus ouvintes viam o coração como a totalidade do homem interior — a torre de controle, a cabine de comando. O coração era considerado a sede do caráter — a origem dos desejos, afeições, percepções, pensamentos, raciocínio, imaginação, consciência, intenções, propósito, vontade e fé.

Na mentalidade hebraica, o coração é o lugar para onde convergem todas as emoções, sabedoria e preconceitos. Ele é o

entroncamento que recebe os vagões cheios de sentimentos, idéias, emoções e convicções, colocando-os nos trilhos certos.

O coração é o centro da vida espiritual. Se o fruto da árvore é ruim, não se tenta consertar o fruto; tenta-se modificar a raiz. Se as ações de uma pessoa são más, não basta mudar os hábitos; temos de ir mais fundo no problema. Temos de ir ao coração do problema, que é o problema do coração.¹⁷

Somente depois que o coração de Caim foi reprovado é que Deus rejeitou sua oferta. Ele considera primeiro a atitude do nosso coração. Para Deus, o sacrifício ocupa o segundo plano. O que de fato importa para ele é o coração por trás do sacrifício prestado.

O problema todo estava no coração de Caim e não na oferta que ele fez a Deus. Deus rejeitou a atitude do seu coração porque: "Assim como a água reflete o rosto, o coração reflete quem somos nós".¹⁸ O coração de Caim revela a sua verdadeira identidade.

Através do coração, Deus conhecia a verdade sobre Caim. A atitude do coração daquele jovem determinou suas palavras, seus sentimentos e suas ações. Uma vez que os desígnios do seu coração desagradassem a Deus, sua oferta não teria significado algum. Deus não queria apenas os seus bens, mas desejava o seu coração — a atitude correta para a vida —, porque a prática religiosa, sem um coração consagrado, um coração entregue a Deus, não tem nenhum valor para ele.

A atitude interior de Caim estragou a oferta, pois ela tornou-se a expressão da maldade que havia dentro de um coração divorciado de Deus. Sobre isso, a palavra do Senhor nos diz: "Pela fé Abel ofereceu a Deus um sacrifício superior ao de Caim. Pela fé ele foi reconhecido como justo, quando Deus aprovou as suas ofertas. Embora esteja morto, por meio da fé ainda fala".¹⁹ "Não sejamos como Caim, que pertencia ao Maligno e matou seu irmão. E por que o matou? Porque suas obras eram más e as de seu irmão eram justas".²⁰

O âmago do problema estava na má atitude do coração de Caim, na sua resistência em proceder de forma aparentemente justa, boa e agradável. Mas Deus viu que, na verdade, suas obras eram más e sua oferta, portanto, não tinha o mesmo valor que a de Abel.

Quando não nutrimos, em nosso coração, a atitude correta para com a vida e para com Deus, nada do que fazemos tem valor. A própria Bíblia afirma que todos os nossos atos de justiça são vistos por Deus como trapo imundo.²¹ Nossa vitória na vida, seja contra o desejo do pecado ou contra o pecado em si, ou em qualquer outra área, se inicia com a atitude que

tomamos no coração. E nesse lugar interior em que tudo começa.

Pense por um momento em seu coração como se ele fosse uma estufa. As similaridades virão rapidamente. Ele também é preparado para crescer. E o seu coração, como uma estufa, precisa ser gerenciado. Considere seus pensamentos, por um momento, como se fossem sementes. Alguns deles tornam-se flores. Outros, ervas daninhas. Plante as sementes da esperança e desfrute o otimismo. Plante sementes de dúvida e espere insegurança. "Pois o que o homem semear, isso também colherá."²²

Se o coração é uma estufa e nossos pensamentos são como sementes, não deveríamos ser mais seletivos quanto às sementes que permitimos que entrem na estufa? Não deveria haver uma sentinela na porta? Guardar o coração não é uma tarefa estratégica? De acordo com a Bíblia, é: "sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida".²³

Um exemplo de vitória

Esta é uma história que merece nossa atenção: a história de Daniel. Sugiro que você reserve um tempo para ler pelo menos o primeiro capítulo desse livro bíblico. Daniel não pôde evitar ser preso e levado cativo para a Babilônia (leia-se: *circunstâncias contrárias*). Na condição de prisioneiro, recebeu a determinação de morar no palácio *{limitações}*, a fim de ser instruído em toda a sabedoria dos caldeus, com o propósito de servir ao rei *{outras pessoas}*. Seu nome foi mudado, seus alimentos determinados e até sua bebida foi escolhida *{formação}*.

A atitude de Daniel fez diferença para ele, para Deus, para seus opressores e também para aqueles que viveriam a seu lado. Daniel escolheu nutrir a atitude correta em seu coração. Ele sabia que seu coração funcionava como uma estufa fértil e cuidou para que a semente plantada fosse de boa qualidade, a fim de produzir bons frutos.

Daniel optou pela atitude de não pecar contra Deus; por isso, propôs, em seu coração, não se contaminar com a comida do rei, nem com o vinho que ele bebia. A vitória de Daniel começou com a atitude que ele nutriu em seu coração. Antecipadamente, decidiu qual seria seu comportamento, qual seria sua ação: "Daniel propôs no coração não se contaminar".²⁴

Foi nesse ponto que Daniel venceu, e, exatamente nesse aspecto, que Caim se destruiu. Tudo começou no coração de ambos. É em nosso interior que definimos o procedimento que tomaremos. Somos o produto das atitudes que estabelecemos no coração. Manter uma boa atitude é o que nos diferencia como pessoas neste mundo, "pois ela não apenas direciona o

nosso futuro como também afeta quem somos hoje".²⁵

Por isso, Paulo nos exorta em Filipenses 2.1-5:

Se por estarmos em Cristo nós temos alguma motivação, alguma exortação de amor, alguma comunhão no Espírito, alguma profunda afeição e compaixão, completem a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, um só espírito e uma só atitude. Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros. Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus.

Paulo não nos orienta a ter qualquer atitude. Ele fala da necessidade de termos a atitude vitoriosa de Jesus. Jesus, quando neste mundo em forma humana, viveu movido pela atitude de glorificar a Deus, alcançando o homem perdido em seus pecados.²⁶ Foi essa a atitude que levou Jesus, mesmo sendo em forma de Deus, a não ter por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziar-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens: "E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz",²⁷ a fim de salvar a mim e a você, que éramos pecadores condenados à perdição eterna.

Ao escrever sobre a atitude de Jesus, Paulo destaca o fato de que podemos fixar nossa mente em atitudes que edifiquem, incentivem, auxiliem e expressem compaixão, a nós e aos que vivem a nosso lado. Ele afirma: seja a atitude de vocês a mesma que teve Jesus.

Por trás de tudo que nosso Salvador realizou, havia uma determinada atitude que fez com que ele viesse ao mundo. Ele decidiu descer até nós, porque compreendeu a extensão de nossa problemática situação. Ele deu mais importância a isso do que ao seu conforto e à posição de prestígio que ocupava. Com humildade, ele pôs de lado a glória que tinha no céu e veio ficar entre nós, na terra. Ele não deixou que sua elevada posição nos mantivesse distantes dele.²⁸

A atitude de glorificar ao Pai fez toda a diferença quando Jesus enfrentou a agonia, a angústia no Getsêmani e a humilhação da cruz. Foi ela que o capacitou a dizer: "Não seja feita a minha vontade, mas a tua".²⁹ Por não

render seu coração a Deus, Caim não nutriu atitudes positivas. Como veremos, isso comprometeu seu poder de escolha, suas decisões e sua direção na vida.

Quando rendemos nosso coração a Deus, recebemos também o coração dele em nós, e, quanto mais próximos estivermos do seu coração, mais fácil se torna obedecer-lho. É isso que nos mantém no caminho da vitória. E isso o essencial para a vida!

Friedrich Nietzsche afirmou: "O essencial 'na terra e no céu' é [...] que deveria haver uma obediência constante na mesma direção; isso resulta, e sempre resultou, na longa corrida, em algo que tenha feito a vida valer a pena".³⁰

A entrega de nosso coração a Deus, a fim de nutrirmos em sua atitude vencedora na vida, como bem colocou Nietzsche, está relacionado com a obediência constante. E não existe obediência constante sem renúncia pessoal, sem perdas e sem cruz, conforme nos disse Jesus em Lucas 9.23-25:

Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá; mas quem perder a sua vida por minha causa, este a salvará. Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder-se ou destruir a si mesmo?

Eugene Peterson interpretou as palavras de Jesus sobre a rendição do coração da seguinte forma:

Qualquer um que deseja estar comigo tem de me deixar liderar: você não está no lugar do motorista — eu estou. Não fuja do sofrimento, abrace-o. Siga-me e lhe mostrarei como fazê-lo. Auto-ajuda não ajuda em nada. Auto-sacrifício é o caminho, meu caminho para você encontrar a si mesmo, ao seu verdadeiro eu. De que adiantaria ter tudo o que você deseja e perder a si mesmo, perder seu verdadeiro ser?³¹

Rick Warren estava certo quando afirmou que a chave não é mudar o que fazemos, mas mudar a atitude em relação ao que fazemos.

Esse é o primeiro desafio para quem deseja viver livre e abundantemente.

As atitudes da síndrome

*Como uma camada de esmalte sobre um vaso de barro,
os lábios amistosos podem ocultar um coração mau.
Provérbios 26.23*

*Como é feliz o homem constante no temor do Senhor!
Mas quem endurece o coração cairá na desgraça.
PROVÉRBIOS 28.14*

A má atitude do coração de Caim afetou seu presente e comprometeu seu futuro. Veja algumas das atitudes que dominaram seu coração, a ponto de endurecê-lo e fazê-lo cair na desgraça.

Incapacidade de assumir responsabilidades

Boa parte dos comentaristas bíblicos afirma que, além da atitude ruim de Caim, "sua oferta também não era adequada, pois [ela] foi isenta de sangue. Voluntariosamente, Caim apresenta o produto de suas próprias mãos, desconsiderando o princípio da expiação vicária, que, mais tarde, teria cumprimento total na crucificação".¹ Veja como o coração de Caim se revela ao apresentar a oferta. Ele não assume responsabilidades. Em vez de reconhecer seu erro ao ofertar, Caim irrita-se e rebela-se. Em vez de agir, ele reage!

"Mas não aceitou Caim e sua oferta. Por isso Caim se enfureceu e o seu rosto se transtornou. O SENHOR disse a Caim: 'Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto? Se você fizer o bem, não será aceito?' "²

"O coração do problema é o problema do coração — decaído, adoecido e impotente para modificar-se a si próprio."³ O que Caim precisava fazer era primeiro admitir que agira de forma incorreta e depois voltar a apresentar sua oferta com a motivação adequada e do jeito certo. Mas sua atitude de *não* admitir erros e de *não* assumir responsabilidades por seus atos o destrói.

A síndrome de Caim ainda se faz presente em nossos dias. Muitas vezes nos imaginamos perfeitos. Não assumimos responsabilidades e erros. Somos

daqueles que sempre arrumam uma maneira de responsabilizar mais alguém pelos infortúnios e fracassos pessoais. Nem mesmo os antepassados são poupados. Dominados pela síndrome de Caim, culpamos nossos pais, avós etc. E mais fácil arrumar uma desculpa hereditária para transferir nossa culpa do que assumir as devidas responsabilidades por nossos atos, por nossos erros, a fim de mudar o foco da nossa existência.

A síndrome de Caim transforma-nos em pessoas muito mais inclinadas a *reagir* do que em pessoas dispostas a *agir*. Em vez de agir na direção indicada por Deus, optamos por emburrar a nós mesmos ao receber o seu *não*. Ignoramos a proteção do seu *não* pela incapacidade de assumirmos nossas responsabilidades.

Viver a vida como se fosse uma competição

Ao perceber que a oferta de Abel fora aceita, em vez de ficar feliz com seu irmão, Caim se amargura, fica desgostoso. Caim vê a vida como uma competição. No mínimo, ele precisa empatar com os que vivem a seu lado. Sua oferta precisa ser, pelo menos, aceita como foi a de Abel. Caim anseia pela igualdade. Considera que é merecedor do mesmo tratamento que Deus dá a seu irmão.

O ciúme e a inveja aparecem no coração de Caim. Ele se esquece de que é um ser único para Deus e que, por isso, precisa ser tratado de forma diferenciada. Para Deus, a oferta de Caim não era uma questão de vitória ou derrota — ganhar ou perder —, e sim de adoração, de culto. Não era uma competição, era um sacrifício de louvor. Mas sua atitude interior fez disso uma batalha. Olhe a síndrome aí!

Quantas famílias e pessoas são destruídas por essa atitude errada. Patrões, empregados, cônjuges, pais, filhos, amigos que se arrebatam por enxergar a vida dessa forma — uma verdadeira e contínua competição! Um lugar onde se deve sempre ter um vencedor e um derrotado. Não consideram a possibilidade de apenas aproveitar oportunidades para alegrarem-se pelo sucesso dos que convivem a seu lado, apenas adorando a Deus de todo o coração. São dominados pela síndrome de Caim!

Valorização exagerada de si mesmo

Permitir que a vida fosse dominada pela soberba foi a atitude que complicou a vida de Caim. Seu orgulho o impede de tentar ofertar novamente, de modo a ser aceito por Deus. A soberba de seu coração

apresenta a parceira das desgraças: a vergonha. Tentar de novo? Reconhecer o erro? Isso é uma vergonha! E assim com Caim. Ele permite que o orgulho domine seu coração por inteiro. Mas, como vimos, o orgulho não vem sozinho; ele traz sua irmã, a vergonha.

O orgulho e a vergonha. Jamais diríamos que são irmãos. Eles parecem tão diferentes. O orgulho estufa o nosso peito. A vergonha pesa em nossa cabeça. O orgulho ostenta. A vergonha esconde. O orgulho busca reconhecimento. A vergonha busca ser evitada. Mas não se engane, pois essas emoções possuem a mesma parentela. E têm o mesmo impacto. Elas nos afastam do Pai.

O orgulho diz: "você é muito bom para ele". A vergonha diz: "você é muito ruim para ele". O orgulho afasta. A vergonha nos mantém afastados. "Se o orgulho precede a queda, a vergonha é o que nos impede de levantar-se após a queda."⁴ Não foi diferente com Caim. Com um coração dividido entre o orgulho e a vergonha, ele passou a "temer mais o fracasso do que a desejar o sucesso".⁵

A Bíblia diz que Deus odeia a arrogância;⁶ ele vê o orgulho como uma abominação⁷ porque sabe que o orgulho precede a destruição.⁸ Por isso, ordena: "Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade".⁹

A pessoa com uma visão exagerada de si mesma fundamenta sua vida sobre a falsa premissa de que tem o controle em suas próprias mãos. Acha-se importante demais e auto-suficiente para fazer com que as coisas aconteçam do modo como deseja.

O orgulho de Caim o fez pensar que sua vontade era mais importante que a vontade de Deus. Não aceitava que Deus fosse senhor absoluto de sua vontade. Não procurava fazer as coisas do jeito de Deus. *O jeito Caim de ser* era, a seu ver, a única maneira de viver a vida.

Leia comigo, mais uma vez, o texto de Gênesis 4.16-17: "Então Caim afastou-se da presença do SENHOR e foi viver na terra de Node, a leste do Éden. Caim teve relações com sua mulher, e ela engravidou e deu à luz Enoque. Depois Caim fundou uma cidade, à qual deu o nome do seu filho Enoque."

Preste atenção nas palavras: afastou-se da presença do Senhor... foi viver... teve relações... fundou uma cidade... Qual foi o nome da cidade? Enoque, o nome de seu filho! Caim no controle de tudo, vivendo a vida do seu jeito, conforme sua vontade, auto-suficiente, determinado em fazer as coisas a seu modo, baseado em sua própria força.

Glênio Fonseca Paranaguá escreveu:

Caim foi o primeiro construtor de cidade. Ele procurou edificar alguma coisa que lhe desse segurança e que lhe trouxesse um nível de importância perante os outros. Em seguida, deu o nome de Enoque à cidade, em homenagem ao seu filho primogênito. Esse nome significa inauguração ou consagração. Deste modo, Caim inaugurou a consagração da cidade como a primeira manifestação idolatra de segurança. Ele constrói sua religião, em que os homens são os pivôs de sustentação. A sociedade agora passa a ter um peso significativo no cômputo da religiosidade e a crença toma as dimensões da cumplicidade coletiva.¹⁰

Caim age à sua maneira e, como um orgulhoso convicto, faz uso de suas armas: a justificação, a racionalização e a comparação. Ele se justifica: *já que Deus não me aceitou, vou fazer do meu jeito*. Ele racionaliza: *não tem mais jeito. Minha maldade é grande demais para ser perdoada. Vou viver conforme o que eu penso ser correto*. Ele compara: *nunca vou ser aceito como Abel foi*.

Nada de clamar pela bondade de Deus. Nenhum apelo à misericórdia. Caim não percebe que sua maldade não consegue diminuir o amor de Deus por ele. Em seu entender, Caim achava que o amor divino dependia de seu desempenho. Mas não há nada que possamos fazer para que o amor de Deus por nós diminua ou aumente. A nossa fé não consegue conquistá-lo. Os nossos desacertos não conseguem prejudicá-lo. Deus não nos ama menos quando falhamos. Também é verdade que ele não nos ama mais quando somos bem-sucedidos. Deus ama-nos incondicionalmente, qualquer que seja nosso desempenho.

Caim é soberbo demais para perceber isso, e seu orgulho traz conseqüências terríveis. Esse sentimento nos coloca na contramão do caminho que conduz ao céu. Você já ouviu a expressão *nadar contra a maré*? É o que faz alguém que cultiva o orgulho como prática de vida. A ação de Deus passa a ser contrária, pois o orgulhoso escolhe transitar na contramão da vida. Deus passa a representar-lhe oposição, por sua escolha de pecador. E, por fim, a soberba o priva da graça de Deus. "Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes."¹¹ Se nos colocarmos na direção oposta a Deus, perderemos os efeitos de sua bondade.

Caim escolhe viver fora da medida da graça e da fé. A medida da graça e da fé consiste em termos uma imagem adequada de nós mesmos. Nem abaixo do que somos, pois isso nos tornaria pessoas ingratas a Deus, nem acima do que somos, pois isso seria orgulho. Nem acima, nem abaixo! "Por isso, pela graça que me foi dada digo a todos vocês: Ninguém tenha de si

mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, ao contrário, tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu."¹²

A visão exacerbada de Caim sobre si mesmo, seu jeito "nariz-empinado" de ser o impede de humilhar-se, de procurar ajuda, de clamar por misericórdia, de reconhecer sua fraqueza. Caim não compreende que o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza humana.¹³ Este é um dos grandes malefícios da síndrome de Caim: valorizar demasiadamente a si mesmo.

Caim não compreende que "auto-estima significa ver a si mesmo como Deus o vê e reconhecer-se como uma pessoa especial em quem ele depositou dons, talentos e propósitos específicos, diferentes dos de qualquer outra pessoa".¹⁴

Espírito crítico

A visão exacerbada sobre si mesmo, que Caim nutriu no coração, transformou-o em um crítico frio e maligno. Ele permite firmar em seu coração a mentira diabólica de que ele era melhor que Abel.

Caim, porém, sabia a verdade e temia o fato de Abel ser melhor que ele. O problema não era a certeza de ser o melhor, e sim a convicção de ser o pior. Isso o transformou em um murmurador, um queixoso, homem cínico, alguém incapaz de desfrutar da alegria na vida. Ele tornou-se, como escreveu Stormie Omartian, "um tipo de pessoa que geralmente os outros gostam de evitar".¹⁵

Caim desenvolveu uma atitude crítica no coração. Tanto que, em vez de responder adequadamente a Deus, ele questiona: "Então o SENHOR perguntou a Caim: 'Onde está seu irmão Abel?' Respondeu ele: 'Não sei; sou eu o responsável por meu irmão?' ".¹⁶ O sarcasmo de Caim revela seu espírito crítico: *sou eu o responsável por meu irmão?* Suas atitudes de não assumir responsabilidades, de fazer da vida uma competição e sua valorização exacerbada de si mesmo fizeram nascer o cinismo de um espírito crítico. Eu, Senhor? Meu irmão, Senhor? Não é ele o seu "queridinho"? Sou eu que sei dele? Desde quando sou eu o seu guardador?! Caim questiona com sarcasmo!

Analisando friamente, vemos como a síndrome de Caim nos atinge até hoje. Somos os reis das questões. Temos tantas perguntas para Deus e nenhuma resposta sobre nós mesmos ou sobre a maneira pela qual agimos em relação aos que vivem a nosso lado.

• Questionamos o plano de Deus

Passamos a agir com desconfiança dos estatutos de Deus, duvidamos de sua boa intenção para com nossa vida e nos rebelamos contra o fato de que seu modo de viver é o único que funciona. Deus é visto por nós como um desmancha prazeres. E, por isso, em vez de procurarmos conhecer seu plano bom, concluímos erroneamente que devemos fazer o que manda o nosso coração enganoso. É exatamente aí que estragamos tudo. Acabamos por correr à frente de Deus, tomando nossas *providências* e complicando nossa vida, criando dentro de nós um estado de descontentamento interior!

Alguns anos atrás, eu estava no carro, entre Maringá e Londrina, no Paraná. Pensamento distante... E o coração questionando a Deus pelas lutas que eu enfrentava. Minha mulher, Leonice, estava muito doente, as possibilidades de cura praticamente inexístiam; além disso, as tarefas de um pastor local, acumuladas com as responsabilidades da denominação, faziam com que eu me sentisse cansado, desiludido e com aquela insistente pergunta ressoando no meu íntimo: *será que vale a pena, meu Deus?*

Liguei o rádio e o ajustei numa emissora evangélica. Parece que meus dedos estavam em sintonia com o programa que se iniciava. Em tom claro e confortador, o radialista leu Isaías 45.2,3: "Eu irei adiante de você e aplainarei montes; derrubarei portas de bronze e romperei trancas de ferro. Darei a você os tesouros das trevas, riquezas armazenadas em locais secretos, para que você saiba que eu sou o SENHOR, o Deus de Israel, que o convoca pelo nome".

A leitura desse texto tinha tudo para ser uma linda promessa, mas minhas reflexões foram interrompidas por uma voz conhecida:

— Jacó, não é uma promessa — a voz me assegurou. — É uma pergunta a seu coração. Quem está à frente da sua vida?

A princípio, pensei ser inoportuna essa questão. Deus falava comigo e não se lembrava de que eu era um pastor? Ele não sabia que eu era seu servo? Qual era a resposta que ele queria ouvir?

— Claro, Senhor, que és tu que estás à frente de minha vida. "Quem mais poderia estar?", meu coração questionou (Olhe a síndrome aí!)

Então, sem perder a calma, aquela voz mansa e delicada convidou-me a fazer um teste da minha afirmação:

— Jacó, responda-me quatro perguntas. Primeira: você se vê aplainando ou arrumando seus caminhos?

— Sim, Senhor... — respondi. — Afinal, quero fazer sua obra!

— Segunda pergunta: você se vê forçando portas, na existência, a fim de que as coisas aconteçam?

De forma contundente, respondi que sim.

— Terceira pergunta: às vezes você se sente como que arrastando correntes a seus pés?

— Puxa! É verdade, Senhor! (Agora já me sentia profundamente interessado.) Fazer a sua obra não tem sido fácil — desabafei.

— Quarta pergunta: têm faltado recursos para você fazer a minha obra e você tem batido em portas que se fecham?

Não tinha como responder não:

— Sim, Senhor; tu sabes que moramos num país de Terceiro Mundo!

Rapidamente "a ficha caiu" e aquela voz meiga concluiu:

— Então você está à frente da sua vida. Não sou eu quem a está dirigindo.

A voz era terna, mas não perdia a firmeza. Ela prosseguiu:

— Quando eu estou à frente, é meu papel endireitar os caminhos, abrir as portas de bronze, quebrar os ferrolhos de ferro e dar a você os recursos necessários para executar o meu plano. Se você está se ocupando disso, fica claro que, em algum lugar da sua existência, você me deixou para trás. Seu cansaço e sua desilusão têm a ver com sua atitude de correr à minha frente e não de fazer minha obra.

Com que facilidade deixamos os planos de Deus e passamos a questioná-lo. Duvidamos de que Deus seja confiável, de que seu plano seja bom o suficiente para nós e saímos em desabalada carreira. No final, o que conseguimos é um coração cansado e crítico.

A verdade é que, quando desconfiamos do plano de Deus, nosso modo de vida passa a acontecer em oposição a Deus! E aí que o espírito crítico nos leva a ser pessoas frustradas, amargas, sem sentido na vida. Fora da vontade de Deus, acabamos por nos colocar numa posição que desagrade ao Criador. Dessa forma, somos dominados por sentimentos de irrealização, pois nossa vida não alcança seu verdadeiro intento.

Se escolhermos viver em uma dimensão de vida que nos é proposta tão sabiamente por Deus, nada ou ninguém poderá impedi-lo de executar seus propósitos. Caso contrário, se colocarmos empecilhos nos projetos que Deus tem preparado especialmente para nós, nossa existência ficará fadada ao nada. Viver como queremos é desfrutar, nada mais e nada menos, de uma

vida medíocre e imperfeita. O que Deus sonhou para nós continuará a ser uma possibilidade no coração dele, enquanto o descontentamento se instala em nosso íntimo, porque o único plano bom, perfeito e que funciona é o de Deus e não estaremos contribuindo para que a obra dele se concretize em nossa vida! "Sei que podes fazer todas as coisas; nenhum dos teus planos pode ser frustrado."¹⁷

Somente o plano de Deus pode inundar-nos com a paz verdadeira. Seus planos promovem a esperança que caracteriza nossa existência pela perspectiva de um futuro glorioso e realizador. "Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês", diz o SENHOR, 'planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro.'¹⁸

A única maneira de viver a vida com alegria e realização é confiar no plano de Deus e submeter-se a ele. "Consagre ao SENHOR tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos."¹⁹

O espírito crítico de Caim cegou seus olhos e endureceu seu coração, a ponto de ele se rebelar contra os desígnios de Deus.

• Questionamos os métodos de Deus

Caso sejamos convencidos do plano bom de Deus, então a síndrome de Caim manifesta-se de outra forma: nosso espírito crítico passa a questionar os métodos que Deus utiliza para executar seus planos! Somos invadidos pelo sentimento de que, embora o plano do Criador seja bom, os métodos que usa para torná-lo realidade são muito complicados.

Quando estamos sob o domínio da síndrome de Caim, nossa maneira de agir diverge do modo como Deus age. Nossa maneira de pensar nem sempre é a maneira de pensar de Deus. A implicação disso é a de que o raciocínio de Deus não é o mesmo que o nosso. Por isso, Deus precisa continuamente nos lembrar que, sozinhos, nossa avaliação da vida não serve de base segura para definir as escolhas que fazemos; que nossos pensamentos divergem das idéias dele; que nossa visão é limitada e, se a seguirmos cegamente, acabaremos por comprometer nossos procedimentos.²⁰

A síndrome de Caim leva-nos a querer explicações e compreensão de tudo. Não há espaço para a mente infinita de Deus agir. Permitimos que a síndrome coloque um ponto final no mistério — tudo se torna lógico e racional. O resultado é o descontentamento contra Deus e contra a vida!

Um Deus infinito espera que seres finitos como nós confiemos em seus métodos. E a razão principal está no fato de que nenhum dos métodos que ele utiliza em nossa vida deixa de passar pelo crivo de sua misericórdia. E a

limitação humana que nos impede de entender a forma de agir do seu amor. "Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos."²¹

Quando não confiamos nos métodos divinos, instala-se a síndrome de Caim — tornamo-nos pessoas críticas e a vida perde o sentido. Esquecemo-nos de que Deus opera segundo a sua vontade e não segundo a nossa!²²

• Questionamos o tempo de Deus

A síndrome leva-nos a avaliar o período que Deus usa para executar seu plano. Novamente nosso coração crítico e questionador diverge do plano divino, que parece demorar demais! *Onde está Deus?* Esta passa a ser pergunta freqüente em nosso coração! Somos invadidos pela falsa sensação de que Deus desapareceu²³ e não trará a salvação de que precisamos. Entramos numa crise profunda de questionamentos, lágrimas e depressão.²⁴ Até nossos inimigos se juntam a esse coração crítico e questionador com zombarias.²⁵ O muito que conseguimos, nesses questionamentos, é cansar o Pai.²⁶

Até quando, SENHOR, clamarei por socorro, sem que tu ouças? Até quando gritarei a ti: "Violência!" sem que tragas salvação?

Até quando, SENHOR? Para sempre te esquecerás de mim? Até quando esconderás de mim o teu rosto?

Até quando ficarás olhando? Livra-me dos ataques deles, livra a minha vida preciosa desses leões.²⁷

A maneira pela qual Deus mede o tempo é diferente da nossa! Avaliamos a vida por nosso tempo terreno; Deus avalia a nossa vida com base na vida terrena e na eternidade. Pensamos com base na duração da vida neste mundo e Deus com base na eternidade: "Não se esqueçam disto, amados: pata o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia".²⁸

Quando não entendemos o cronograma de Deus — o tempo oportuno de Deus —, nosso coração se azeda e nele se instala o descontentamento. Marta e Maria, em João 11, são exemplos dessa verdade! As duas irmãs mandam um recado ao salvador: "Senhor, aquele a quem amas está doente". Não obstante o seu amor por Marta, Maria e Lázaro, Jesus demora ainda para ir ao encontro delas, pelo menos dois dias. O fato é que, quando ele chega, Lázaro já tinha sido sepultado havia quatro dias.

Assim que o mestre chega, Marta corre em sua direção com uma

saudação amorosa? Não! Ela o responsabiliza pela morte do irmão (incapacidade de assumir responsabilidades, lembra-se?). Ela diz: "Senhor, se estivesse aqui meu irmão não teria morrido".

Mas, além de transferir a responsabilidade, ela também revela a visão exacerbada que possui de si mesma. Marta julgava-se acima de todos, achava que era a única merecedora da atenção do Criador quando precisasse. É assim que seu coração crítico aparece.

Ouçã a voz depressiva de Marta, como um som de vítima: *É assim que trata as pessoas que o Senhor ama? Onde o Senhor estava? Por que demorou? Agora o meu irmão está morto!* Embora as palavras não apareçam escritas desta forma no texto bíblico, quase podemos ouvir como se tivessem sido exatamente assim os gritos do coração de Marta. Maria, a outra irmã, ficou numa situação tal de emburramento, que nem do quarto queria sair. Precisou alguém ir procurá-la e informá-la de que o mestre queria vê-la. E se você pensa que ela poupou o Senhor de todo o quadro pintado por Marta, está enganado. Tudo se repete.

As duas irmãs perdem o senso de que o tempo de Deus não é o nosso tempo. Deus tem um tempo próprio para agir. "Portanto, humilhem-se debaixo da poderosa mão de Deus, para que ele os exalte no tempo devido."²⁹

Se Jesus tivesse vindo no tempo em que Marta e Maria o estavam esperando, ele teria apenas curado um enfermo. Obedecendo a seu tempo próprio, Deus faz algo maior: uma ressurreição. Em vez de uma simples cura, ele faz um milagre espetacular. O nosso tempo não é o tempo de Deus. Quantas vezes isso tem roubado de nós grandes milagres?

Um espírito crítico é um vício dispendioso e maligno, pois a crítica e a acusação fazem parte do caráter do Diabo. A Bíblia chama Satanás de acusador dos nossos irmãos.³⁰ Culpar e criticar os membros da família de Deus é trabalho diabólico. No instante em que fazemos a mesma coisa, estamos sendo ludibriados para fazer o trabalho de Satanás e, conseqüentemente, nos tornamos seus sócios. Por favor, guarde isto com você: ninguém pode frustrar o plano de Deus e ele sempre é o melhor — Caim esqueceu-se dessa verdade e você sabe no que deu. Os métodos de Deus podem não ser os mais fáceis, mas sempre são os mais efetivos, pois produzirão o melhor resultado em sua vida. Pode parecer tardio, mas a bondade de Deus e sua paciência aguardam até que entendamos o que ele tem para nós. E, assim, Deus faz o melhor, usando a forma mais eficaz, no tempo ideal. "O Senhor não demora em cumprir a sua promessa, como julgam alguns. Ao contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento."³¹

Rejeição

O Senhor disse a Caim: "Se você fizer o bem, não será aceito?".³² Deus não estava rejeitando a pessoa de Caim, e sim os seus atos. Mas Caim não soube separar a rejeição dos seus atos da rejeição de sua pessoa. E não percebeu que o que Deus procurava não era o sacrifício apenas, mas seu coração. Não era o sacrifício de Caim que faria Deus se deleitar. Não são sacrifícios ou holocaustos que agradam a Deus. O que lhe causa alegria e prazer é o coração quebrantado e contrito de pessoas que se rendem a sua vontade. A estes, o Senhor não despreza.³³ Não há nada que leve o coração de Deus a me rejeitar como pessoa. Isto não é tremendo!?

Desculpe-me, mas tive de parar de escrever por alguns minutos para absorver essa verdade com um pouco mais de profundidade.

Enquanto escrevo este capítulo, encontro-me no litoral paranaense. Posso ver o mar e ouvir o barulho das ondas. Bem acima de mim, há um bando de gaivotas alegres. E a verdade de que Deus jamais me desprezará fez meu coração explodir de felicidade e meus olhos verterem lágrimas de alegria. Deus jamais me rejeita. Todas as vezes que vou a ele, ele me aceita!

Por favor, não me entenda mal. Aceitar-nos como pessoa não significa concordar com nossas ações erradas. Deus ama o pecador, mas odeia o pecado. "Mas Deus demonstra seu amor por nós: Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores."³⁴ Apesar de morrer por nós na condição de pecador, ele não aceita o pecado. Por isso morreu, para que pudessemos ficar livres do pecado, para podermos gozar plenamente da sua comunhão.

É nesse ponto que Caim se perde, pois ele mistura a rejeição de seus atos com a rejeição de sua pessoa. Ele se deixa enganar pelo Diabo. Sua mente fundamenta-se na seguinte mentira: "Não tenho valor; então, é perfeitamente compreensível que as pessoas me rejeitem".³⁵ E uma vez que adotemos essa mentira como crença, passamos a interpretar tudo a partir da nossa rejeição. Nossa mente é dominada por toda espécie de pensamentos negativos, impedindo-nos de nutrir uma atitude positiva em relação ao amor divino e à nossa aceitação por Deus.

Leite doce fica azedo se for mantido quente por muito tempo. Atitudes doces tornam-se amargas pela mesma razão. Deixe o aborrecimento esquentar sem um período de resfriamento e qual será o resultado? Uma atitude ruim, amarga e azeda.³⁶

Este foi o problema de Caim: ele desconsiderou a aceitação de Deus, só a

rejeição passou a ter lugar em sua mente e em seu coração. Então, passou a reagir em conformidade com uma vida sem Deus. Seguiu adiante com a coerência de alguém que foi rejeitado. Dá para imaginar que tipo de vida Caim passou a ter? Relacionamentos rotos, amargura, ódio, mentira, revolta, desobediência, rebelião e distanciamento de Deus.

Não encarar a culpa

Caim não enfrentou sua culpa, e este foi um dos fatores que o levaram a se afastar de Deus. Ele saiu da presença do Senhor para não ter de enfrentar o fracasso. Seu pecado aprisionou-o e trancou-o atrás das garras da vergonha, da decepção, do medo e da culpa.

A culpa sempre nos afasta de Deus e das pessoas, porque Satanás vem e semeia a vergonha.

Se ele não pode nos seduzir com o nosso pecado, ele nos fará pensar em nossa culpa. Nada o faz exultar mais do que nos ver nos escondendo em um canto, embaraçado por estarmos de volta com um velho hábito. "Deus já está cheio de seus conflitos", cochicha ele. "Seu pai está cansado dos seus pedidos de perdão", mente ele.³⁷

E a culpa cria um ambiente desesperador. Ela é um algoz que nos tortura incansavelmente. Ela nos priva da felicidade e arruína nossa confiança. Quando não a tratamos de modo adequado, ela instala em nós um constante temor de sermos descobertos em nosso pecado. E isso causa uma grande tensão, que nos leva a um negligente abandono, num esforço frenético por escapar do dedo condenador que insiste em perturbar nossa consciência.

Essa tensão se manifesta em todas as áreas da vida. Mas sobretudo na vida espiritual, impedindo nossa comunhão com Deus. Ao invés de nos achegarmos, distanciamos-nos dele.

A Culpa nunca confirma nada, ela agride.

A Culpa nunca restaura nada, ela fere.

A Culpa nunca resolve nada, ela complica.

A Culpa nunca serve para unir, ela separa.

A Culpa nunca sorri, ela franze a testa.

A Culpa nunca perdoa, ela rejeita.

A Culpa nunca se esquece, mas sempre se lembra.

A Culpa nunca edifica, ela destrói.³⁸

É isso que vemos em Caim. A atitude de não tratar a culpa está estampada em suas palavras: "Meu castigo é maior do que posso suportar [...] e terei que me esconder da tua face; serei um fugitivo errante pelo mundo".³⁹ Esconder-se e fugir tornaram-se as opções possíveis na mente culpada de Caim. Instalou-se o erro e sua vida corrompeu-se. A consciência dele já não tinha o discernimento para agir na direção do que seria o mais sábio e correto a fazer.

Como Caim poderia ter tratado sua culpa?

• Encarar o pecado em vez de escondê-lo

"Onde está seu irmão Abel?"⁴⁰ Você acha que Deus perguntou isso porque desconhecia o paradeiro de Abel ou ignorava o que havia acontecido? Não! Deus estava dando uma oportunidade para que Caim assumisse seu pecado. Mas ele simplesmente desconversa: "Não sei; sou eu o responsável por meu irmão?"⁴¹ E inacreditável! O que Deus esperava de Caim é que ele abrisse seu coração e admitisse o pecado. Mas não, ele opta por escondê-lo.

Quase posso ouvir o lamento do coração de Deus: *Ah! Caim. Será que você não sabe que aquele que tem suas transgressões perdoadas e seus pecados apagados é a pessoa mais feliz desta terra? Será que não percebe como é feliz aquele a quem eu não atribuo culpa? Abra os olhos! Esconder sua transgressão vai fazer você definhar de tanto sofrer. Reconheça diante de mim o seu pecado e não encubra de mim as suas culpas!*²

• Aceitar o perdão de Deus

Veja o que Deus sugere quando questiona Caim: "Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto? Se você fizer o bem, não será aceito?"⁴³ Três perguntas que revelam o profundo interesse de Deus em perdoar o pecado de Caim.

Deus diz: *O que é isso Caim? Por que seu rosto se desfigurou? Deixe essa raiva de lado. Enfrente sua culpa! Se você fizer o que é certo, será aceito. Em outras palavras: Você ainda tem chance. Nem tudo está perdido. Animo, rapaz! Eu o perdôo. Faça as coisas de maneira certa e pronto. Existe possibilidade de se refazer, existe perdão!*

Deus oferecia perdão a Caim, mas Caim não podia se perdoar. Sua resposta foi: *A minha maldade é grande demais para que possa ser perdoada. Da tua face me esconderei. Serei fugitivo e vagabundo na terra.* Ele dá as costas ao perdão de Deus.

Caim não assume as dificuldades que ele mesmo criou. E, por não assumir seus erros, inviabiliza sua recuperação.

• Optar por Deus

Deus jamais abandonaria Caim. Ele se compadece de nós como o pai se compadece de seus filhos.⁴⁴ Não é Deus quem se separa de Caim, mas a maldade do coração de Caim o distancia do Criador, seu pecado encobre o rosto de Deus.⁴⁵ Pode até ser que uma mãe se esqueça de seu bebê que ainda mama. E possível que uma mãe não tenha compaixão do filho que gerou. Todavia, Deus não esquece e jamais abandona seus filhos!⁴⁶

Caim permitiu que o pecado o cegasse a tal ponto que o desejo dominou seu coração de forma irresistível. Em vez de fugir, Caim se entrega aos braços do pecado.

Dietrich Bonhoeffer escreveu:

Existe em nós uma inclinação latente para o desejo que desperta súbita e ardentemente. Com poder irresistível, o desejo domina a carne. De repente, um fogo secreto, sem chamas, se acende. A carne queima e arde. Não faz diferença que seja um desejo sexual, ambição, vaidade, desejo de vingança, amor pela fama e poder ou cobiça pelo dinheiro.

Neste momento, Deus se torna praticamente irreal para nós (lembre-se disso). Ele perde toda a realidade e só o desejo pela criatura é real.

A única realidade é o Diabo. Satanás não nos enche aqui com ódio de Deus, mas nos faz esquecer dele.

A cobiça, assim despertada, envolve a mente e a vontade da pessoa, na mais profunda escuridão. Os poderes do discernimento e das decisões claras são tirados de nós. É aqui que tudo dentro de nós se levanta contra a palavra de Deus.

Portanto, a Bíblia ensina que, em tempos de tentação da carne, há um só mandamento: fuja da fornicação, fuja da idolatria, fuja das

paixões da juventude, fuja da sensualidade do mundo. Não é possível resistir a Satanás nessas ocasiões, senão fugindo. Todo esforço contra a cobiça em nossas próprias forças está condenado ao fracasso.⁴⁷

Sim! Caim poderia ter optado por ficar com Deus e fugido do pecado, mas não foi essa a sua decisão. Desgraçadamente, ele optou por se afastar da presença do Senhor e viver do seu jeito.⁴⁸

Fundamentar a vida na mentira

"Caim atacou seu irmão Abel e matou-o. Então, o SENHOR perguntou a Caim: 'Onde está seu irmão Abel?' Respondeu ele: 'Não sei...' "⁴⁹

Deus oferece a oportunidade de Caim tratar o assunto, resolver o problema, mas ele prefere esconder a verdade e entregar-se a uma vida de mentiras. Caim deve ter pensado que a mentira poderia facilitar-lhe as coisas, e assim cai no engano da mentira. Não percebe como ela é prejudicial. Não vê, ou se nega a ver, que a mentira atinge, com poder destrutível, o mais profundo do nosso ser.

Todo homem que se aventura a mergulhar num lamaçal de mentiras fica tão amortecido pela sujeira que se aloja em seu coração, que acaba, ele mesmo, acreditando nas próprias invenções. Quanto mais apregoa mentiras, mais se torna insensível e covarde em ouvir, aceitar e proferir verdades. Mais distante de Deus permanece.

A mentira corrompe nossa comunhão com Deus e, por fim, nos distancia dele.⁵⁰ Ela é contra a natureza de Deus, pois o Senhor é Deus da verdade.⁵¹ O apóstolo Pedro declara: "... nenhum engano foi encontrado em sua boca".⁵² A mentira leva-nos a romper com Deus e a estabelecer laços estreitos com Satanás.

Peço sua licença para deixar Stormie Omartian tratar desse aspecto:

Mentir significa que você aliou-se a um espírito de mentira, que é Satanás. Contar uma mentira significa que você deu uma porção do seu coração ao Diabo. Permitir que o Diabo domine qualquer parte do seu coração o torna vulnerável ao seu reino. Quanto mais você mente, mais poder [ele] tem sobre você e, uma vez que esteja atado por um espírito de mentira, não será mais capaz de parar de mentir.⁵³

O texto de João 8.44 aborda essa parte da vida de Caim. Foi ele quem cometeu o primeiro homicídio da história da humanidade. Leiamos João e

deixemos que o texto penetre em nosso coração: "Vocês pertencem ao pai de vocês, o Diabo, e querem realizar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio e não se apegou à verdade, pois não há verdade nele. Quando mente, fala a sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira".

A mentira separa-nos de Deus. Ela atrai a ira de Deus. Ela nos impede de viver relacionamentos saudáveis e causa ruína.⁵⁴

Deixe-me sinalizar quatro características de alguém que fundamentou sua existência na mentira.

- **Isolamento**

Uma pessoa que se fundamenta na mentira precisa viver isolada. Não estou falando de isolamento físico, sem a companhia de pessoas. Estou falando de um isolamento pior: o interior. Cercada por colegas, conhecidos, parentes, porém solitária por dentro; sozinha e possuidora de uma mente que passa o tempo todo arquitetando mil maneiras de impedir que o que há em seu coração torne-se visível aos olhos dos outros; atormentada por um medo terrível de que sua máscara caia e sua verdadeira pessoa seja revelada ao público que a assiste.

Sim, porque ela se comporta como uma personagem em cima do palco, representando um papel de mentiras. Por trás dos sorrisos e da aparente vida festeira, essa pessoa vive uma solidão mortal que ninguém pode imaginar, em algum lugar entre *o ódio e a inveja*. Ódio por viver assim. Inveja porque ela se torna alvo de cobiça daqueles que desconhecem seu verdadeiro mundo e que, por isso, desejam ter a vida que tal pessoa aparenta ter. Até nesse ponto ela é isolada.

- **Vida sem valor**

A pessoa que vive fundamentada na mentira sabe que suas conquistas são imerecidas. Sabe que é uma farsa. Tem convicção de que não tem nada a ver com elas. Quando vêm os elogios, as coroas de glória, uma voz interior denuncia que até a celebração é uma mentira. Celebrar o quê? Festejar qual conquista?

Dentro de nós, somos dominados por pensamentos: *se soubessem quem eu sou, eles saberiam a verdade sobre tudo*. Isso mata a alegria verdadeira e o sentimento de realização, de conquista.

• Vida sem paz

A mentira nos rouba uma vida de paz, uma vez que a paz é a principal evidência de que nossa vida está fundamentada na verdade de Deus. "Tu, SENHOR, guardarás em perfeita paz aquele cujo propósito está firme, porque em ti confia."⁵⁵

Uma pessoa que constrói a vida na mentira perde a paz que excede todo o entendimento. Seu coração fica desprotegido e a sua mente, à mercê da tragédia.⁵⁶

A mentira não só rouba a nossa paz, como nos tira o Deus da paz.⁵⁷

• Vida irreal

A mentira exige a criação de um mundo próprio, cujas companhias são: eu, a consciência, o Diabo e Deus.

O *eu*, com suas justificativas e racionalizações para permanecermos na mentira.

A *consciência*, se ainda boa, pode nos alertar. Mas, se corrompida, afunda-nos ainda mais na mentira e tortura-nos com a culpa.⁵⁸

O *Diabo*, aquele que nos ajudou, nos incentivou a preparar tudo, agora faz pesar sobre nós o que sabe fazer perfeitamente bem: acusar-nos dia e noite.⁵⁹

E *Deus*, ele também está nesse *nosso mundo*. Nada pode nos afastar de sua presença. Mesmo nesse mundo, o braço dele continua competente; seu ouvido sempre pronto para ouvir. O problema está na decisão maldosa do nosso coração de continuar vivendo na mentira. Essa decisão nos separa dele. O fato de optarmos por não romper com nossos pecados acaba por esconder o rosto de Deus de tal forma que ele não nos ouve.⁶⁰

Dá para imaginar que tipo de vida vive uma pessoa que alicerça sua existência na mentira? Deixar a mentira precisa ser a nossa escolha. Precisamos clamar a Deus para que ele nos livre dessa armadilha.⁶¹ Os salmos 120.2 e 141.3 precisam ser o conteúdo de nossas orações: "SENHOR, livra-me dos lábios mentirosos e da língua traiçoeira!"; Coloca, SENHOR, uma guarda à minha boca; vigia a porta de meus lábios". Amigo leitor, Deus planejou que vivêssemos uma vida cada vez mais abundante. Em seu plano, nossa vereda, nosso caminhar, seria "como a luz da alvorada, que brilha cada vez mais até a plena claridade do dia".⁶²

Como vimos na história, Caim não optou pelo plano de Deus. Ele escolheu, por livre vontade, as atitudes que produziram o efeito contrário em

sua existência. Por isso, passou a viver uma vida que *sutilmente* — preste atenção neste detalhe — estragou o seu hoje e comprometeu negativamente o seu amanhã.

Ao finalizar este capítulo, convido você a meditar cuidadosamente sobre os *motivos* do seu coração. Tire um tempo para verificar em qual direção seu coração se inclina. Peça a Deus para que coloque seu coração à prova. Deixe-o examiná-lo. Certifique-se de que seu coração se alegra em fazer a vontade de Deus, de que a integridade se encontra em seu coração.

Faça da oração do salmista a sua: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece as minhas inquietações".⁶³

O procedimento da síndrome e a contaminação do procedimento

*Tudo o que você faz conta.
Contará para a vida ou para a morte.*
STORMIE OMARTIAN¹

"Por falta de um prego, perdeu-se uma ferradura. Por falta de uma ferradura, perdeu-se um cavalo. Por falta de um cavalo, perdeu-se uma mensagem. Por falta de uma mensagem, perdeu-se uma batalha. Por falta de uma batalha, perdeu-se um reino. Tudo por falta de um prego."² E assim é com nossa vida! O nosso procedimento é a consequência da atitude que adotamos. Se não mantivermos a atitude correta, tudo se perde.

Quanto mais leio sobre o inventor Thomas Edison, mais o admiro. Ele foi um homem surpreendente. Devido a sua capacidade criadora, hoje temos à disposição o microfone, o toca-discos, a luz incandescente, a bateria, o cinema falado, dentre outras tecnologias. Mas, antes de tudo, ele era um homem que mantinha uma atitude positiva. E foi isso que o capacitou a manter um procedimento vitorioso, mesmo cercado por situações difíceis da vida.

Seu filho, Charles Edison, conta sobre uma noite de inverno, em dezembro de 1914. Nessa época, as experiências com o acumulador alcalino de níquel e ferro, ainda infrutíferas e às quais seu pai dedicara quase dez anos, colocaram Edison num aperto financeiro. Sua única renda provinha da produção de filmes e discos.

Naquela noite de dezembro, o grito de "Fogo!" ecoou pela fábrica. Ocorrerá combustão espontânea na sala de filmagem. Em minutos, todas as embalagens, celulóide para discos e filmes e outros materiais inflamáveis estavam em chamas. Vieram bombeiros de oito cidades vizinhas, mas o calor intenso e a baixa pressão da água tornaram inútil a tentativa de apagar as chamas. A destruição foi total.

Sem conseguir encontrar o pai, Charles ficou preocupado. Estaria ele a salvo? Com todos os bens virando cinzas, teria o espírito quebrantado? Afinal, ele tinha 67 anos, não estava mais em idade de recomeçar. Nesse momento, o jovem viu o pai no pátio da fábrica, correndo em sua direção.

— Onde está sua mãe? — gritou o inventor. — Vá buscá-la, filho. Diga a ela para vir depressa e trazer as amigas! Elas nunca verão um incêndio

desses outra vez!

Bem cedo, na manhã seguinte, muito antes de o sol nascer, quando o fogo mal tinha sido controlado, Edison reuniu os empregados e fez um anúncio incrível:

— Vamos reconstruir!

Disse a um homem que alugasse todas as oficinas mecânicas na área. Mandou outro conseguir um guindaste da Erle Railroad. Depois, quase como numa reflexão tardia, acrescentou:

— Ah, sim, já ia me esquecendo, alguém sabe onde podemos arranjar dinheiro?

Mais tarde, Edison explicou:

— Podemos sempre obter capital com o desastre. Acabamos de limpar uma porção de destroços velhos. Vamos construir algo maior e melhor sobre as ruínas. Logo depois, bocejou, enrolou o paletó como travesseiro, deitou-se sobre uma mesa e adormeceu imediatamente.³

A atitude do coração de Thomas Edison determinou seu procedimento!

Na verdade, nosso procedimento denuncia a qualidade das atitudes que nutrimos nele, pois a boca fala do que está cheio o coração. "Mas as coisas que saem da boca vêm do coração, e são essas que tornam o homem 'impuro'."⁴ O coração define o conteúdo da boca, que acaba por contaminar o homem em todo o seu procedimento. Enquanto estivermos movidos pela síndrome de Caim, esta é a seqüência de ações que se estabelece: primeiro, a atitude no coração; depois minha atitude determina minhas escolhas na vida; por sua vez, minhas escolhas definem o conteúdo do meu procedimento!

Se desejarmos proceder de forma adequada, portanto, precisamos cuidar do procedimento a partir do nosso coração. Um homem bom produz boas obras a partir de seu bom coração. E um homem mau, da maldade do seu coração, produz más obras. O que está no coração aparece quando ele fala.⁵

Precisamos encarar o fato de que o procedimento começa com o coração. Um procedimento adequado começa com a sondagem do coração, prossegue com a seleção dos pensamentos e finaliza com as escolhas que faremos ao proceder no dia-a-dia. "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece as minhas inquietações. Vê se em minha conduta algo te ofende e dirige-me pelo caminho eterno."⁶

Um procedimento bom precisa de um coração convertido e consagrado a Deus, para que, uma vez dono de nossas motivações e propósitos, o Senhor comande continuamente nossa vida diária. Só poderemos trilhar caminhos

retos se nosso coração for entregue a Deus. Quando ele ocupar a sede de nossas atitudes, teremos condição de proceder da forma que o agrada. E aí que o pecado não tem domínio sobre nós, uma vez que estamos na direção da graça de Deus e não na tirania do desejo do pecado.⁷

E nesse ponto que o procedimento de Caim não foi aceito por Deus. Ele não procedeu bem quando não cuidou de seu coração. A atitude de Caim era maligna; seu coração tornou-se mau, o que, por sua vez, determinou negativamente seu procedimento — as obras — a ponto de adoecê-lo mortalmente. Embora corrigido por Deus, Caim não mudou o comportamento. Endureceu seu coração. Ficou mortalmente rebelde, sem que houvesse possibilidade de recuperação.⁸

Veja a seguir o que Caim permite como prática em seu proceder diário.

As práticas da síndrome de Caim

• Autopiedade: Vou cuidar de mim mesmo!

Quando não reagimos positivamente à confrontação de Deus, a autopiedade é o pecado que surge em nosso coração. Esse pecado surge da atitude de discordar de Deus. Achamos que agimos certo e que Deus errou. Somos vítimas e Deus é nosso algoz.

Essa foi a atitude de Caim. Tanto que Deus chamou sua atenção, ao dizer que ele seria aceito se procedesse bem. Por que Deus o confronta assim? Porque ele não tinha feito a coisa certa. Alguns comentaristas afirmam que o problema da rejeição de Deus com Caim está ligado ao fato de que ele trouxe uma oferta qualquer a Deus, enquanto Abel trouxe das primícias.

Embora seja um aspecto da verdade, vejo que o principal problema ainda está no coração. Caim discorda de Deus, presunçosamente julga sua atitude, rebelde-se contra a justiça divina e vê-se no direito de avaliar a vida no nível de Deus.

Aconteceu que a atitude de Adão e Eva, os pais de Caim, se repetiu no filho: Caim quis ocupar o lugar de Deus em sua vida, como seus pais haviam feito no princípio de tudo.

"Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, *como Deus*, serão conhecedores do bem e do mal". Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se

obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também.⁹

Para Caim, Deus não era justo e, portanto, não era confiável. Ele precisava fazer alguma coisa por si mesmo! Não é exatamente o que acontece muitas vezes conosco? Ficamos com pena de nós mesmos, a ponto de tomarmos as rédeas da vida e ocuparmos o lugar de Deus. Tentamos viver por nossa conta, na direção errada, e agimos independentemente do Todo-Poderoso! O procedimento é este: tenho de correr atrás da minha felicidade; senão, quem fará isso por mim!?

Na autopiedade, a proposta maligna é: *cuide de você mesmo. Já que Deus não o aceitou, você precisa tomar providências a seu modo. Cuide de si mesmo!*

Está vendo em que condições começamos a agir por conta própria e a correr atrás de nossos desejos? É a partir da autopiedade que damos início a uma etapa de erros e conseqüências desastrosas.

Vejamos um dos parceiros da autopiedade.

• **Descontentamento: Mereço mais do que isso!**

Com pena de si, Caim torna-se um homem descontente, de semblante transtornado. Um conceito maligno toma conta de seu coração. Uma voz interior soa-lhe repetidamente: *você merece mais do que isso!*

É, certamente, outro aspecto da tentação diabólica de criar insatisfação, ingratidão no coração de Caim! Ele passa a querer coisas melhores, segundo seu ponto de vista. O coração dele agora crê que o bem de Deus não é suficiente, nem tão bom assim! A voz maligna prossegue: *Deus não está sendo justo com você. Você merece coisa melhor do que está recebendo dele.*

E assim que Satanás age até hoje. Ele torna nosso coração descontente, ingrato, utilizando os mais sujos argumentos: *você não é filho de Deus?! Então, por que está sofrendo assim? Por que Deus não cuida melhor de você? Isto é o máximo que Deus pode fazer por você? Por que ainda não conseguiu um emprego melhor? Por que ainda não se casou? Olhe para seus amigos, veja como o padrão de vida deles é melhor, veja o que eles têm em comparação a você. Se Deus o ama, por que você não tem as mesmas coisas que eles têm?* Pode acreditar, é o Diabo tentando instalar em nós uma vida de descontentamento!

O descontentamento é uma afronta à graça de Deus. Tudo o que temos e

somos não tem nada a ver com nossos feitos e merecimentos. Tudo é prêmio imerecido, providência e determinação da graça divina: "não em virtude das nossas obras, mas por causa da sua própria determinação e graça. Esta graça nos foi dada em Cristo Jesus desde os tempos eternos".¹⁰

O descontentamento é perigoso porque contagia. E por isso se tornou um campo fértil para a prática do pecado, pois contagiou o coração de Caim com a ira.

• Ira: Não é justo!

Caim encheu seu coração de ira, e logo seu rosto o denunciou: ficou transtornado! "Por isso Caim se enfureceu e o seu rosto se transtornou."¹¹ Charles Swindoll define a ira como sendo "uma reação emocional de hostilidade que traz desgosto pessoal, seja para nós mesmos ou para outra pessoa".¹²

Os psicólogos dividem a ira em cinco estágios:

- irritação branda ou aborrecimento;
- indignação expressa ou não;
- desejo de vingança;
- fúria, que envolve perda do controle emocional;
- e a cólera, que é a forma mais contundente da ira, porque envolve perda temporária do controle, culminando com atos de violência.

Caim extrapolou todos os estágios da ira, por isso pecou. Chegou ao ponto de matar seu próprio irmão. Ele não entendeu contra quem era a sua guerra: Deus, Abel ou o Diabo.

A ira e seus importantes aspectos

Toda expressão de ira é errada? Irar-se é pecado? Paulo adverte: "Quando vocês ficarem irados, não pequem". Apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha".¹³ E possível irar-se sem pecar. A ira é uma emoção dada por Deus, equivalente à alegria, ao regozijo e ao amor. Um cristão pode expressar sua ira quando percebe que alguém que convive a seu lado está voluntariamente desobedecendo à verdade conhecida de Deus. Um cristão pode revelar sua indignação quando percebe que o direito das pessoas não

está sendo respeitado.

Não pecamos por ficarmos irritados com as contrariedades da vida, mas, sim, quando permitimos que a ira se prolongue em nosso coração noite após noite. Precisamos ter certeza, no fim de cada dia, de que o problema que causou tanta ira em nós tenha sido tratado adequadamente. Como afirmamos, a ira é uma emoção dada por Deus, que nos permite expressar esse sentimento, mas espera que não a abriguemos até ao ponto em que ela se transforme em pecado.

Caim cometeu este erro básico: ficou tremendamente irado e permitiu que a ira extrapolasse os limites tolerados por Deus. Foi assim que Caim pecou! Ele permitiu que a ira ocupasse seu coração!

Guarde bem isto: quando a ira é produto de um motivo errado do nosso coração (*motivação errada*), ou expressão explosiva por não termos conseguido o que queríamos (*egoísmo*), ou ainda resultado de uma ação precipitada (*precipitação*), ela se transforma em um comportamento pecaminoso.

Veja o que a ira revela sobre nosso estilo de vida:

- Primeiro, ela revela o quanto somos imprudentes: "A sabedoria do homem lhe dá paciência; sua glória é ignorar as ofensas".¹⁴
- Segundo, ela revela o quanto somos tolos: "Não permita que a ira domine depressa o seu espírito, pois a ira se aloja no íntimo dos tolos".¹⁵

É imprudência e tolice deixarmos a ira adormecer em nossa vida, mesmo que seja por uma só noite. Esse é o tempo suficiente para que ela abra porta para o Diabo entrar. "Apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha, e não dêem lugar ao Diabo."¹⁶

Abrir a porta da vida ao Diabo é uma opção muito grave! Se ele entrar, fará de você uma pessoa frágil. Frágil o suficiente para que possa moldar o seu caráter maligno em você e através de você.

O segundo aspecto está ligado a por que Caim pecou ao irar-se. A questão é mais profunda do que a duração do sentimento de ira e está relacionada com a sua atitude, a qual evidenciava um coração desconfiado de Deus. Ele pecou porque sua ira questionava a justiça divina. O sentimento predominante no coração de Caim era: *Isso não é justo. Como Deus pode fazer isso comigo?* Seu coração não concorda com os parâmetros divinos de julgamento, sobre o que é bom e o que é mal, o que é certo e o que é errado,

o que Deus deveria aceitar e o que deveria rejeitar. Caim ocupa o lugar de Deus em sua própria vida.

Você se lembra onde isso começou? Foi no Éden com Eva, que se deixa possuir pelo desejo de ser igual a Deus, conhecedora do bem e do mal. Em outras palavras, com capacidade para fazer seu próprio julgamento sobre aquilo que presta e o que não presta, para eleger suas próprias necessidades e prioridades, governar sua vida de acordo com seu jeito.

Disse a serpente à mulher: "Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal". Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também.¹⁷

Você, leitor, pode perceber a semente de desconfiança que o Diabo semeia no coração da mulher? Notou como Eva age na direção de adquirir capacidade para fazer suas escolhas e decisões sem Deus? Viu como ela luta para ocupar o lugar de Deus em sua própria vida?

E uma vez que permitimos a entrada da ira em nosso procedimento, logo ela traz sua parceira inseparável: a amargura!

• **Amargura: Olha só o que fizeram comigo!**

A raiva não resolvida se transforma em amargura! David A Seamands escreveu: "A amargura é a maior razão de vidas e relacionamentos prejudicados, bem como pela perda da vitalidade, alegria e liberdade. A amargura faz com que multidões percam poder e eficácia".¹⁸

A amargura leva-nos a negar a possibilidade de qualquer saída. O ressentimento faz com que as *bordas da saída* fiquem escorregadias. A ira cria um lamaçal que faz com que nossos pés não se movam. O cheiro fétido da traição toma conta do ar e irrita nossos olhos. Uma nuvem de autocomiseração esconde a visão da saída que Deus nos providencia.

Foi exatamente o que aconteceu com Caim. Ele ficou irado, emburrado, arrogante, queixoso e acusador. Isso tudo pode ser resumido numa só palavra: *amargurado*. E foi a amargura que o prendeu na cela da autocomiseração. O tempo todo, em seu interior, Caim amargamente raciocinava: *Veja só o que fizeram comigo!*

A amargura é a ira num estágio adoecido e avançado. Ela é o ressentimento da alma e traz conseqüências terríveis ao nosso procedimento.

A amargura priva-nos da graça de Deus! Ela nos impede de ter a posse das bênçãos que Deus, através do seu amor, tem para nós; leva-nos a colocar a ação de Deus distante de nós, porque ela não nos permite ver possibilidades de perdão e recomeço com Deus, perdão para os que nos feriram e perdão para nós mesmos.

Uma pessoa amargurada é uma pessoa que não se perdoa e, assim, não vê necessidade ou possibilidade do perdão das outras pessoas envolvidas; tampouco crê no interesse e no perdão divino. A amargura isola a vida da pessoa de tal forma no desejo do pecado, a ponto de ela não conseguir ver em Deus nada mais além do que castigo. A amargura priva-a da graça de Deus, rouba-lhe a capacidade de raciocinar e de ver o verdadeiro interesse de Deus: o perdão!

A amargura perturba-nos! Isto é, ela interfere em nosso raciocínio. Nossa mente não segue uma estrutura sadia. Literalmente, tornamo-nos pessoas perturbadas. Foi assim com Caim: semblante transtornado, cabisbaixo e furioso. Sabe por que a amargura nos perturba? Porque nossos pensamentos perdem a influência divina. Aí é só uma questão de tempo, e o nosso procedimento se contamina. As conseqüências? Caminhos divorciados dos caminhos divinos e, por fim, procedimentos errados, distantes de tudo o que Deus esperava de nós.

A amargura compromete nosso testemunho! Procedimentos errados acabam por sinalizar, aos que convivem conosco, um estilo de vida sem Deus. Todo tipo de influência positiva que exercíamos sobre a vida das pessoas se acaba.

A amargura nos faz escravos do ofensor e da ofensa! A amargura causa mais dano à pessoa que a nutre do que à pessoa que é alvo do ressentimento, pois a pessoa amargurada torna-se escrava do seu próprio ódio. A lembrança da pessoa odiada está em sua mente o tempo todo, e ela se torna escrava da outra.

A amargura cria laços do Diabo em nossa vida! Ao permitir a amargura no coração, acabamos por dar espaço para a ação do Diabo em nossa vida.

Na segunda epístola aos coríntios, Paulo toma a atitude do perdão por duas razões: por amor às pessoas e por não permitir que o Diabo tivesse vantagem — ponto de identificação na sua vida:

Se vocês perdoam a alguém, eu também perdôo; e aquilo que

perdoei, se é que havia alguma coisa para perdoar, perdoei na presença de Cristo, por amor a vocês, a fim de que Satanás não tivesse vantagem sobre nós; pois não ignoramos as suas intenções.¹⁹

Guardar amargura é dar uma procuração ao Diabo para agir em nossa vida. Embora eu não creia que seja possível uma pessoa que nasceu de novo ficar literalmente possuída por demônios,²⁰ a Bíblia é clara em nos ensinar sobre a ação maligna na vida daqueles que dão lugar ao Diabo. Ele pode agir a nosso redor,²¹ com ciladas, dias maus e setas inflamadas.²²

Então, se não queremos que Satanás tenha vantagem em nossa vida, precisamos eliminar a amargura. E isto é uma ordem divina: "Livrem-se de toda amargura, indignação e ira, gritaria e calúnia, bem como de toda maldade. Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoadando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo".²³ Não fazê-lo é desobediência, e a desobediência é uma porta de livre trânsito para o inferno e suas hostes.²⁴ *A amargura impede-nos de recebermos o perdão de Deus!* Max Lucado escreveu: "Onde a graça de Deus é omitida, nasce a amargura. Porém, onde a graça de Deus é abraçada, floresce o perdão".²⁵ E o perdão divino está condicionado ao perdão humano. Jesus foi enfático nesse assunto quando ensinou seus discípulos a orar: "Pois se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará. Mas se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não lhes perdoará as ofensas".²⁶

A base da cura da amargura está em perdoar. Isso só acontece quando nos concentramos naquilo que Jesus fez por nós, em vez de mantermos o foco na ofensa sofrida. A cura está em não segurarmos nenhuma ofensa em nosso coração. Como Pedro nos lembrou, devemos entregar nossa ofensa e nosso ofensor àquele que julga retamente. Esta é a atitude mais acertada que uma pessoa possa tomar. Além disso, perdoar é uma oportunidade de revelarmos nossa imagem e semelhança de Deus, que recebemos ao sermos criados por ele. Quando escolhemos perdoar, estamos imitando o próprio Deus.

Mas o que significa perdoar? Recebi algumas definições sobre perdão e as relaciono abaixo. Não sei os nomes dos seus autores. Todavia, elas nos ajudam a clarear o que seja perdão e nos motivam a libertar nossa amargura:

- Perdoar significa ceder ou deixar de lado, colocar em liberdade.
- Perdoar não é o mesmo que esquecer. Muitas vezes, é impossível esquecer.
- Perdoar significa nunca mais trazer o passado para ser usado contra a pessoa.

- Perdoar não é deixar passar um tempo até não sentir mais a dor, pois, assim, a mágoa simplesmente fica adormecida em seu interior.
- Perdoar é uma decisão, exige força de vontade. E a decisão de abrir mão de uma dívida emocional contra o outro, abrir mão da vingança.
- Perdoar é fruto de uma decisão, não de um sentimento. É um ato de vontade: *eu perdôo*. E a obediência a Jesus Cristo.

Quando avaliamos a amargura, como fizemos, podemos perceber como estava o coração de Caim. Dá para ter uma noção dos transtornos causados pela auto-piedade, pelo descontentamento, pela ira e pela amargura na atitude interior de Caim?

Mas isso não é tudo. Ainda há mais desdobramentos. Na maioria das vezes, a amargura não caminha só. Ela se atrela à vingança!

• Vingança: Isso não vai ficar assim!

A vingança nada mais é do que a amargura personificada. "Disse, porém, Caim a seu irmão Abel: 'Vamos para o campo'. Quando estavam lá, Caim atacou seu irmão Abel e o matou."²⁷

Caim falou com seu irmão. Nesse contexto, podemos deduzir em que nível a conversa ocorreu. No mínimo, por mais amistosa que aparentemente tenha sido, sabemos que o propósito era o mal.

Abel não tinha nada a ver com a rejeição do irmão, mas Caim precisava fazer algo para *saciar* seu espírito vingativo. Então, raciocinou de forma errada: colocando um ponto final em Abel, ele eliminaria a razão da sua rejeição. Caim projetou sua ira em alguém... Naquele que vivia a seu lado: seu irmão. Abel não era o problema. Mas, em seu interior, Caim precisava achar alguém além dele mesmo para culpar. E, como não podia fazer isso com Deus, ele o fez com Abel.

Você percebe que, muitas vezes, isso acontece conosco? Na maioria das vezes, aqueles que convivem conosco são responsabilizados por nossos fracassos. Nossos pais, nosso cônjuge, nossos filhos, irmãos e amigos — os mais próximos. Por isso, cuidado! O que Caim não estava percebendo era que, quando enveredamos para o caminho da vingança, decididamente nos tornamos concorrentes de Deus! Por isso, vale a pena ouvir o apóstolo Paulo: "Amados, nunca procurem vingar-se, mas deixem com Deus a ira, pois está escrito: 'Minha é a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor.'"²⁸

A vingança, quando necessária, é sempre uma função divina, nunca uma ação humana. Ao tomar a decisão pela vingança, Caim estava tentando ocupar o lugar de Deus, ou seja, ele novamente manifesta sua intenção de ser o deus da sua própria vida. Sua atitude vingativa o faz desembocar na depressão.

• **Depressão: Nada faz sentido!**

Embora a depressão possa ter outras causas, no caso de Caim era pura desobediência do coração. A depressão tomou conta de Caim: "Por isso Caim se enfureceu e o seu rosto se transtornou. O SENHOR disse a Caim: 'Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto?' "²⁹

O semblante de Caim transtornou-se, instalou-se a tristeza no seu estado mais doloroso! A dor da tristeza é algo insuportável, muito próxima da sensação de morte. Por uma razão bem diferente, Jesus sentiu a dor da tristeza. Em Marcos 14.34, o encontramos descrevendo esse sentimento: "A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem".

Viver longe de Deus nos faz sentir, cada vez mais, vazios e irrealizados. Podemos até conquistar coisas e poder, mas não temos realização. Tudo é um grande vazio. Temos casa, mas não o sentimento de família; carro, mas não a sensação gostosa da viagem; alimentos, mas não temos apetite; cama confortável, mas nos falta o sono; vivemos cercados de pessoas, mas não podemos experimentar intimidade; conquista, mas nada de realização!

Tristeza, insatisfação, vazio... Depressão era o que ocupava o coração de Caim. Tudo isso criou nele um coração endurecido e rebelde.

• **Rebeldia: Vou viver do meu jeito!**

Esse foi o estágio final do coração de Caim. Em vez de buscar a cura, ele se entrega à rebeldia: "terei que me esconder da tua face; serei um fugitivo errante pelo mundo [...]. Então Caim afastou-se da presença do SENHOR e foi viver na terra de Node, a leste do Éden".³⁰

Caim vira um fugitivo errante, dá as costas para Deus e vai seguir o caminho do seu próprio coração. É assim que reage um rebelde: segue o caminho do seu próprio coração! Não é de admirar que Caim tenha procedido da forma como o fez, pois seu coração estava mais que contaminado.

Julgo oportuno terminar lembrando a afirmação de Stormie Omartian

que abriu este capítulo: *Tudo o que você faz conta. Contará para a vida ou para a morte.*

Um viver rebelde promove terríveis conseqüências nesta vida. Pode até ser que não percebamos determinados aspectos dessas conseqüências aqui. Todavia, não devemos nos iludir, pois tudo o que fazemos conta, vamos ter de encarar nossos atos perante Deus. Sim, vamos estar diante de Deus e ele "trará a julgamento tudo o que foi feito, inclusive tudo o que está escondido, seja bom, seja mau".³¹

Pense nisto: *Tudo o que você faz conta. Contará para a vida ou para a morte.*

Os falsos conceitos da síndrome

A maioria de nós passa a vida conjugando três verbos: "querer", "ter" e "fazer". [...] Esquecemos que nenhum desses verbos tem um significado importante, exceto quando estão ligados ao verbo principal que é "ser", a essência da vida espiritual.

EVELYN UNDERHILL

Descontente, com pena de si mesmo, irado, amargurado, deprimido, corroído pela culpa e dominado pela rebeldia, Caim é confrontado por Deus: "Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto?"²

Vivendo agora sob os procedimentos de um coração contaminado, conseqüência da atitude ruim que adotara por escolha, Caim vive a vida, fundamentado em seus conceitos, pessoais e falsos.

Todo desejo precisa ser satisfeito

Veja como Deus confronta Caim sobre seu desejo: "saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo".³ Caim é exortado a não se entregar ao seu desejo, mas a dominá-lo. Ele estava com seus sentidos pervertidos pelo falso conceito de que todo desejo precisa ser satisfeito. Uma insatisfação mórbida havia contaminado todo o seu ser. Ele se torna uma pessoa ingrata e não sabe lidar com a decepção de algo não ter sido atendido de seu jeito, a seu modo. Ortberg já dizia que por mais estranho que pareça, as pessoas, cujos desejos são constantemente satisfeitos desde a infância, tornam-se as mais ingratas. Para sermos agradecidos, precisamos aprender que somos capazes de lidar com as decepções e esperar pela gratificação com paciência e perseverança.⁴

A estratégia do Diabo é criar em nosso coração a falsa idéia de que, se tivermos um desejo, precisamos satisfazê-lo, custe o que custar. Tal estratégia é fundamentada em duas mentiras.

A *primeira mentira* está relacionada com a idéia errônea de que todo desejo do nosso coração procede de Deus. Isto não é verdade! Muitos deles vêm da nossa vontade divorciada da vontade de Deus e outros são produtos da indução maligna ao pecado. "Quando alguém for tentado, jamais deverá dizer: 'Estou sendo tentado por Deus'. Pois Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta. Cada um, porém, é tentado pelo próprio mau desejo, sendo por este arrastado e seduzido."⁵

A *segunda mentira* está ligada à idéia de que temos de satisfazer todos os nossos desejos, custe o que custar. Como vimos, Caim é alertado sobre este assunto. Deus exorta-o sobre o assédio do pecado: *Caim, não se entregue ao seu desejo. Lute! Domine-o!*

Pelos acontecimentos, vemos que Caim não ouviu a Deus e planejou uma estratégia perigosa, a fim de cuidar dos desejos de seu coração. Mais uma vez, tentou ocupar o lugar de Deus em sua vida, procurando cuidar, ele mesmo, daquilo que elegera como desejo de iminente satisfação.

A busca da satisfação do desejo é uma armadilha ardilosa! Quanto mais nos envolvemos nessa busca frenética, mais nos perdemos dentro dela. Quanto mais nos envolvemos com o que achamos que trará satisfação, mais conscientes ficamos do descontentamento. O que vemos em nossos dias são homens e mulheres com a vida destruída por caírem nessa armadilha. Pensam que podem realizar todos os desejos, sem exceção, sem critérios, sem medir as conseqüências. No fim da procura irrequieta por satisfação, sempre encontrarão lágrimas, sofrimento e a certeza de que não valeu a pena, de que apenas restaram o vazio e a irrealização!

Quando Marina chegou a meu gabinete pastoral, estava bem-vestida, olhos altivos, voz firme e determinada. Era uma jovem senhora de 27 anos. Cada frase que ela construía, expressava uma decisão, a atitude formada em seu coração.

Casada há mais de cinco anos, sentia-se entediada em seu relacionamento, descrito como rotineiro e enfadonho. Procurou-me só por desencargo de consciência, para informar que partiria em busca da satisfação de seus desejos, talvez esperando que uma palavra minha a motivasse na realização do intento. Como ela mesma afirmou: "Estou agindo conforme aquela música do Vandrê, pastor: quem sabe faz a hora, não espera acontecer!".

Marina achava que sua satisfação sexual e carência afetiva precisavam ser realizadas a qualquer preço, mesmo fora do casamento. Embora alertada, ela simplesmente virou as costas para Deus, recusando-se a adiar a satisfação de suas necessidades, de seus desejos. Ela preferiu continuar cega a ver com os olhos do entendimento o tipo de armadilha que estava armando contra si mesma. De fato, Marina já tinha definido sua própria estratégia e atitude: satisfazer seus desejos a qualquer preço!

Durante anos essa jovem senhora se enveredou pelo caminho de prazeres. Fez o que imaginava que lhe traria satisfação. Motéis, estâncias de lazer, hotéis-fazenda, viagens para diversos lugares, sempre acompanhada de um homem diferente. Ela achava que, assim, um poderia completar o que o

outro deixaria de realizar.

Doze anos mais tarde, Marina entra em minha sala, envelhecida e cabisbaixa; suas vestes, apesar de limpas, revelavam a situação depressiva na qual se encontrava. Cumprimentei-a e perguntei o que aconteceu. Com lágrimas nos olhos, rapidamente ela resumiu seus doze anos de aventuras. Sem marido, dominada pela culpa, invadida pelo sentimento de sujeira, abandonada pelos filhos, que passaram a se envergonhar de seu comportamento, afundada na mais terrível depressão, com um senso de que Deus jamais a perdoaria e com uma certeza inquestionável, ela respondeu: "Meu desejo nunca foi de fato satisfeito, pastor, apesar de todas as tentativas que fiz. O senhor estava certo! Eu errei e sei que não tem mais jeito para minha vida".

Muita comida, muito sexo, muita fama, muito poder e fortunas incalculáveis. Podemos ser bastante hábeis para conquistar tudo isso, mas sem ter nenhuma satisfação. Todas essas buscas acabam se tornando banalidades. A nossa sede não morre, mas nunca conseguimos satisfazê-la.⁶

Por horas, conversei com Marina sobre a graça de Deus. Comuniquei-lhe que esse sentimento de insatisfação vinha do próprio Deus, a fim de que ela se voltasse para ele e parasse de revolver o lixo do pecado. Sua insatisfação era, na verdade, um presente de Deus. Uma manifestação da bondade divina, a fim de protegê-la de perder sua vida por banalidades. Mas, infelizmente, até hoje — cinco anos depois — ela ainda não se rendeu à graça e ao perdão divino para começar de novo, deixando-o na incumbência de satisfazer seu desejo.

Mas o meu povo não quis ouvir-me; Israel não quis obedecer-me. Por isso os entreguei ao seu coração obstinado, para seguirem os seus próprios planos. "Se o meu povo apenas me ouvisse, se Israel seguisse os meus caminhos, com rapidez eu subjugaria os seus inimigos e voltaria a minha mão contra os seus adversários! Os que odeiam o SENHOR se renderiam diante dele, e receberiam um castigo perpétuo. Mas eu sustentaria Israel com o melhor trigo, e com o mel da rocha eu o satisfaria".⁷

Este texto nos revela o lamento de Deus por pessoas que, como Marina, achavam que podiam satisfazer seus desejos. O que conseguiram foram inimigos, escravidão, vazio, necessidades não supridas e distanciamento de Deus.

É uma loucura querermos satisfazer nossos desejos. Deus jamais esperaria que o conseguíssemos. Satisfazer os próprios desejos é uma

armadilha diabólica e destruidora. Sabe por quê? Satisfazer nossos desejos é tarefa de Deus: "Deleite-se no SENHOR, e ele atenderá aos desejos do seu coração".⁸

Foi aí que Caim novamente tentou ocupar o lugar de Deus: procurando satisfazer seus próprios desejos, atender aquilo que ele elegera como necessidade imediata! A atitude que Deus esperava de Caim era a que está descrita em Salmos 38.9: "Senhor, diante de ti estão todos os meus anseios; o meu suspiro não te é oculto". Render nossos desejos a Deus. Sim, podemos confiar na capacidade divina para cuidar de nossos desejos e necessidades. Deus não é um desmancha-prazeres. Ele não vai ignorar suas necessidades. Quando vivemos uma vida alinhada com o coração dele, passamos a desejar os desejos de Deus. Essa é a garantia de que ele concederá os desejos do nosso coração. Ele é um Deus que nos leva além daquilo que podemos imaginar; nele temos a segurança de que seu melhor plano será realizado em nós. E podemos ter esta certeza: ninguém pode impedir a ação de Deus na vida daqueles que se rendem a ele.

Todo sentimento merece credibilidade

"O SENHOR disse a Caim: 'Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto?'"⁹ Caim valorizou seu sentimento além do que devia. Tanto que Deus o confronta: *por que você ficou tão irritado a ponto de seu semblante ficar diferente, Caim?* Ele deu credibilidade ao sentimento mais do que merecia. Caim permitiu que o falso conceito de que todo sentimento merece credibilidade dominasse a atitude de seu coração.

Quantas vezes argumentamos com nossos conselheiros e até com Deus: *mas eu sinto que devo...?* O mais complicado é que, na maioria das vezes, temos consciência de que estamos fazendo algo que Deus condena, mas achamos que podemos, que devemos acatar e dar credibilidade a nossos sentimentos.

Logo no início do meu ministério, atendi uma pessoa na igreja. Ainda não tinha muita experiência pastoral, mas meu coração procurava ser genuíno com Deus. Vou chamá-la de Carolina. Ela se dirigiu a mim pedindo uma oração. Então, eu a questionei: "Por que devo orar por você?", ao que ela prontamente respondeu: "Quero uma oração para a prosperidade, para ter sucesso na vida, enfim, uma oração para que meu coração fique alegre".

Percebi uma inquietação espiritual em meu coração. Senti-me impelido a perguntar sobre sua vida. Aos poucos, ela me fez saber o que estava se passando. Carolina relacionava-se com um homem mais velho que ela. Quase todos os fins de semana, eles ficavam juntos, como marido e mulher.

Ela me assegurou que fazia isso porque *sentia* uma necessidade de ter alguém por perto. Também *achava* que o pobre homem desfrutava de uma vida miserável sem Jesus e que ela podia ser uma *influência* positiva na vida dele, mesmo que seu relacionamento fosse chamado, pela Bíblia, de prostituição.

Eu a confrontei com base em Isaías 59.1,2, em como o pecado impede as respostas de nossas orações. Mostrei o texto bíblico de 1 Coríntios 7.9, que nos ensina que o lugar do sexo é no casamento: "Mas, se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo de desejo". Disse-lhe que nosso corpo é templo do Espírito Santo¹⁰ e que o sexo fora do casamento é um pecado contra esse santuário. Apontei-lhe os malefícios que tal pecado causa.

Repentinamente, ela me interrompeu: "Pastor, eu vim aqui para receber uma oração. Eu sei de tudo isso que o Senhor está falando. Já fui batizada na igreja *tal* e sei que tudo que estou fazendo é contrário à Bíblia e é pecado. Mas não vim aqui para discutir o meu pecado. Eu vim aqui pedir uma oração apenas. E, além disso, eu *sinto* em meu coração que Deus vai usar o meu pecado para salvar esse homem". Por fim, ela me intimou: "Vai ou não fazer uma oração por mim?!".

Respondi àquela moça: "A única oração que posso fazer a você é a oração de arrependimento. Você está pronta para se arrepender?". Ela disse: "Não!". Dando-me as costas, foi embora afirmando: "O senhor vai ver, eu sinto que Deus vai usar minha vida para salvar esse homem, mesmo que seja através do meu pecado".

Ela valorizava mais seus sentimentos do que a verdade bíblica. Até hoje vive no engano de uma vida baseada nas emoções, nos sentimentos, naquilo que vê, em vez de fundamentar sua vida na fé.

Carolina vive hoje como Caim viveu no passado: uma vida sem sentido! Aliás, foi o próprio Caim que descreveu como viveria: "serei um fugitivo errante pelo mundo".¹¹

Ser feliz, custe o que custar

É verdade que Deus nos criou para a felicidade. Mas buscar a felicidade a qualquer preço é um *jeito Caim de viver*. É um conceito perigoso. O conceito que Deus tem de felicidade não é o mesmo do Diabo. O conceito que Satanás tenta nos impor está ligado com a idéia de vivermos sempre isentos de infortúnios, tristezas e contrariedades. O falso princípio é: ter o que quiser, à hora que quiser e do jeito que quiser! Ele quer nos ver agindo como crianças, achando que as armas que nos ameaçam são nossos melhores

brinquedos. A busca da felicidade a qualquer preço tem levado pessoas ao limite da loucura. Quando corremos atrás dela, cedo nos veremos envolvidos com posturas que contrariam o manual de Deus, a Bíblia. Ser feliz a qualquer custo será sempre um preço muito alto para a própria infelicidade!

Foi assim com Caim. Ele *pensou: já que não posso ser feliz, como meu irmão Abel o foi pela aceitação divina, vou ser feliz ao meu modo!* Caim assume a liderança da sua vida. Já que Deus não aceita o seu *jeito Caim de ser*, ele decide: *vou ser feliz a meu modo*. Dá as costas a Deus e vai viver, tentando ser feliz conforme seus próprios recursos permitissem. Ele segue a vida achando que é possível ser feliz a seu modo.

"Caim teve relações com sua mulher, e ela engravidou e deu à luz Enoque. Depois Caim fundou uma cidade, à qual deu o nome do seu filho Enoque."¹² Ele constrói cidades, forma uma família, mas será que consegue ser feliz? Tudo o que sabemos, na Bíblia, é que Caim se tornou um referencial de rebeldia e vida miserável longe de Deus. Veja o que o apóstolo do amor, o evangelista João, escreve centenas de anos mais tarde: "Não sejamos como Caim, que pertencia ao Maligno e matou seu irmão. E por que o matou? Porque suas obras eram más e as de seu irmão eram justas".¹³ A Bíblia não fala de dias felizes para Caim. O que destaca é que ele pertencia ao Diabo. A história fala dele como um homem que viveu no engano. Nada de alegria, nada de bom exemplo: só tragédia!

Repito: ser feliz a qualquer custo será sempre um preço muito alto para a própria infelicidade! Deus não nos colocou aqui para sermos primariamente felizes. Ele nos colocou aqui para que, com nossas vidas, glorificássemos seu nome!

Por favor, entenda. O alvo de Deus não é deixar-nos felizes. O alvo dele é fazer com que sejamos dele. O alvo dele não é fazer-nos conseguir o que queremos, mas levar-nos para onde devemos ir. E se isso significa um ou dois trancos para nos colocar em nosso lugar, que venham os trancos. Os desconfortos terrenos soam uma bagatela se o troco é a paz celestial. Jesus disse: "Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo".¹⁴

Nunca seremos felizes a nosso modo, pois nosso modo sempre nos fará mais insatisfeitos e vazios. A vida maravilhosa que podemos ter, neste mundo, não é o produto da conquista de coisas, relacionamentos pessoais e satisfação dos desejos. Ela é o produto do nosso relacionamento pessoal com Jesus.

Espero que você, querido leitor, tenha percebido, a esta altura, o que um coração que nutre atitudes erradas pode fazer com os procedimentos de uma

pessoa. Mas o que essas verdades têm a ver com você e sua vida? Como está seu coração? Cuidado! Caim ficou com um coração endurecido e rebelde, sem nenhuma possibilidade de cura...

As conseqüências da síndrome

*Pois o que o homem semear,
isso também colherá.
GÁLATAS 6.7*

Salomão, na sua velhice, advertiu aos mais jovens: "Alegre-se, jovem, na sua mocidade! Seja feliz o seu coração nos dias da sua juventude! Siga por onde seu coração mandar, até onde a sua vista alcançar; mas saiba que por todas essas coisas Deus o trará a julgamento".¹

Alguém mais apressadinho poderia entender que o sábio rei estaria nos motivando a seguir o que manda o coração. Mas o intuito de Salomão é alertar-nos: teremos de encarar as conseqüências do nosso estilo de vida!

A vida do filho mais velho de Adão e Eva é um exemplo disso. Entre tantas conseqüências ruins das atitudes de Caim, quero destacar sete.

Falta de propósito para a vida

Fomos criados com um propósito especial — fazermos parte do plano soberano de Deus — e escolhidos, desde o princípio, para sermos dele. Que a elelouvássemos e dêssemos glória era, é e sempre será o propósito divino.²

A oferta de Caim não era a coisa mais importante para Deus. O anseio divino era a atitude correta do coração. Seu alvo principal era que Caim o conhecesse. Deus desejava que seu propósito eterno se realizasse na vida dele. Quando escolheu seguir a atitude ruim de seu coração, Caim perdeu o propósito da existência: promover o louvor da glória de Deus.

Vida vazia, sem sentido, sem senso de direção, sem perspectivas e sem identidade é o que aguarda aqueles que decidem seguir a atitude de um coração distante de Deus. Caim descreveu como seria sua vida sem propósito: *serei um fugitivo errante pelo mundo...*

Quando seguimos nosso coração enganoso, estamos fadados ao nada. Podemos adquirir bens, mas não conseguimos usufruir plenamente deles; ter prazer, mas sem satisfação; conseguir posses de um punhado de coisas, mas não temos realização; podemos ter a casa mais linda, mas não temos o senso de família; a cama mais confortável, menos o sono gostoso de uma noite de repouso.

Seguir a atitude ruim do coração mata o propósito de nossa existência. Nada faz sentido, tudo é um grande vazio. Passamos a viver a vida vagando, à procura de significado. Em nossa caminhada diária, somos dominados pela pergunta: "Qual é o propósito da minha existência?". Essa passa a ser a grande procura.

Não podemos negar: "É só cavarmos fundo o bastante em nosso coração, e acharemos uma ânsia de significado, uma busca de propósito".³ O vazio aumenta a cada tentativa frustrada, pois a atitude ruim do nosso coração nos engana e nos leva a caminhos onde não se encontra propósito.

Procuramos realização na vida profissional

Dedicamos nos a ser um excelente profissional, trabalhamos horas a fio, à procura de uma identidade; achamos que o trabalho pode nos dar uma justificativa para a existência. Terminamos por adquirir essa mentalidade doentia, esquecendo-nos de que a base de tudo na vida "não é realizar, mas receber; não é desempenho perfeito, mas fé confiante".⁴

Como escreve Max Lucado, optamos por ser um *fazedor* humano, em vez de um *ser* humano. Fazer em vez de ser. O resultado dessa busca termina em estresse, esgotamento físico, problemas emocionais e, na maioria das vezes, passamos a sofrer a dor da alma — a depressão.

Procuramos realização nas posses

Passamos a buscar realização num carro novo, numa casa nova, em roupas novas, numa nova viagem, numa nova aventura. E, em vez de tudo isso atribuir às nossas vidas um sentido duradouro, acabamos ainda mais frustrados, na maioria das vezes com o acréscimo de muitas dívidas!

Procuramos realização nos relacionamentos

Envolvemo-nos com os mais variados tipos de pessoas. Em nossa condição banal, raciocinamos: "Quem sabe isso preencherá meu vazio!?" Mas o que restam são mágoas, ressentimentos, traições, promiscuidades e um vazio ainda maior.

Procuramos realização na família

Embora Deus anseie para que sejamos uma família de verdade (devemos investir tempo e recursos nisso), julgamos erroneamente que a família pode nos dar o significado que almejamos. Criamos filhos e nos dedicamos a eles com tudo o que podemos, e acabamos por concluir que o tempo passou rápido demais! Onde foram parar nossas crianças? Um dia nos levantamos da cama, tristemente abrimos nossos olhos e percebemos que não só nossos filhos se foram, como também nos certificamos de que esquecemos de construir um relacionamento com nosso cônjuge, para envelhecer com ele. E aí, além da dor *da perda* dos filhos, perdemos o amor, a paixão e nos perguntamos: onde é mesmo que está o significado da vida?

Procuramos realização na vida desportiva

Embora eu esteja cada vez mais convencido da importância do esporte e do exercício físico (principalmente agora, bem pertinho dos 50 anos), eles não podem dar significado à vida. Os esportes e as diversões, por mais importantes que sejam, não trazem o verdadeiro significado à existência. Mais cedo ou mais tarde, nosso próprio corpo irá nos dizer da forma mais drástica possível: não dá mais!

Procuramos realização nos prazeres sexuais

Raciocinamos, mesmo que inconscientemente, que talvez o sexo poderia nos fornecer algum significado. Quem sabe se tivéssemos parceiras ou parceiros novos, se tivéssemos novas aventuras, novas experiências, novas entregas, quem sabe o sentido da vida apareceria. Talvez encontrássemos alguém que nos entendesse e suprisse a carência interior. Mas não encontramos nenhum sentido. O muito que conseguimos é um grande vazio, seguido do sentimento de desvalorização, depois de poucos minutos de prazer. No máximo, o que nos resta dessa vã procura é o que está descrito em Romanos 1.24: "Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração, para a degradação do seu corpo entre si".

Aproveitando, vamos ver o que Paulo nos indica como resultado dessa procura:

Por causa disso, Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras,

contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão. Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam. Tornaram-se cheios de toda sorte de injustiça, maldade, ganância e depravação. Estão cheios de inveja, homicídio, rivalidades, engano e malícia. São bisbilhoteiros, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, arrogantes e presunçosos; inventam maneiras de praticar o mal; desobedecem a seus pais; são insensatos, desleais, sem amor pela família, implacáveis. Embora conheçam o justo decreto de Deus, de que as pessoas que praticam tais coisas merecem a morte, não somente continuam a praticá-las, mas também aprovam aqueles que as praticam.⁵

Ufa! Mas, afinal, onde está o propósito da vida que estávamos procurando? E... O texto bíblico deixa claro que a *busca do prazer* não traz o significado de que nossa existência precisa.

Procuramos realização na religião

É aqui que muitos de nós nos perdemos de vez. Enveredamos-nos em caminhos que parecem certos ao homem, mas, no final, conduzem à morte.⁶ Na busca por Deus, perdemo-nos nos delírios da mente desorientada e rebelde, produzida pela atitude endurecida de nosso coração corrupto.⁷ Acabamos por permitir que nos escravizem as filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo.⁸ Trocamos a verdade de Deus pela mentira e passamos a adorar e a servir a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre.⁹ Somos invadidos por um senso de limpeza externa e esquecemos que nosso interior está cheio de ganância e cobiça. Verdadeiros sepulcros caiados: bonitos por fora, mas, por dentro, cheios de todos os tipos de imundícies.¹⁰ Passamos a seguir mentores cujo Deus é o ventre e a glória é para nossa própria confusão. Nossos pensamentos se voltam somente para as coisas desta vida.¹¹ O "ter" passa a ser sinônimo de felicidade.

Tornamo-nos membros da chamada vã religião, que difama tudo porque não entende a verdade. Transformamo-nos, como Judas escreveu, em animais irracionais, corrompidos, seguidores do caminho de Caim, levados pelo engano, pastores que só cuidam de si mesmos, nuvens sem água,

impelidas pelo vento; árvores de outono, sem frutos, duas vezes mortas, arrancadas pela raiz. Ondas bravias do mar, espumando seus próprios atos vergonhosos; estrelas errantes, para as quais estão reservadas para sempre as mais densas trevas. Seres dignos do castigo de Deus.¹²

E o resultado dessa vã procura é que nos tornamos seres hipócritas, egoístas, avarentos, presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, precipitados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus, possuidores apenas de aparência de piedade.¹³

Por favor, não me entenda mal. Não sou contra a igreja (lembre-se: eu sou um pastor de igreja há mais de vinte e cinco anos), mas procurar nosso propósito na prática da religião é, no mínimo, divinizar a liturgia em detrimento do alvo principal do culto, que é o próprio Deus. E trocar o Criador pela criatura. Por isso, precisamos ter a mesma postura que teve o salmista em Salmos 16.2: "Tu és o meu Senhor, não tenho bem nenhum além de ti".

Precisamos ser invadidos pela certeza de que nossa esperança está somente em Deus.¹⁴ Nosso anseio precisa ser a pessoa de Deus. O motivo de desejarmos os átrios do Senhor não deve ser pelos átrios em si, mas simplesmente pela alegria de servirmos e adorarmos a um Deus vivo.¹⁵

Por servir a um Deus vivo e render-lhe glória com nossa maneira de viver, é que se faz necessário estarmos numa igreja local. É nela que podemos aprender a desenvolver nosso relacionamento com Deus. "A forma que nos relacionamos com Deus, na terra, determinará nosso relacionamento com Deus na eternidade."¹⁶ Quando Deus nos criou, seu plano imutável era que fizéssemos parte de sua família. A igreja é a parte visível desta família. Embora nosso compromisso com Cristo seja pessoal, Deus nunca quis que fôssemos particulares.¹⁷

Todavia, precisamos nos lembrar constantemente de que *estar* na igreja não basta. Precisamos *ser* igreja. Só no Senhor da Igreja encontramos o verdadeiro propósito da vida.

Visão negativa em relação à vida

Por causa de sua atitude, Caim teve uma visão prejudicada da vida. Assim que tem sua oferta rejeitada, em vez de ver seu fracasso como uma oportunidade de recomeçar, ele se entrega. E não foi por falta de Deus exortá-lo: "O SENHOR disse a Caim: "Por que você está furioso? Por que se

transtornou o seu rosto? Se você fizer o bem, não será aceito?"¹⁸

As palavras do Senhor não são apenas uma censura. São também estímulos a uma nova tentativa. Deus diz: *Caim, não se entregue ao fracasso. Faça o certo e você será aceito. Tente de novo!*

Mas Caim não vê assim. A atitude negativa prejudicou sua abordagem em relação à vida. Ele só vê o que corresponde à sua atitude interior. Por isso, entrega-se ao fracasso; seus olhos vêem os acontecimentos da vida da forma mais negativa possível.

Esta é uma consequência da síndrome de Caim: somos invadidos pelo sentimento de que é o fim da linha, caso perdido, não dá mais, chega! Beco sem saída! Visão negativa da vida = síndrome de Caim!

Visão distorcida das pessoas

Com sua abordagem em relação à vida prejudicada, Caim passa a avaliar as pessoas de maneira equivocada e negativa. Até os mais próximos passam a ser vistos como uma ameaça. A atitude interior de Caim alterou drasticamente seus relacionamentos. Ele se tornou uma pessoa amarga, uma companhia desagradável, um irmão sanguinário. Toda sua existência foi afetada pela atitude que determinou a qualidade de seus relacionamentos.

Primeiro, seu relacionamento com Deus; depois, com seu irmão e, certamente, com seus pais. Ele se tornou um homem solitário, sem amigos, um homem sem lugar certo e sem relacionamentos seguros. Um errante pelo mundo! Sua atitude destruiu os relacionamentos mais importantes da vida: tornou-se inimigo de Deus, de seu irmão, de sua família.

A verdade é que ninguém vive bem sem relacionamentos. Deus nos criou para nos relacionarmos com ele e com as pessoas. Quantas tragédias vivemos porque não nutrimos a atitude adequada? Você percebe como a atitude é vital para a nossa vitória?

Vida sem discernimento

Caim perde os parâmetros entre o bem e o mal, mesmo sendo exortado pelo próprio Deus para fazer o bem.¹⁹ O criador sinaliza que ele seria aceito se procedesse bem. Aponta para uma vida de vitória, se ele não se entregasse ao desejo do pecado. Caim é avisado da proximidade do pecado: a porta! Mas Caim se afunda na maldade.

Por quê? Porque a atitude ruim de seu coração leva-o a perder a

capacidade de distinguir as coisas, de discernir a vida e na vida. Ele perde a capacidade de viver com base em parâmetros seguros. Seu coração, sem critérios, torna-se incapaz de avaliar tanto o bem quanto o mal. Caim torna-se despreparado para viver os princípios de Deus e acaba por escolher uma vida sem critérios, condenada ao caos!

O *bem* e o *mal*, para Caim, têm o mesmo som, mesma cor, mesmo destino. Não há diferença. Instala-se um estágio terrível em sua vida: o envenenamento da capacidade de discernir — uma vida sem critérios!

Nesse estágio, Caim comporta-se como um cônjuge infiel. Você, leitor, já parou para avaliar um cônjuge que envereda pelo caminho da infidelidade conjugal? Seu coração sem discernimento emburrece, e ele não consegue ver o caminho perigoso que escolheu. Brinca com o perigo. A atitude ruim do coração torna-o cego, inconveniente, inconstante, inconseqüente e ingrato. Não importa a dor do parceiro, nem o mal que isso causa aos filhos, tampouco a dor no coração de Deus. O coração egoísta e sem critérios se lança no lamaçal da tragédia. O desejo maligno do seu coração o conduz a toda espécie de males. Seus sentidos se pervertem, perdendo todo o discernimento entre o bem e o mal.

Valores invertidos sobre a vida

Caim perde os valores essenciais da vida. Ele vai a Deus, não para agradá-lo, mas para satisfazer seu próprio coração. E sua oferta agora representa o pior: um coração sem critérios, prioridades invertidas!

Se o desejo de Caim fosse agradar a Deus, não teria ele voltado ao Senhor com uma nova oferta? Não teria avaliado seu ato e reconsiderado que sua motivação deveria ser a de agradar ao Senhor, em vez de emburrar-se contra ele? E por que não o fez? Porque sua oferta simbolizava um coração sem os valores essenciais que dão direção certa à vida. Ele estava preocupado apenas em satisfazer a si mesmo, em vez de agradar ao Criador. A criatura está no foco, não o Criador. Dissipam-se os valores essenciais, invertem-se as prioridades!

Caim trocou a verdade de Deus pela mentira humana. Preferiu adorar e servir a sua própria vontade, em detrimento da vontade do Criador.²⁰ Isso não lhe parece familiar? Será que estou escrevendo sobre Caim? Não seria sobre mim e você? Quando foi a última vez que nos aproximamos de Deus só para estar com ele? Quantas vezes fomos a ele com a motivação de agradá-lo, mesmo que isso significasse perda para nós? Não é verdade que olhamos para Deus somente porque precisamos dele?

Na maioria das vezes, falamos com Deus em oração porque nos falta algo, ou alguém do nosso convívio está sofrendo. Receber, receber, receber... Em vez de fazermos da nossa vida um motivo de louvor a Deus, passamos o tempo todo reclamando por nossa necessidade. Vamos a ele movidos pela conveniência pessoal, à procura daquilo que julgamos melhor para nosso bem-estar. Sempre desejando o modo mais fácil e mais rápido. O foco é o nosso prazer, a despeito daquilo que Deus tem para nossa segurança. Valores invertidos!

Vida sem respeito

Caim perde o respeito por Deus e pelas coisas de Deus. Ele não consegue mais discernir a diferença entre santo e profano. Não há mais nada que seja sagrado em sua vida. Deus não é mais o fim, mas o meio de conseguir o que deseja. Sua oferta revela isso.

Existe uma corrente, entre os estudiosos da Bíblia, que afirma que o motivo de Caim ter sido rejeitado por Deus estava relacionado com a ausência de sangue em sua oferta.

"Passado algum tempo, Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao SENHOR. Abel, por sua vez, trouxe as partes gordas das primeiras crias do seu rebanho. O SENHOR aceitou com agrado Abel e sua oferta, mas não aceitou Caim e sua oferta."²¹

É um argumento precário que a ausência de sangue tenha desqualificado a oferta de Caim. Tudo o que é explícito aqui é que Abel ofereceu da fina flor do seu rebanho e que o espírito de Caim era arrogante.²² A oposição não está entre oferecer vida vegetal e vida animal, mas entre a oferta sem cuidado e consideração e a oferta selecionada e generosa. A motivação e a atitude do coração são de importância suprema.

O problema principal era a atitude do coração de Caim. Todavia, a Bíblia diferencia a oferta de Abel. Ela era o produto de um coração que cria. Caim não! Sua atitude levou-o a agir com descaso em relação às coisas de Deus. Enquanto Abel leva das primícias do seu rebanho, Caim leva um fruto da terra. "Suas obras eram más."²³ Sua oferta não era o produto da fé.

Pela fé, Abel ofereceu a Deus um sacrifício superior ao de Caim. Pela fé, ele foi reconhecido como justo, quando Deus aprovou suas ofertas.

Caim perdeu o senso do sagrado. Deixou-se dominar pelo falso conceito de que para Deus qualquer coisa serve. Caim trata a oferta a Deus sem o senso de santidade. O culto deixou de ser divino. Sua oferta não expressa adoração e louvor, mas aceitação, competição e glória humana. Não tinha

nada de sagrado em seu sacrifício. Deus passou a ser um meio para conseguir um fim — um fim pessoal. Um instrumento, em vez de ser o instrumentista. Caim perdeu a reverência por Deus, o que denuncia a falta de temor em seu coração.

Cynthia Heald afirmou que "temer a Deus é o fundamento para uma vida que satisfaz".²⁴ E ela mesma, usando as palavras de Robert Nisbet, definiu o temor a Deus da seguinte forma:

É o temor que uma criança pequena sente por um pai honrado — o medo de ofender. É assim que aqueles que foram resgatados da destruição se sentem em relação ao benfeitor que, com nobreza e sacrifício, [interveio] por sua segurança — o medo de agir de forma não merecedora de sua bondade: é isso o que enche o peito de um rebelde perdoado e agraciado por um soberano venerado em cuja presença ele tem a honra de estar — o temor de algum dia esquecer a bondade dele e dar-lhe alguma razão para arrepende-se de tal ato. Assim é o temor do cristão agora: inspirado pela reverência à majestade, pela gratidão dos favores, pelo pavor de desagradar; pelo desejo de ser aprovado e pela vontade de ter comunhão do céu.²⁵

Não tememos a Deus por medo da sua severidade. Não é a possibilidade de seu julgamento que nos impulsiona a temê-lo. Não! Nós o tememos porque admiramos seu caráter santo e justo.

O temor a Deus é fundamentado no amor e na reverência a ele. No caso, Caim já havia perdido o respeito, a reverência e o temor a Deus. Em sua vida, não havia mais a presença do que é sagrado. Havia apenas a presença do seu próprio *eu* tomando conta de si mesmo.

Roberto chegou a minha sala com uma história longa e rica em detalhes (mas não se preocupe, eu a resumi!). Mal olhava em minha direção. Contou-me como sofrera, em seus quase 70 anos de vida. Como havia procurado a Deus, a fim de solucionar seus dilemas. Enumerou cada igreja por que havia passado, sem nada receber de Deus. Contou-me sobre seu tempo frustrado no espiritismo kardecista e na umbanda. Descreveu, com tristeza, seu tempo nas igrejas neopentecostais, suas correntes, seus exorcismos e fogueiras. Tudo a fim de conseguir o que desejava, e nada! Finalizou seus lamentos com a seguinte afirmação: "Eu estou decepcionado com a religião e com Deus!".

Respirei fundo e ajeitei-me na poltrona, enquanto pedia a Deus que me ajudasse a comunicar a verdade àquele homem. De forma clara e pausada,

perguntei-lhe: "Por favor, com toda a sua sinceridade, me responda: você esteve esse tempo todo à procura de um Deus ou de um solucionador de seus problemas? De alguém que dirija seus passos ou de alguém para satisfazer suas vontades e necessidades?". Argumentei o quanto ele tinha perdido em se relacionar com Deus sem o senso do sagrado — de culto, de adoração! Exortei-lhe sobre a necessidade de nos achegarmos a Deus como criaturas e vê-lo como Criador.

Ele encostou-se na poltrona e disse-me: "Estou entendendo! Pela primeira vez, percebo onde está o problema. Tenho perdido o senso de quem é Deus. A atitude do meu coração tem visto Deus apenas como um objeto de satisfação dos meus desejos".

Roberto, como Caim, havia perdido o senso do sagrado e do profano. Para ele, relacionar-se com Deus era tirar vantagens pessoais, em vez de servi-lo com um coração de adorador.

A síndrome de Caim está mais presente entre nós do que nunca. Basta olharmos ao redor. Ela está presente em nossas canções, em nossos relacionamentos, em nossos negócios, no modo como nos vestimos etc. Quantas vezes gastamos horas preparando roupas e calçados para ir ao ajuntamento do povo de Deus, o culto, e não gastamos tempo algum preparando o coração para a adoração. Colocamo-nos à mercê da televisão, dos programas dominicais de auditório, do futebol, das conversas frívolas, do banquete do estômago. Depois, não entendemos por que o culto e a pregação não fazem sentido nenhum para nós.

Perdemos a distância entre o santo e o profano. Muitas vezes, não sabemos onde o mundo termina e onde se inicia a vida de um discípulo. Já não sabemos onde está o sagrado e onde fica o profano. Indícios da síndrome de Caim.

Caim age assim. Vai a Deus sem nenhuma prioridade, sem nenhum critério, apenas cumpre um dever. Nada de coração consagrado ao Senhor, nada de devoção. Pura rotina. Sacrifício sem obediência! Ritual sem coração! Prática sem santidade! Apenas religião morta. Caim perdeu o senso do sagrado, o respeito por Deus!

Vida distante de Deus

Posso imaginar uma cena em que, embora Caim tentasse agir normalmente, qualquer um que olhasse para ele podia ver que estava em fuga. Olhos dardejantes, mãos inquietas, boca nervosa, andar desconfiado. Caim sai da presença de Deus! Comprometido em encobrir a verdade, opta

por ignorar o que Deus fala, escolhe manter Deus distante do seu caminho. Ele prefere viver silencioso e distante de Deus, na terra de Node.

Caim não queria ser honesto com ele e com Deus. Em vez de abrir seu coração a Deus e confessar seu pecado — sua atitude ruim —, ele decide se trancar. E não levou em conta uma regra prática na vida: aquele que de Deus guarda segredos guarda também distância. Aqueles que, com Deus, são honestos vão para perto dele.²⁶

Caim achava que, distanciando-se de Deus, poderia poupá-lo do seu pecado. Um erro promove um outro erro. Erroneamente, Caim pensava que a distância deixaria Deus alheio a sua vida e pecado. Mas o fato é que Deus sempre sabe. Ninguém está distante demais a ponto de se esconder dos olhos divinos.

Podemos ir para o lugar mais alto ou descer para o abismo mais profundo; podemos navegar para o lugar mais longínquo ou voar para a extremidade da terra; esconder-nos em uma caverna escura, perambular pelas noites sem luz... Ainda assim, Deus não estaria impedido de nos ver.²⁷ Deus não está limitado à nossa geografia. Ele nos vê e sabe tudo de nós, independentemente de onde estivermos.

SENHOR, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me sento e quando me levanto; de longe percebes os meus pensamentos. Sabes muito bem quando trabalho e quando descanso; todos os meus caminhos são bem conhecidos por ti. Antes mesmo que a palavra me chegue à língua, tu já a conheces inteiramente, SENHOR. Tu me cercas, por trás e pela frente, e pões a tua mão sobre mim. Tal conhecimento é maravilhoso demais e está além do meu alcance; é tão elevado que não o posso atingir. Para onde poderia eu escapar do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença?²⁸

Nós percebemos quando Deus sabe. Sabemos quando ele está olhando. Nosso coração nos diz. Nossa Bíblia nos fala. Nosso espelho nos conta. Quanto mais corremos, mais complicada a vida fica. Porém, tão logo confessamos nosso pecado, mais leve se torna o fardo.²⁹

Caim tornou-se o único responsável por tudo que o lhe tangia. Isso lhe soa bem? Você já parou para pensar na solidão que tal responsabilidade é capaz de promover? O peso de tudo em nossos ombros, ninguém com quem repartir infortúnios e alegrias, nenhum ombro amigo. Apenas solidão!

Tenho ouvido muitas pessoas em situações semelhantes. E a reclamação é

uníssona: "Eu só queria alguém com quem pudesse falar das minhas coisas, alguém com quem eu pudesse repartir minhas lutas, alguém por perto, que chorasse ou sorrisse comigo. Alguém... .

Longe de Deus, Caim opta por sua própria ruína. Vida sem paz, dominada pelo temor e pela solidão. Foi o que lhe restou! Como vemos, o preço de vivermos segundo nossos próprios conceitos é alto. Todavia, quando nos rendemos a Deus por inteiro e permitimos que ele estabeleça os critérios para trilharmos a boa jornada sob seu comando, nossa vida se torna empolgante e sobrenatural. Já não andamos sozinhos. Ele se põe à nossa frente, abrindo portas, endireitando caminhos, quebrando as correntes que nos aprisionam, dando-nos recursos necessários para vivermos seu maravilhoso plano.

Vê-lo lutando nossas lutas, guerreando nossos combates e, por vezes, dirigindo os imprevistos para o nosso bem nos proporciona a mais profunda paz que o coração humano é capaz de experimentar.

E essa paz não é oriunda da ausência de dificuldades nem produto de uma vida sem a presença da dor. Não é uma paz que depende da segurança de que não sofreremos perdas, ou resultado da impossibilidade de lágrimas vindas de um coração dolorido. Não é a paz que preenche nosso interior apenas quando temos a certeza de que nunca passaremos por noites frias e solitárias, muito menos por manhãs cinzentas e dias turvos. Não se trata de uma paz circunstancial, mas, sim, produto da convicção interior de que nossa vida glorifica a Deus e esta é a maior alegria do nosso coração.

Afastado de Deus, Caim jamais experimentou esse tipo de vida e paz! Como um vagabundo (preste atenção nisso!), perambulou pela vida, sem ninguém maior que ele para repartir seus fracassos, suas dores, noites de lágrimas, sonhos, medos e possibilidades. Apenas ele e, como sua companhia torturante, a certeza de que havia optado e vivido erroneamente!

Milhares de anos depois, sua história é resumida da seguinte maneira, nas palavras do apóstolo do amor, João, o Evangelista: "Caim [...] pertencia ao Maligno e [...] suas obras eram más".³⁰ Não podemos esquecer da exortação de Paulo, em Gálatas 6.7: "Pois o que o homem semear, isso também colherá".

É necessário parar para fazer uma avaliação criteriosa de nossos procedimentos. Quais sementes nosso modo de viver está semeando hoje? O que vamos colher amanhã? O que colheremos na eternidade?

Que Deus nos ajude a escolhermos, hoje, o que queremos colher aqui, nesta vida, e na eternidade!

A dádiva da vida: fazer escolhas

Em última instância, o que determina como será sua vida são as decisões que você toma.

PAUL HANNA¹

Quando nascemos, tudo está fora de nosso controle. Não escolhemos quem serão nossos pais biológicos, nossos irmãos, nem quando e onde deveríamos ter nascido. Mas, à medida que crescemos, começamos a tomar decisões e nos tornamos responsáveis pelas coisas que acontecem em nossa vida; tornamo-nos, inclusive, completamente responsáveis por nossas escolhas e, conseqüentemente, por nossas atitudes.

Lloyd John Ogilvie afirmou: "A dádiva da vida e a liberdade de vivê-la como escolhemos são as responsabilidades mais terríveis da vida".² A atitude ruim do coração de Caim influenciou suas escolhas e determinou seu futuro. Isso porque, como afirmou Rick Warren, toda escolha tem conseqüências eternas. Ao não cuidar da atitude de seu coração, Caim também teve suas escolhas influenciadas negativamente, a ponto de errar na hora em que mais precisava acertar!

Deus lembra a Caim que o pecado é uma realidade presente neste mundo, está sempre muito próximo e disponível: "Se você fizer o bem, não será aceito? Mas se não o fizer, saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo".³ O Senhor fala a respeito do desejo do pecado. De maneira realista, exorta-o a que, embora o desejo do pecado esteja sobre nós, ainda assim temos a capacidade de escolher entre sermos dominados por ele ou dominá-lo. A escolha é nossa. Caim precisava fazer escolhas.

Veja, "Deus vai sussurrar, ele vai gritar. Ele vai tocar e puxar. Ele vai tomar nossas cargas; vai até tomar nossas bênçãos. Se houver mil degraus entre ele e nós, ele vai tirar todos, exceto um. Vai deixar o último para nós. A escolha é nossa".⁴

Deus jamais vai escolher por nós. Não somos máquinas. Ele nos fez seres com direito a livre escolha, e é exatamente nesse ponto que Caim erra de novo, pois não escolhe corretamente. Caim erra ao decidir abrir a porta da sua vida para o pecado!

Se, imprudentemente, abirmos nossa vida, o pecado que ameaça à porta entra e se instala. Hebreus 12.1 nos exorta: "... livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve". Não podemos impedir que o

pecado nos rodeie, mas é nossa decisão permitir que ele faça parte de nossa vida. Podemos escolher! E essa escolha começa com nossa atitude no coração, independentemente dos sentimentos e da vontade.

Temos de deixar de lado nossos conceitos, valores e desejos provenientes de uma mente divorciada de Deus, pois tal escolha deve estar na base da atitude correta, ou seja, na orientação bíblica, naquilo que o manual do Criador define. A Bíblia é o manual de princípios, que nos ensina a fazer a vida funcionar! Ela precisa ser o critério definitivo das nossas escolhas, o parâmetro que referencia nossos absolutos sobre a vida, a conselheira de todas as horas, enfim, a base firme de nossas escolhas.

Nossas escolhas precisam ser conseqüências de uma decisão interior e racional, baseada na verdade conhecida na Palavra de Deus. A verdade racional está acima de circunstâncias e sentimentos. Portanto, nossa atitude precisa ser uma decisão interior com base na verdade bíblica.

E nosso papel definir vitória ou derrota, morte ou vida, se vamos nos apresentar ao pecado ou a Deus: "Não sabem que, quando vocês se oferecem a alguém para lhe obedecer como escravos, tornam-se escravos daquele a quem obedecem: escravos do pecado que leva à morte, ou da obediência que leva à justiça?".⁵

Podemos escolher a quem vamos servir: ao pecado para a morte, ou à obediência a Deus para a justiça — a vida eterna. Jesus mesmo afirmou que todo aquele que vive pecando é escravo do pecado.⁶

Abrir a porta da nossa vida para o pecado é decidir ser escravo dele, em detrimento de sermos servos de Deus. E, ao procedermos assim, acabamos por dar lugar ao Diabo e a seu domínio maligno em nossa vida. Paulo exortou: "e não dêem lugar ao Diabo".⁷

Muitos dos nossos problemas ocorrem quando baseamos "nossas escolhas em critérios duvidosos: cultura ('todos estão fazendo isso'), tradição ('sempre fizemos isso'), razão ('isso parece lógico') ou emoção ('parece-me a coisa certa')".⁸ Mas, o que ocorre é que esses critérios foram corrompidos pelo pecado.

Quando Caim escolheu abrir a porta de sua vida ao pecado, o Diabo instalou-se e agiu no sentido de cegar e endurecer mais e mais o coração dele. E isso levou Caim a agir de forma equivocada, embora, no seu interior, ele se sentisse agindo de maneira natural e legítima. Ele passa a agir incorretamente, mas com sentimento de naturalidade; comete o pecado sem que a confrontação divina o incomode. Ele age com naturalidade no pecado. Pecar é tão próprio dele, tão comum, que não o perturba, mesmo quando Deus o confronta.

"Então, o SENHOR perguntou a Caim: 'Onde está seu irmão Abel?' Respondeu ele: 'Não sei; sou eu o responsável por meu irmão?'

A escolha errada de Caim enganou e endureceu seu coração! Com um coração enganado e endurecido pela desobediência, ele tem um vislumbre das conseqüências de suas escolhas erradas quando Deus emite sobre ele o seu julgamento.

"Agora amaldiçoado é você pela terra, que abriu a boca para receber da sua mão o sangue do seu irmão. Quando você cultivar a terra, esta não lhe dará mais da sua força. Você será um fugitivo errante pelo mundo'. Disse Caim ao SENHOR: 'Meu castigo é maior do que posso suportar'.¹⁰

Por alguns instantes, a mente de Caim recupera um mínimo de lucidez. Ele percebe, mesmo que momentaneamente, aonde suas escolhas o levaram, mas, em vez de reagir positivamente, permite que o engano do pecado o domine. Em lugar de buscar perdão e conserto, ele decide que não há mais jeito para sua vida. Depois disso, Caim descarta a possibilidade do perdão, afirmando que seu pecado é demais para ser perdoado. Ele *escolheu* não ser perdoado.

E assim que a síndrome de Caim se manifesta em nós. O pecado nos cega, e passamos a agir nele com naturalidade. Quanta loucura fazemos e nem percebemos! Passamos a viver perigosamente, sem notar a iminência do perigo. Só percebemos seu domínio quando constatamos a destruição que já causou.

Nossa mente se envenena contra Deus. Nossa reflexão *é* dominada por todo tipo de sugestões difamatórias, criando uma visão errada e negativa a respeito de Deus. Nossos pensamentos giram em torno de idéias sem nenhum fundamento, tais como: "Deus não passa de uma invenção humana", "estou perdendo meu tempo; preciso correr atrás da minha felicidade", "se Deus existe, deve ter seus prediletos, com quem ele de fato se importa", "Deus não merece minha confiança".

Acabamos por suspeitar da bondade divina, de seu genuíno interesse por nós e até da sua existência. Quando a infelicidade desaba, imediatamente concluímos que Deus está contra nós. Se alguma coisa acontece com o nosso cônjuge ou com um filho, na hora acusamos a Deus. Se não o acusamos, duvidamos dele. Duvidamos de seu interesse por nós.¹¹ E quando pensamos em reagir, o Diabo vem e nos envolve com o sentimento de que "não tem mais jeito", "você foi longe demais", "não tem cura", "não tem perdão"... Instala-se a síndrome de Caim!

O coração de Caim ficou envenenado; por isso, ele escolhe errado de novo. Em vez de agir positivamente à confrontação de Deus, ele decide finalizar ali sua conversa com o Senhor. Ele prefere viver na dimensão do castigo, na tirania da punição, a reconhecer seu pecado e clamar pela bondade divina.

Quando perdemos a comunhão com Deus, ainda podemos restaurá-la. Nossa desobediência sempre tem perdão. Mas, quando o Diabo consegue contaminar a atitude do nosso coração contra Deus, corremos o risco de nos perdermos para sempre. Não por falta de perdão divino, mas por causa da escolha errada do nosso coração.

A história de Márcio talvez nos ajude a entender o que estou querendo destacar. Eu admirava Márcio desde a minha infância. Na adolescência, ele foi meu herói, e eu desejava que todos os meus amigos o conhecessem. Homem bondoso, pessoa sensível às necessidades alheias, possuidor de uma mente objetiva e ligeira, um ser humano muito capaz. Mas, no decorrer da sua história de vida, ele habituou-se a cometer erros, atitudes que normalmente cometem as pessoas que rompem o seu compromisso com Deus.

Depois de abandonar sua fé, ele se enveredou na contramão da vida, chegando inclusive a ser preso. Muitas vezes, eu o adverti sobre sua necessidade de voltar-se para Deus. Escrevi para ele, enquanto estive na prisão, exortando-o pessoalmente, como recomenda a Bíblia; contei-lhe meus sonhos, nos quais eu sempre o via sendo assassinado; assegurei-lhe a respeito do perdão de Deus. Como resposta, eu ouvia sempre dos seus lábios palavras que indicavam sua intenção de voltar e recomeçar a vida com Deus. Mas eram apenas palavras, pois suas boas intenções caíam no esquecimento quando o período de dificuldade terminava.

Durante mais de três décadas, Márcio viveu de maneira frívola. A cada escolha feita, ele abria a porta da sua existência para tantas outras escolhas marcadas sempre por uma mesma característica: escolhas divorciadas de Deus.

Apesar de lutar para manter aquilo que ele chamava de família, sua vida chegou a um ponto em que seus erros e pecados passaram a ser vistos por ele com naturalidade. O evangelho não lhe interessava; ter recursos abundantes para viver a seu modo era a prioridade.

No fim de 2004, estávamos em um retiro no acampamento da igreja, quando o telefone tocou para me informar que tinham encontrado um homem que havia se suicidado: era o meu herói de infância, Márcio! No último ano, por três vezes comuniquei-me com ele, apontando a necessidade

de sua volta para Deus. Houve até uma pequena reação, pois ele chegou a freqüentar alguns cultos em nossa igreja, recebeu oração e até se emocionou.

A morte de Márcio causou-me profunda dor, por ele ter cometido uma atitude tão insana, aceitando a mentira do Diabo de que não havia mais saída, de que a morte era a única forma de escape.

Conversando sobre o triste episódio, a irmã de Márcio contou-me que uma das mulheres com quem ele vivia lhe relatara o conteúdo de um diálogo, poucos dias antes do suicídio. Ela lhe falara da possibilidade de freqüentar uma igreja, recomeçar com Deus etc. Ao que Márcio, em tom pensativo, ponderou: "Recomeçar uma nova vida com você não será difícil, mas procurar uma igreja, voltar-me para Deus, acho que não posso. Eu aprendi que o salário do pecado é a morte, penso que essa será a minha saída".

Meu coração ficou tremendamente consternado com a afirmação. Márcio lembrou-se apenas da metade da verdade. É fato que o salário do pecado é a morte. E verdade que todos os que se entregam ao pecado e fazem dele seu estilo de vida estão mortos em seus delitos e pecados, como vemos em Efésios 2.1,2. Márcio, porém, se esqueceu do restante da verdade. Lembrar apenas que o salário do pecado é a morte não compunha toda a verdade. Ainda havia esperança, mesmo para ele que, a seu ver, tinha ido longe demais. Ele se esqueceu de que *o braço de amor de Deus é maior do que a distância que ele já havia percorrido ao distanciar-se do Pai*, como bem escreveu Paulo Brito, em uma de suas lindas canções.

Márcio se concentrou numa parte da verdade. A verdade toda está clara em Romanos 6.23: "Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor".

Como Márcio poderia ter-se esquecido de que a morte, como salário do pecado, não era tudo? Por que não abriu os olhos para ver o restante da verdade de Deus, que a vida eterna era possível, devido ao dom da graça, o prêmio imerecido de Deus, de salvar os que se arrependem e o buscam de todo coração?

Meu amigo agiu como Caim, permitindo que o deus deste mundo, o Diabo, cegasse seu entendimento, não lhe permitindo ver a luz do evangelho, que é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê. Na síndrome de Caim, as vítimas usam seu poder de escolha de forma errada.

Caim desiste quando opta por uma vida sem Deus. Ele prefere render-se a seu pecado e tornar-se um "fugitivo errante pelo mundo"¹³ a clamar pelo perdão divino. Caim fez sua escolha: foi ele quem saiu da presença de Deus. E Deus a respeitou, embora não fosse a atitude esperada por ele. Rick

Warren escreveu:

Pessoas dirigidas pela culpa são manipuladas por suas lembranças. Elas permitem que seu passado controle seu futuro. Elas freqüentemente culpam a si mesmas por sabotarem seu próprio sucesso. Quando Caim pecou, sua culpa o fez sair da presença de Deus, e Deus disse: "Você será um fugitivo errante pelo mundo". Isso descreve a maioria das pessoas de hoje em dia — perambulando pela vida, sem propósito.¹⁴

A pergunta que Deus faz a Caim revelava a intenção divina em aceitá-lo: "Se você fizer o bem, não será aceito?".¹⁵ Essa pergunta deixa a porta aberta para Caim agir do jeito certo, deixa a possibilidade de ser aceito, a oportunidade de acertar. Mas ele escolhe rejeitar, romper com Deus, ficar com o pecado. Em nenhum momento, percebemos qualquer ação dele na direção de Deus.

A atitude do coração de Caim o impediu de ver que — como alguém afirmou — "não importa o tipo de vida que já vivemos; não importa quantas escolhas erradas já fizemos; o próximo momento espera por nós, para iniciarmos uma nova vida". Nosso futuro é imaculado! Mas o coração endurecido pela escolha errada limitou o entendimento de Caim, a ponto de ele não perceber que era livre para fazer escolhas.

Sim, somos livres para fazer escolhas, mas, uma vez que as decisões são tomadas, não temos como controlar suas conseqüências, porque acionamos a lei das conseqüências não planejadas.

Leitor, você já pôde notar o quanto nossas escolhas são importantes, mas voltaremos a falar disso mais adiante...

Edificando uma nova atitude

O plano de Deus para você é nada menos do que um novo coração. Se você fosse um carro, Deus controlaria seu motor. Se fosse um computador, Deus controlaria seu software e o disco rígido. Caso fosse um avião, ele se sentaria na cabine do piloto. Mas como você é uma pessoa, Deus quer trocar seu coração.

MAX LUCADO¹

Como temos visto, a derrota nas mais variadas áreas da vida começa com a atitude errada em nosso coração. Por isso, torna-se imprescindível nortearmos-nos em construir uma atitude vencedora.

A minha motivação, neste capítulo, não é tratar o assunto com demasiada profundidade, e sim ser prático e significativo, embora não deseje, de maneira alguma, ser simplista. Pode até ser que eu esteja destacando o óbvio. Mas, como o escritor inglês George Orwell observou certa feita, muitas vezes, reiterar o óbvio é uma obrigação inteligente.

Para a construção de uma nova atitude, creio serem fundamentais os passos que descrevo a seguir.

Escolha a atitude de seu coração

"Diga-me com o que você está comprometido, e eu lhe direi onde você vai estar em vinte anos. Tornamo-nos aquilo com que estamos comprometidos."² Escolher com o que o coração deve comprometer-se é o primeiro elemento que compõe uma vida vitoriosa.

Alguém que frequenta a igreja onde pastoreio enviou-me uma história que ilustra essa necessidade:

Seis homens ficaram bloqueados numa caverna por uma avalanche de neve. Teriam de esperar até o amanhecer para poderem receber socorro. Cada um deles trazia um pouco de lenha e havia uma pequena fogueira ao redor da qual eles se aqueciam. Se o fogo apagasse, eles o sabiam, todos morreriam de frio antes que o dia clareasse. Chegou a hora de cada um colocar sua lenha na fogueira. Era a única maneira de poderem sobreviver.

O primeiro homem era racista. Ele olhou demoradamente para os outros cinco e descobriu que um deles tinha a pele escura. Então, raciocinou consigo mesmo: "Aquele negro! Jamais darei minha lenha para aquecer um negro". E guardou-a, protegendo-a dos olhares dos demais.

O segundo homem era um rico avarento. Ele estava ali porque esperava receber os juros de uma dívida. Olhou ao redor e viu no círculo em torno do fogo bruxuleante, um homem da montanha, que trazia sua pobreza no aspecto rude do semblante e nas roupas velhas e remendadas. Ele fez as contas do valor da sua lenha e, enquanto mentalmente sonhava com o lucro, pensou: "Eu, dar a minha lenha para aquecer um preguiçoso?".

O terceiro homem era negro. Seus olhos faiscavam de ira e ressentimento. Não havia qualquer sinal de perdão ou mesmo daquela superioridade moral que o sofrimento ensinava. Seu pensamento era muito prático: "E bem provável que eu precise desta lenha para me defender. Além disso, eu jamais daria minha lenha para salvar aqueles que me oprimem". E guardou sua lenha com cuidado.

O quarto homem era o pobre da montanha. Ele conhecia mais do que os outros os caminhos, os perigos e os segredos da neve. E pensou: "Essa nevasca pode durar vários dias. Vou guardar minha lenha".

O quinto homem parecia alheio a tudo. Era um sonhador. Olhando fixamente para as brasas, nem lhe passou pela cabeça oferecer a lenha que carregava. Ele estava preocupado demais com suas próprias visões (ou alucinações?) para pensar em ser útil.

O último homem trazia, nos vincos da testa e nas palmas calosas das mãos, os sinais de uma vida de trabalho. Seu raciocínio era curto e rápido. "Esta lenha é minha. Custou o meu trabalho. Não darei a ninguém nem mesmo o menor dos meus gravetos".

Com esses pensamentos, os seis homens permaneceram imóveis. A última brasa da fogueira se cobriu de cinzas e finalmente se apagou.

No alvorecer do dia, quando os homens do socorro chegaram à caverna, encontraram seis cadáveres congelados, cada qual segurando um feixe de lenha. Olhando para aquele triste quadro, o chefe da equipe disse: "O frio que os matou não foi o frio de fora, mas o frio de dentro".

Somos hoje o resultado das escolhas que fizemos ontem, e o nosso comprometimento hoje definirá o que seremos amanhã. Somos senhores ou vítimas de nossas escolhas. Nosso coração é o nosso motor, por isso ele é de vital importância. Não escolher com o que ele deve comprometer-se é uma loucura, uma insensatez; é fadar-se ao fracasso.

Um coração dominado por uma atitude positiva transforma-nos em pessoas com potenciais e possibilidades ilimitadas. Alguém que escolhe comprometer seu coração com uma boa atitude já alcançou metade do sucesso que perseguia. Isso porque uma atitude adequada define nosso futuro e afeta positivamente o nosso *agora*. Se não queremos morrer como vítimas do *frio de dentro*, precisamos escolher que atitude irá governar nosso coração.

Selecione os pensamentos

"Todas as ações, boas ou más, começam com um pensamento. Se você bloquear o pensamento que leva a um ato desonesto, bloqueará o próprio ato. Porque quebrará a cadeia de causa e efeito, que leva à ação."³

Aquilo em que pensamos determina o modo como percebemos a vida, o que, por sua vez, direciona o nosso procedimento e o que receberemos da vida. A vida de um homem é aquilo que seus próprios pensamentos constroem.⁴ Um pensamento coerente com a vontade de Deus nos motivará a uma ação coerente com o plano dele. Nossa mente poderá determinar até onde iremos de forma vitoriosa, pois nos tornamos aquilo que pensamos.

O filósofo e psicólogo William James afirmou: "A maior descoberta de minha geração é que as pessoas podem mudar suas vidas alterando seu modo de pensar".⁵ Toda mudança deve ocorrer em primeiro lugar na mente. A maneira de pensar determina nossa maneira de sentir, e o que sentimos influencia nossa maneira de agir. Portanto, se selecionarmos os pensamentos, automaticamente estaremos selecionando nossos atos.

O rei Davi, o salmista, sabia bem da necessidade que temos de alterar nosso modo de pensar, selecionando os pensamentos. Veja como ele ora em Salmos 139.23: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece as minhas inquietações".

Provar e conhecer nossas inquietações e pensamentos é uma necessidade que temos de controlar aquilo que povoa nossas reflexões. Precisamos decidir o que pensar, o que irá ocupar nossa mente. Não podemos impedir que determinados pensamentos cheguem a nossa mente, mas podemos

escolher pensar neles ou não. Podemos escolher o que vai ocupar nossa mente!

Sem dúvida, esse foi um erro gravíssimo que Caim cometeu. Quando percebeu que sua oferta não tinha sido aceita, o texto diz que ele ficou tão irado que até seu rosto mudou: "... mas não aceitou Caim e sua oferta. Por isso Caim se enfureceu e o seu rosto se transtornou".⁶

Não há dúvida de que Caim ficou remoendo os pensamentos negativos em seu coração. Em vez de procurar mudar sua atitude, ele acabou por se entregar aos pensamentos negativos da rejeição. Em vez de agir positivamente e consertar sua atitude, preferiu render-se à amargura.

Os pensamentos que passaram a assumir o controle da mente de Caim; graças à sua permissão, em vez de se tornarem um trampolim para mudanças, transformaram-se num fator decisivo de derrota. Em lugar de mudança de rumo, os pensamentos de Caim acabaram por levá-lo para mais longe de Deus, aproximando-o, assim, de outros pecados, com conseqüências que o acompanhariam pelo resto de sua existência.

O pecado tem poder reprodutivo: um produz muitos. Por isso, é um grande erro entregar-se ao pecado.

Além de um erro, é uma burrice. Na verdade, onde quer que os tolos estejam, o pecado é a atração principal. O pecado é um exemplo de estupidez mais impressionante neste mundo [...]. Pecado é usar a receita errada para manter a saúde; pecado é abastecer o tanque com o combustível errado; pecado é pegar o caminho errado para chegar a casa. Enfim, pecado é inútil.⁷

O pecado trouxe resultados trágicos para a vida de Caim. Ele se tornou um homem solitário, escravo da sua vontade ruim e distante de Deus!

Você, leitor, percebe a importância de selecionar o que vamos pensar? A Bíblia nos exorta a manter nossos pensamentos nas coisas que valem para a vida eterna e não somente nas que concernem para esta vida. Podemos escolher onde vamos colocar nossa mente. Temos a capacidade de determinarmos onde concentraremos nossas reflexões: nas coisas da terra ou nas coisas do céu. Precisamos tomar a postura de não prosseguirmos arrastando nossos olhos no chão, absorvidos com o que está à nossa frente e que é concernente apenas a este mundo. Precisamos olhar para cima e estar alertas ao que faz parte de um investimento duradouro no céu. Precisamos enxergar as coisas sob a perspectiva de Deus.

Sim, podemos escolher o que pensar! Podemos decidir com o que vamos ocupar nossa mente. Nossos pensamentos são importantes demais para permitirmos que nossa mente fique ocupada por um conteúdo sem seleção criteriosa. Somos o que pensamos!

Para onde nossa mente vai quando não estamos fazendo nada? Não se esqueça disto: ocupamos nossa mente com o que geralmente cremos ou no que passaremos a crer. Por isso, cuidado!

William D. Backus escreveu:

Aquilo que pensamos irá determinar nossa conduta. E quando falamos de conduta, referimos-nos não apenas às ações praticadas, mas também às nossas emoções. Jesus estava sempre insistindo com seus ouvintes que tivessem fé. Tenham fé, confiem, creiam. "Faça-vos conforme a vossa fé" (Mateus 9.29), dizia ele. Fé é um substantivo que denota o ato de crer. Então, com essa afirmação, Jesus estava ensinando que, se cremos, podemos esperar que certas coisas aconteçam como resultados desse ato de crer. E se alguém crê que é um fracassado, que não passa de um infeliz? Assim será, de acordo com sua fé, é o que Jesus dizia.⁸

Somos o que cremos — somos o que pensamos! Paulo nos exorta, em Filipenses 4.8, a escolher nossos pensamentos: "Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas".

"Lembre-se de que é impossível meditar sobre dois pensamentos ao mesmo tempo. Se nos fixarmos em um bom pensamento, o pensamento mau se verá obrigado a sair da nossa mente."⁹ Portanto, uma atitude positiva, para viver a vida com vitórias, começa com a seleção de nossos pensamentos.

Desconfie de seu coração

Precisamos fazer diariamente uma sondagem em nosso coração;¹⁰ precisamos questioná-lo mais e ouvi-lo menos. O inglês D. M. Lloyd-Jones afirmou que "Muito da infelicidade da vida deve-se ao fato de que se ouve mais a si mesmo do que se fala consigo mesmo".

Alguém que vive no domínio do pecado é alguém entregue a seu próprio coração. Tal pessoa valoriza demais a chamada *voz do coração*. Podemos ver claramente esse erro na vida de Caim, quando Deus o interroga: "O

SENHOR disse a Caim: 'Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto?' ". Caim ficou irado por remoer no coração os acontecimentos da vida de forma negativa. Ele ouve seu coração, sua boca fica perigosamente silenciosa e Caim se entrega a um coração dominado pelo engano e pela amargura. Em vez de confrontar o coração corrompido, Caim permite que a *voz do coração* seja conselheira e líder, determinando o rumo de sua vida. Que atitude perigosa! Isso levou Caim a envenenar sua atitude, o que, por consequência, estabeleceu o domínio do pecado sem que ele experimentasse restauração.

Os psicólogos chamam a *voz do coração*, o diálogo que estabelecemos com nosso interior, de autopapo. Nosso autopapo precisa ser disciplinado! Falar mais com o coração, em vez de ouvi-lo, é um princípio que pode corrigir nossa atitude e nos livrar de uma vida no domínio da derrota e do pecado! Precisamos desconfiar do nosso coração. Entregar-se a ele é um perigo tremendo.

Como pastor, muitas pessoas têm falado comigo usando o argumento do coração. Dizem: "Eu estou seguindo meu coração, pastor!", "Mas eu sinto no meu coração que estou no rumo certo!", "O meu coração está me dizendo que eu preciso disso", "O meu coração está pedindo que eu faça isso", "Deixei meu coração falar mais alto, pastor!".

A Bíblia nos alerta sobre o coração: "O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo?".¹² Por isso, em vez de darmos ouvidos a nosso coração, precisamos confrontá-lo. Em lugar de ficar ouvindo seus argumentos e desejos, precisamos corrigi-lo com a verdade de Deus, levá-lo cativo à obediência a Cristo: "Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo".¹³ Ouvir nosso coração é perigoso demais. Especialmente nas coisas relacionadas aos desejos e naquilo que rotulamos de *necessidades*.

A Bíblia nos ensina, em 1Coríntios 14.10,11, que há várias espécies de vozes no mundo e, embora cada uma delas tenha significado, precisamos ter cuidado com elas! Somos atropelados por vários tipos de vozes. Até a nossa própria voz interior nos atropela! Também temos a voz do desânimo, da amargura, da baixa auto-estima, do desprezo, da desistência, da desvalorização e do ciúme etc. Sem negar a participação maligna nessas vozes, temos ainda a voz do próprio Diabo. Por fim, temos a voz de Deus, que é a única voz confiável! Se quisermos manter a atitude certa em nosso coração, precisamos ter cuidado ao decidirmos à qual das vozes vamos dar ouvidos. Em nossos dias, Deus tem nos deixado sua voz já em forma escrita.

A Bíblia é, de fato, a voz de Deus disponível para nós agora.

Falar a Palavra de Deus a nosso coração é a maneira correta de construirmos uma atitude que define o rumo da vitória sobre o pecado e sobre nós mesmos! Por isso, em vez de valorizarmos o que ouvimos em nosso coração, precisamos decidir falar a verdade com nós mesmos. Falar para o nosso coração os conceitos e valores de Deus!

Vemos essa prática na vida do salmista. Acompanhe comigo alguns exemplos:

Por que você está assim tão triste, ó minha alma? Por que está assim tão perturbada dentro de mim? Ponha a sua esperança em Deus! Pois ainda o louvarei (Salmos 42.5).

Por que você está assim tão triste, ó minha alma? Por que está assim tão perturbada dentro de mim? Ponha a sua esperança em Deus! Pois ainda o louvarei; ele é o meu Salvador e o meu Deus (Salmos 43.5).

Descanse somente em Deus, ó minha alma; dele vem a minha esperança (Salmos 62.5).

Caim não procedeu assim. Ele deixou que seu coração fosse entregue a uma atitude errada e divorciada de Deus. Permitiu que a ira o dominasse, que a amargura fosse sua conselheira e o coração o seu guia. Sabemos os resultados: vida no domínio do pecado e conseqüências terríveis.

Reformule seu coração à luz da Palavra de Deus

Alguém que acata cegamente os argumentos malignos de um coração mal fundamentado acaba colhendo conseqüências terríveis sobre si e sobre os que o cercam. O julgamento de Deus veio sobre a vida de Caim. As conseqüências de um coração cujos argumentos não têm fundamento na Palavra de Deus são terríveis.

Não há jeito de manter a vida com uma atitude positiva sem antes examinar o coração e corrigir seus argumentos. Precisamos reescrever os argumentos do nosso coração à luz da Palavra de Deus. E aí entra a necessidade de o entregarmos ao Espírito Santo, para que ele o alinhe aos parâmetros do manual do Criador. Precisamos ter certeza de que os argumentos do nosso coração são o produto da reflexão, da direta interferência da voz de Deus escrita — a Bíblia.

Em Salmos 119.11, lemos: "Guardei no coração a tua palavra para não pecar contra ti". Nossos argumentos precisam originar-se da Palavra de Deus. Guardar a palavra no coração sinaliza a necessidade que temos de fazer da Palavra de Deus o conteúdo do nosso coração, tornando-se assim a base de tudo em nossa vida.

O escritor russo Leon Tolstói afirmou que é no coração do homem que residem o princípio e o fim de todas as coisas. Salomão coloca isso em outras palavras: "Acima de tudo, guarde o seu coração pois dele depende toda a sua vida".¹⁴

É reformulando os argumentos do nosso coração com a Palavra de Deus e rejeitando tudo aquilo que não tem fundamentos bíblicos que manteremos a atitude certa. Precisamos seguir a orientação que Deus dá através de Moisés ao seu povo: "Guarda-te, que não haja pensamento vil no teu coração".¹⁵

"Num coração dividido, jamais o Senhor habitará. Ele o quer todo para si."¹⁶ Foi exatamente o que Caim não fez. Em vez de proteger seu coração, ele acabou por permitir que o pecado o dominasse.

Pense nisso, leitor.

Assumindo a responsabilidade

O homem é responsável por todos os seus atos, mesmo os inconscientes.

ARTHUR KOESTLER

Uma vez que a atitude influencia as escolhas que determinam o procedimento, uma avaliação honesta de nossos procedimentos pode revelar a qualidade da atitude predominante em nosso coração. Portanto, vamos agora inquirir nosso coração com algumas perguntas.

O que estou fazendo tem a aprovação de Deus?

Precisamos, diariamente, olhar para nosso procedimento e nos certificar de que a nossa maneira de viver tem a aprovação divina. Nosso modo de vida recebe a aprovação de Deus através da sua palavra?

"Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens."¹ Precisamos proceder com a consciência de que estamos fazendo tudo não aos homens, mas a Deus. Deus aprova o que está vendo em minha vida? Será que estamos prontos para romper, agora mesmo, com o que não tem agradado ao propósito divino?

Sugiro que você interrompa esta leitura por um tempo e analise sua vida. Se encontrar algo que contrarie o propósito de Deus, tenha coragem para romper com isso, coragem para dizer não. Recuse-se a permanecer com qualquer coisa que não tenha a aprovação divina. Se for necessário ser maltratado por optar pelas coisas de Deus, prefira sofrer, mas não fique com nada que interfira na recompensa que Deus preparou para você.² Além de estragar o plano maravilhoso que Deus tem para nossa vida aqui, ficar com algo que ele não aprova é colocar em risco o compromisso com o tesouro que o Senhor tem para nós na eternidade.

O que estou fazendo glorifica a Deus?

O meu procedimento expressa louvores a Deus? Minha vida promove a glória de Deus?

"Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam

tudo para a glória de Deus."³ O nosso procedimento precisa promover a glória de Deus. Nossa vida precisa ser como aroma suave a Deus, uma vez que somos o bom perfume de Cristo.⁴ Nossa maneira de viver precisa ser uma constante adoração a Deus.

Quando Deus criou a mim e a você, ele tinha um propósito em mente: que fôssemos o louvor da sua glória, e a isso fomos predestinados.⁵ Não encontraremos a felicidade em hipótese alguma, a não ser que cheguemos a esta compreensão: minha vida precisa promover a glória de Deus. Só seremos felizes se passarmos a viver nesta dimensão de vida: adorar a Deus! Assim, seremos plenamente realizados.

Talvez aqui esteja um problema: achar que devemos construir nossa felicidade e, para isso, enveredar em tantas buscas, nos esquecendo de que só seremos felizes quando estivermos fazendo da nossa vida o projeto verdadeiro de viver para adorar a Deus.

O que eu estou fazendo promove alguma má impressão?

Os lugares aonde vamos, os caminhos pelos quais andamos, as pessoas com quem caminhamos, as mesas onde nos assentamos, aproveitamos essas ocasiões para que nossos procedimentos dêem, aos que nos rodeiam, a oportunidade de terem de nós uma boa impressão? Ou deixamos uma má impressão por onde passamos?

"Abstende-vos de toda a aparência do mal."⁶ Precisamos eliminar do nosso procedimento não só o que claramente sabemos ser contrário a Deus, mas tudo o que pode dar uma aparência pecaminosa em nossa vida.

Será que existe algo em meus relacionamentos que dá alguma aparência de pecado? O jeito que eu uso as palavras dá alguma brecha para o pecado? Os programas de televisão, os filmes aos quais assisto, os livros e revistas que leio, tudo isso tem causado uma má impressão? Minha aparência, o modo como me visto, o jeito com que olho para as pessoas do sexo oposto têm alguma aparência de pecado?

Precisamos romper com qualquer coisa que possa aparentar uma vida distante de Deus.

Nas coisas que faço, existe a presença da dúvida?

Quando orientou os cristãos de Roma, o apóstolo Paulo apresentou o princípio de que precisamos basear nossa vida na certeza da fé. Paulo nos

ensinou que o que não provém da certeza da fé é pecado.

Assim, seja qual for o seu modo de crer a respeito destas coisas, que isso permaneça entre você e Deus. Feliz é o homem que não se condena naquilo que aprova. Mas aquele que tem dúvida é condenado se comer, porque não come com fé; e tudo o que não provém da fé é pecado.⁷

A presença da dúvida em nossa vida deve servir de alerta. No mínimo, precisamos colocar-nos em oração para que Deus nos revele se estamos procedendo de acordo com o ensino da sua palavra. Uma boa atitude é procurar o líder espiritual para um aconselhamento.

O que eu vou fazer trará bons resultados para minha vida e para a vida das pessoas a meu redor?

Nosso procedimento precisa produzir resultados espirituais positivos a nós e aos que nos rodeiam. "Atente bem para a sua própria vida e para a doutrina, perseverando nesses deveres, pois, agindo assim, você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem."⁸

Uma árvore se dá a conhecer por seus frutos. A árvore boa dá um bom fruto. Do mesmo modo, a nossa nova vida com Cristo é conhecida pelos frutos, pelos resultados que produzimos.⁹ Portanto, podemos avaliar nosso procedimento pelos resultados que ele está promovendo: o que eu estou fazendo edifica os que vivem a meu lado?

Em Romanos 14.19, a Bíblia nos orienta: "Por isso, esforcemo-nos em promover tudo quanto conduz à paz e à edificação mútua". Um pouco mais à frente, em Gálatas 6.7, Paulo nos adverte sobre o perigo de procedermos sem critérios: "Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, isso também colherá".

Não podemos permitir que *o jeito Caim de se nos* torne cegos, a ponto de vivermos a vida sem nos avaliarmos diariamente. Ah! Se Caim tivesse parado para avaliar-se e corrigir seu procedimento, como sua história teria sido diferente. Mesmo sendo advertido por Deus, ele prossegue desgraçadamente no procedimento errado, culminando numa vida de irrealização, vazio, solidão, derrota e escravidão no pecado.

"Se você fizer o bem, não será aceito? Mas se não o fizer, saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo."¹⁰ Hoje, a mesma exortação que Deus fez a Caim faz a nós. E nosso dever

escolher a maneira certa de agirmos. Não importa o que fizeram conosco no passado. Pode até ser que fomos vítimas de abusos, injustiças e tiranias. Hoje, neste exato momento, estamos com o poder de decisão em nossas mãos. Nossos algozes não têm mais nenhum poder sobre nós. Não importa o quanto nosso passado foi errado; agora, podemos escolher agir da forma certa, podemos recomeçar à luz do que Deus já nos deixou claro em sua palavra.

Deus sabe que não fomos, nem somos e jamais seremos perfeitos por nossa própria força, competência e mérito. Ele não exige perfeição para nos aceitar. Deus espera apenas sinceridade e integridade de nossa parte. Ele deseja que apresentemos nossos passos, nossos pensamentos, nosso coração, nossas atitudes, nossos procedimentos à luz do que já nos ensinou.

Hoje é o tempo de recomeçar. A cruz de Cristo é a garantia de que podemos recomeçar, sempre que descobirmos que nos perdemos na jornada em direção ao centro de sua vontade.

Levante-se! Você é responsável por todos os seus atos!

Cuidado ao fazer as escolhas

*Suas escolhas diárias vão colocá-lo em determinado caminho.
Cada dia torna-se essencial para definir que direção sua vida tomará*

CYNTHIA HEALD

Que tragédia viver a vida sem perceber que nosso caminhar para a vitória é o produto de escolhas feitas diariamente! "É fácil imaginar que chegaremos a um lugar onde estaremos completos, mas os preparativos não terminam de repente, é um processo no qual temos de permanecer firmes",² diariamente, fazendo escolhas que combinem com o plano e o roteiro indicado por Deus para conduzir nossos passos.

Jamais esqueça isto: o resultado final de nossa vida depende de nossas decisões, de nossas escolhas.

Deixe-me mencionar a você alguns cuidados que temos de tomar quando vamos fazer escolhas, a fim de que a síndrome de Caim não se instale em nós.

Fuja da precipitação

Certamente, você já ouviu dizer que a pressa é inimiga da perfeição. Na verdade, a pressa pode ser também um trampolim para o pecado. O precipitado perde o caminho, diz a Bíblia: "Assim como não é bom ficar a alma sem conhecimento, peca aquele que se apressa com seus pés".³

Precisamos agir na direção da escolha, mas o ato de escolher precisa ser norteado pela sensatez, pela sobriedade. A precipitação é uma atitude contrária à sobriedade; esta, por sua vez, é uma ordenança bíblica.⁴

A palavra sobriedade é usada para descrever alguém que não está sob o controle do álcool. É uma pessoa que está em condição de raciocinar. A mente está desperta, apta para medir as implicações ao fazer escolhas na vida.

Se o motivo da demora em fazer escolha é porque você não quer errar e pecar contra Deus, Ele não o pressiona. O Senhor respeita o tempo de que você precisa. Por isso, cuidado com a precipitação.

Quando está trabalhando em nossa vida, Deus não tem pressa. O projeto que ele está desenvolvendo em nós dura a vida inteira!

Fale com um conselheiro

Ao fazer escolhas, ter conselheiros, além de ser algo sensato, é também um ensino bíblico. Ouvir um conselheiro antes de tomarmos uma decisão é uma postura que nos livra de muitos infortúnios.⁵

Procure ouvir as pessoas que o amam de verdade e que têm coragem de lhe falar a verdade de forma amorosa. O amigo verdadeiro protege seu companheiro!⁶ Procure saber o que pensam as pessoas que você conhece e que têm interesse real por você. Mas não esqueça: essas pessoas precisam levar Deus a sério, pois apenas aqueles que levam Deus a sério é que poderão nos ajudar a definirmos nossas escolhas com coerência. "Pode um cego guiar outro cego? Não cairão os dois no buraco?"⁷ Esse é um critério imprescindível.

Outro critério para a escolha daqueles que poderão nos ajudar é a maturidade espiritual. Um novo convertido, um neófito na fé, ainda não tem a maturidade e o conhecimento espiritual necessários para prestar aconselhamento.⁸

Também não é adequado, e pode até ser perigoso, escolhermos um conselheiro do sexo oposto.⁹ Minha experiência de quase trinta anos de pastorado tem comprovado a necessidade de se ter também esse cuidado, em especial quando da escolha de um conselheiro: ele precisa ser alguém treinado, qualificado para atender o assunto em questão, e do mesmo sexo, para que você se coloque numa situação muito mais confortável, seguro e com toda a liberdade para abrir seu coração sem reservas ou receios. E mais, seu conselheiro precisa ser alguém que saiba controlar a língua.¹⁰ Caso contrário, sua vida será exposta às pessoas, trazendo aborrecimentos infundos.

Escute seus líderes

A Bíblia ordena a obediência aos líderes constituídos por Deus para a Igreja: "Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas. Obedeçam-lhes, para que o trabalho deles seja uma alegria e não um peso, pois isso não seria proveitoso para vocês".¹²

Deus confiou a eles a responsabilidade por nossas almas. Eles serão, sem dúvida, um referencial forte na indicação do rumo de nossas escolhas. Por isso, você deve escolher seus líderes com critérios. Comprovadamente, a

vida deles precisa validar a mensagem que pregam. A história da fé¹³ dessas pessoas precisa ser conhecida por você. Não eleja um aventureiro como seu líder, alguém que apareceu ontem em sua vida e que não tenha uma história com a comunidade. Você precisa ver coerência com a Bíblia na prática diária da vida deles.

Não contrarie o espírito da Bíblia

Tenha certeza de que a escolha que você fizer em nada contraria o espírito da Bíblia! E por *espírito da Bíblia* eu quero me referir à necessidade de vivermos entre os parâmetros instituídos pela Palavra de Deus. "Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite, para que você cumpra fielmente tudo o que nele está escrito. Só então os seus caminhos prosperarão e você será bem-sucedido."¹⁴

A Palavra de Deus precisa ser a orientadora de nossos passos imediatos, bem como do rumo que tomamos para a vida toda; precisa ser a lâmpada que ilumina nossos passos, as pequenas decisões do dia-a-dia, as mais específicas; a luz que clareia nosso caminho, nosso farol, o indicador do rumo de nossa existência.¹⁵

Viver contrariando a Palavra de Deus é uma loucura sem tamanho. Por isso, ao fazer escolhas, não contrarie o espírito da Bíblia. Se, ao fazer escolhas, você se enveredou por um rumo que contraria um ensino bíblico, certamente estará fadado ao fracasso e às conseqüências desastrosas de escolhas erradas.

Busque o testemunho do Espírito

Este é um outro aferidor de nossas escolhas: o testemunho interior do Espírito Santo. Charles Stanley afirmou:

Quando se é continuamente guiado por alguém, estabelece-se um relacionamento contínuo. O que nos vem à mente é a idéia de cooperação, sensibilidade e alvos comuns. Quando alguém está seguindo outra pessoa, é preciso haver confiança e, se necessário, até mesmo dependência. Tudo isso descreve o relacionamento com o Espírito Santo quando uma pessoa permite que ele seja o guia.¹⁶

Veja alguns dos sinais da direção e do testemunho do Espírito.

• O testemunho do Espírito Santo elimina as dúvidas

"Mas aquele que tem dúvida é condenado [...]; o que não provém da fé é pecado."

Uma decisão, no espírito da fé, não permite a presença de dúvida. A presença de incertezas pode ser um sinal de que Deus não está no rumo escolhido!

• O testemunho do Espírito Santo estabelece paz

"E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus."¹⁸

Toda a ansiedade e todo o medo são substituídos pela paz. Nossos sentimentos são tratados pelo testemunho do Espírito. Somos invadidos por um sentimento de ousadia e sossego na alma por fazermos o que é certo, mesmo que tenhamos de enfrentar as contrariedades das circunstâncias e as perseguições de amigos e parentes.

• O testemunho do Espírito nos reveste de coragem

"Pois Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio."¹⁹

Independentemente de nossa capacidade humana, o Espírito de Deus nos reveste de coragem! A covardia é substituída pela coragem. Passamos a ter uma nova definição de coragem. Tornamos-nos conscientes de que coragem não é ausência de medo e sim a capacidade para fazermos o que precisa ser feito.

• O testemunho do Espírito nos capacita

"Ah, Soberano SENHOR! EU não sei falar, pois ainda sou muito jovem. O SENHOR, porém, me disse: 'Não diga que é muito jovem. A todos a quem eu o enviar, você irá e dirá tudo o que eu lhe ordenar'. "²⁰

Em vez de confiarmos em nossos recursos pessoais, o testemunho do Espírito leva-nos a agir sob a dependência dos recursos divinos. Viver com base em nossas próprias concepções traz conseqüências tremendas e negativas para nossa vida. Certa vez, recebi uma pequena devocional por e-

mail, cuja mensagem citava uma obra de F. B. Meyer que não conheço, na qual ele nos adverte:

Amado, sempre que estiver em dúvida quanto ao caminho, submeta sua decisão totalmente ao Espírito de Deus e peça-lhe para fechar as portas e deixar apenas uma aberta. Diga: "Espírito abençoado, coloco sobre ti a responsabilidade de fechar todo e qualquer caminho que não seja de Deus. Deixa-me ouvir tua voz atrás de mim sempre que me virar para a direita ou para a esquerda". Enquanto isso, continue pelo caminho que você já tem trilhado. Fique firme no caminho para o qual foi chamado, a não ser que ele o instrua claramente a mudar. O Espírito de Jesus espera ser para você, ó peregrino, o que foi para Paulo. Apenas tome cuidado em obedecer às suas mínimas ordens. E após oração fervorosa, quando não houver obstáculos, siga em frente com o coração aberto.

Fugir da precipitação, ter um conselheiro, escutar seus líderes, não contrariar o espírito da Bíblia e buscar o testemunho do Espírito são cuidados que certamente nos ajudarão a fazer escolhas corretas, a fim de que não se estabeleça, em nossa vida, a síndrome de Caim. Obviamente, Deus poderá acrescentar outros cuidados. Portanto, sejamos sensíveis à voz dele e façamos escolhas que o glorifiquem! "Tudo o que fizerem, seja em palavra ou em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai."²¹

Ao finalizar esta parte, gostaria de destacar que Deus, em nenhum momento, orienta Caim a lutar contra o pecado. Deus apenas sinaliza para a proximidade do pecado: "o pecado o ameaça à porta".²² Não é contra o pecado que vamos lutar. Não temos capacidade para, sozinhos, vencermos o pecado. Por isso, Deus nos orienta a lutar contra o desejo do pecado, antes que o pecado seja concebido. Precisamos neutralizar o pecado ainda na sua concepção.

Quando alguém for tentado, jamais deverá dizer: "Estou sendo tentado por Deus". Pois Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta. Cada um, porém, é tentado pelo próprio mau desejo, sendo por este arrastado e seduzido. Então esse desejo, tendo concebido, dá à luz o pecado, e o pecado, após ter se consumado, gera a morte.²³

A nossa luta contra o pecado acontece no momento em que temos de fazer a escolha entre satisfazer ou não os nossos desejos. Precisamos começar a resistência ao pecado dominando o nosso *desejo*, em vez de nos submetermos a ele: "Portanto, não permitam que o pecado continue dominando os seus corpos mortais, fazendo que vocês obedeçam aos seus desejos".²⁴

O pecado em si já foi tratado por Deus em Jesus: "Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus".²⁵ Cristo venceu o pecado por nós e não estamos mais debaixo de nenhuma condenação.

Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, porque por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida me libertou da lei do pecado e da morte. Porque, aquilo que a Lei fora incapaz de fazer por estar enfraquecida pela carne, Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne.

Graças a Deus! Nenhuma condenação. Nosso pecado foi punido em Cristo. Estamos livres. Sim! Através da cruz de Cristo, morremos para o pecado e estamos livres para vivermos para Deus!

Uma vez crucificados com Cristo, vivendo a vida dele, precisamos, agora, nos apresentar a ele para o servirmos. O Senhor espera nossa consagração para uma vida de justiça e santificação: "Assim como vocês ofereceram os membros do seu corpo em escravidão à impureza e à maldade que leva à maldade, ofereçam-nos agora em escravidão à justiça, que leva à santidade".²⁷ Nossos membros, que eram dedicados à prática do pecado, agora são consagrados para a busca de uma vida de santificação.

Precisamos estar conscientes de que seremos tentados a pecar. A tentação é uma realidade num mundo decaído e não é exclusividade de uma pessoa. Todos são tentados. A tentação faz parte de nossa natureza, pois somos humanos e vivemos num mundo fora da presença de Deus. Sejamos realistas quanto à inevitabilidade de tentação. Porém, isso não é tudo. Deus, em sua fidelidade, não permitirá que sejamos tentados acima de nossa capacidade.

"Não sobreveio a vocês tentação que não fosse comum aos homens. E Deus é fiel; ele não permitirá que vocês sejam tentados além do que podem suportar. Mas, quando forem tentados, ele mesmo lhes providenciará um escape, para que o possam suportar."²⁸

O texto fala de um *escape*. A impressão que temos, quando lemos essa palavrinha, é de que haverá um caminho de fuga das investidas da tentação. Sempre procuramos uma fórmula mágica, sem esforço da nossa parte, para vencer o desejo do pecado, a tentação. Mas não é isso que o texto está afirmando!

O que Deus nos promete é a capacidade para suportar vitoriosamente a tentação, sem cedermos ao desejo do pecado! Poderemos suportar a tentação e transformá-la em uma oportunidade para fazermos o bem, se tomarmos a atitude correta e fizermos as escolhas necessárias.

Rick Warren escreveu:

Ao contrário do que se pensa, cada tentação se torna um degrau, em vez de uma pedra de tropeço, no caminho do amadurecimento espiritual, quando damos conta de que a tentação é uma oportunidade tanto para fazer a coisa certa quanto a errada. A tentação apenas apresenta uma escolha. Embora a tentação seja a principal arma de Satanás para a destruição, Deus quer utilizá-la para fortificar você. Toda vez que você escolhe fazer o bem em vez de pecar está desenvolvendo o caráter de Cristo. O fato é que o desenvolvimento do caráter sempre envolve uma escolha, e a tentação lhe dá esta oportunidade.²⁹

Deus espera que façamos a escolha certa: resistir à tentação. E nossa luta envolve renúncia. Renúncia diária. Jesus afirmou: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me.

Morremos em Cristo para vivermos a vida dele. A nossa crucificação fala da renúncia constante que um servo de Deus faz. Renunciar a nossa vontade, nosso desejo em detrimento do desejo de Deus.

Passamos a ter consciência de que não há nada em nós que seja digno de exaltação. Sabemos de nossa fraqueza e limitação. Temos a certeza de quem é dono e merecedor de toda glória.

Todavia, precisamos estar convencidos de que somos os maiores e únicos responsáveis em definir, dia a dia, que direção a nossa vida tomará. Por isso, nossa escolha diária deve ser, primeiro, a de nos gloriar somente na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio da qual o mundo foi crucificado para nós, e nós para o mundo.³¹

Um novo coração para uma nova atitude

A crença nos mostra o caminho.

A fé anda por ele.

C. THORPE¹

Reveja suas crenças

Uma das razões por que Caim não viu possibilidades para recomeçar está ligada ao fato de que sua doutrina, seu sistema de crença, não lhe permitiu visualizar a oportunidade de refazer seus pontos de vista e dar uma nova chance a si mesmo. A falsa crença de que para ele não havia mais jeito o destruiu.

Aquilo em que acreditamos é de extrema importância para nosso equilíbrio mental e emocional. Aquilo em que acreditamos exerce uma influência muito forte sobre nós. O que nos torna felizes não são as outras pessoas, nem os acontecimentos, nem as coisas materiais, nem as circunstâncias de nossa vida. O que nos torna felizes ou infelizes são as noções que temos acerca de tais fatores.²

Em vez de tentar de novo, Caim prefere virar as costas para Deus, entregar-se à sua falsa doutrina — ao seu falso conceito de que tudo estava perdido. Esse aspecto da síndrome de Caim prevalece até hoje. Por não reavaliarmos nossa doutrina, acabamos nos entregando a falsos conceitos, que destroem toda possibilidade de vitória.

Se quisermos mudar a atitude do coração, precisamos começar por nossa doutrina, nosso sistema de crenças. Precisamos construir a vida sobre uma crença adequada e coerente com a Bíblia.

Jesus vivia a vida com base numa doutrina: "Maravilharam-se da sua doutrina, porque os ensinava como tendo autoridade, e não como os escribas".³ Era isto que dava autoridade a Jesus: sua vida emanava de uma doutrina, um sistema de crenças. Não era apenas o seu ensino — sua fala —, mas sua vida toda era o produto de uma doutrina celestial. Cada olhar, palavra, passo e atitude do mestre espelhavam um conjunto de princípios. Ele não vivia aleatoriamente!

Ao lermos os evangelhos, podemos identificar com facilidade esse sistema de crença. Vejamos alguns aspectos:

- doutrina sobre o sustento: Mateus 4.4;

- doutrina sobre felicidade: Mateus 5.1-11;
- doutrina que deve reger nossos relacionamentos com inimigos: Mateus 5.43,44;
- doutrina sobre o perdão: Mateus 6.14,15;
- doutrina sobre o porquê da sua presença neste mundo: João 10.10; 12.47; Marcos 2.17;
- doutrina sobre o uso correto de nossa boca: Mateus 5.37; 15.11.

Para mudar nossa atitude interior, precisamos rever nossa doutrina. Qual é o conjunto de princípios que estamos usando para basear nossa existência?

Viver com base num sistema adequado de doutrina é a garantia do desfrute de muitas vantagens significativas. Veja algumas comigo:

- Quando nos lembramos do que cremos sobre a soberania de Deus, isso nos inspira segurança!
- Quando nos lembramos do que cremos sobre a onipresença de Deus — um Deus que sempre está presente —, essa crença nos livra do medo em qualquer situação!
- Quando nos lembramos do que cremos sobre a onisciência de Deus — um Deus que conhece tudo —, isso promove perspectivas para o futuro, mesmo que no presente elas inexistam.
- Quando nos lembramos do que cremos sobre a onipotência de Deus — um Deus que pode tudo e nenhum dos seus planos pode ser frustrado —, isso nos alimenta a esperança, promove em nosso coração a certeza de que Deus sabe, Deus tem e fará o melhor para nossa vida, apesar das adversidades do tempo presente!
- Quando nos lembramos do que cremos a respeito desta vida — da sua transitoriedade,⁴ de que ela não é tudo, que é só uma passagem para a eternidade —, isso produz dentro de nós a força necessária para vivermos aqui sem desespero, porque sabemos onde está o nosso tesouro maior!
- Quando nos lembramos de que cremos na eternidade, isso abre nossos horizontes para vermos além do aqui e do agora, e conseqüentemente esperamos da vida muito além do que nos é oferecido aqui.
- Quando nos lembramos do que cremos sobre o corpo incorruptível

que Deus nos reserva na eternidade, essa crença promove alívio, porque eu não estou fadado — predestinado — a suportar para sempre este corpo limitado, com suas dores e doenças!

- Viver com base num sistema de crenças nos dá firmeza na vida, segurança em relação ao futuro, possibilitando-nos saber como enfrentarmos as contrariedades que o amanhã nos reserva em diferentes etapas!
- A doutrina nos livra de cairmos em heresias! E ainda mais: viver sob um sistema de crenças nos dá autoridade sobre o Diabo! Quando cremos no poder do nome de Jesus, adquirimos a força desse poder e, definitivamente, nessas condições, o Diabo não pode suportar, muito menos vencer!

Todos nós, querendo ou não, temos um sistema de crenças. O problema é que esse sistema pode ser verdadeiro ou falso. Por isso, não podemos escapar de alguns questionamentos muito sérios a esse respeito.

No que cremos?

Será que podemos descrever com clareza nossa doutrina?

No que cremos sobre Deus?

No que cremos sobre Jesus?

No que cremos sobre o Espírito Santo?

No que cremos sobre o pecado?

No que cremos sobre o céu?

No que cremos sobre o inferno?

No que cremos sobre o Diabo?

No que cremos sobre a salvação?

Qual é o nosso conjunto de crenças?

Que base tem nossa doutrina?

Em que ela está alicerçada?

Depois da morte de Leonice, minha primeira mulher, o fim do dia e a noite eram os períodos mais difíceis de suportar. Num desses momentos, dialoguei com uma voz que, a princípio, pensei ser apenas as minhas reflexões saudosas. Mas, pelo conteúdo da fala, entendi que era um ataque

maligno. A voz me questionava:

— Veja como Deus está punindo você. Ele lhe tirou a mulher da sua juventude. O que você fez de terrível para que Deus lhe punisse assim?

Entrei em profunda crise. Culpa, raiva de mim mesmo e da vida, dor da perda.

Meu *inferno particular* foi interrompido pela presença de uma terceira voz. Ela era terna, mas firme. Confrontadora, mas sem perder a delicadeza. Com autoridade, porém paterna. Audível, mas sussurrante:

— Espere aí, Jacó. Será que isso combina com o Deus a quem você serve? Ele é bondoso com você por causa da graça dele ou por causa das suas boas obras? Seus pecados não foram punidos em seu filho, Jesus Cristo? Como ele estaria novamente punindo você? Seu Deus realmente é justo?

— Como assim? — indaguei.

A voz sussurrante prosseguiu:

— Se Deus o está punindo por seus possíveis pecados, ele puniria inocentes também?

— Não — respondi!

Tolerantemente, a voz continuou:

— Se Deus o estivesse punindo, ele teria de estar punindo também seus filhos, uma vez que eles perderam a mãe. Ademais, não é verdade que seus pecados foram punidos na cruz em Cristo?

"A ficha caiu"! Percebi que o Diabo estava querendo me destruir, levando-me a estabelecer uma doutrina errada sobre a pessoa de Deus e sua graça. E mais: ele queria fundamentar minha vida sobre a filosofia furada do desempenho da religião humana — a salvação pelas obras.⁵

O Diabo queria me fazer crer no modelo da religiosidade humana, na qual reconciliar com Deus é sempre uma tentativa humana, através de sua própria dignidade. E um expediente do homem pecador, buscando satisfazer a maior necessidade da alma — a comunhão com Deus —, por seus esforços pessoais. O homem é o protagonista da ação e Deus é um mero coadjuvante. O homem desempenha o papel principal e Deus auxilia o seu trabalho.⁶

Quase me esqueci de que tinha sido aceito por Deus através dos méritos de Cristo. Por sua maravilhosa graça fui salvo, não por meus méritos. Eu fui aceito por ele sem qualquer predicado de minha parte. Quase me esqueci de que, antes de amá-lo, ele me amou primeiro; fui aceito por ele por pura obra

da sua plena graça, antes de aceitá-lo.

Então, crer num Deus pleno de graça, bondade e misericórdia não combinava com a premissa maligna em questão. Entendi, naquele momento, a necessidade de lembrar minha teologia, clarear minha doutrina, explicitar meu sistema de crenças.

Como é o Deus em quem eu creio? Essa foi a pergunta que permeou minhas reflexões. Dividirei as constatações com você, leitor.

• O Deus em quem eu creio é um Deus bom!

Ele nutre, no íntimo do seu coração, os melhores desejos por mim. Jamais retira a sua bondade.⁷ Ela me acompanha por todos os dias da minha vida.⁸ Seu coração bondoso me protege.⁹ O Deus em quem eu creio não me trata segundo minhas obras, mas segundo sua bondade.¹⁰ É a sua benevolência que me coroa a vida.¹¹ O seu coração bondoso deseja sempre o melhor para mim!¹²

• O Deus em quem eu creio é um Deus sábio!

Além de bondoso, o seu coração é sábio.¹³ Por isso, ele sabe o que é melhor para mim! Ele é a fonte da sabedoria.¹⁴ A sua capacidade de conhecimento é inescrutável.¹⁵ A sua loucura é mais sábia que a sabedoria humana.¹⁶ Em sua onisciência — seu perfeito conhecimento —, ele sabe perfeitamente tudo de que eu preciso.¹⁷ O coração do meu Deus não é possuído por um desejo abstrato: ele não só deseja o melhor para mim, como sabe o que é melhor para mim!¹⁸

• O Deus em quem eu creio é um Deus poderoso!

O meu Deus é poderoso.¹⁹ Seu poder pode executar tudo e nenhum dos seus planos pode ser frustrado.²⁰

Ele pode fazer o melhor para mim!²¹ Seu coração não só possui uma boa intenção, e seu entendimento não é apenas curioso a respeito de minhas necessidades: ele é poderoso para fazer com que seja acrescentado a mim, em todas as coisas e em todo o tempo, tudo o que é necessário, por meio de sua infinita graça.²²

E o seu poder que me mantém de pé. É a sua capacidade de executar todas as coisas que me incentiva a enfrentar a vida com alegria.²³

• O Deus em quem eu creio é um Deus fiel!²⁴

Ele é bom, é sábio e é poderoso. Ele não só deseja, sabe e pode, como fará o melhor para mim. Ele não só promete, como tem capacidade para cumprir o que promete.²⁵ Ele vela sobre sua palavra para cumpri-la.²⁶ Ele é competente tanto em prometer quanto em realizar!²⁷ Ele é fiel em todas as suas promessas e é bondoso em tudo o que faz.²⁸

Sua fidelidade é grande, dia após dia tem bênçãos sem fim. É ela que me sustenta e me guarda. Quando minha vida é envolvida pela provação, sua fidelidade me envolve e providencia um caminho de escape, para que eu possa suportá-la.²⁹

• O Deus em quem eu creio é um Deus paciente!

Deus não tem pressa. O seu plano, para minha vida, dura a existência toda. Pacientemente, ele me dá o tempo necessário, até que eu esteja pronto. Então, ele realiza o seu melhor em minha vida.

É por isso que, muitas vezes, nós o temos por tardio. Mas a verdade é que ele não se adianta nem se atrasa. Ele chega na hora certa, no momento exato, com fidelidade. Ele espera até que eu esteja preparado para provar o que é melhor para mim.

Você se lembra de Gideão e de seus testes no capítulo sexto do livro de Juízes? Pacientemente, Deus esperou até que ele estivesse pronto para obedecer, e só então cumpriu o melhor para Gideão e seu povo.

• O Deus em quem eu creio é um Deus justo!

Ele me dá segurança em cada situação, porque suas obras são perfeitamente justas!³⁰ A principal característica dos feitos de Deus é a justiça.³¹ Ele sabe diferenciar, com justiça, aquele que lhe serve.³² Seu julgamento é justo.³³

Por incrível que pareça, a justiça de Deus é conhecida até mesmo no inferno. Nenhuma pessoa que será lançada no inferno ficará ofendida e rancorosa com Deus. O inferno será formado por pessoas que reconhecerem a sua culpabilidade. Ninguém se sentirá injustiçado no inferno. Todos saberão que estão lá por merecimento. Todos serão tomados pelo convencimento de que Deus fez tudo o que precisava ser feito para evitar sua condenação.

Por isso, posso esperar que tudo o que Deus fará em minha vida será produto da sua justiça. Jamais serei injustiçado por Deus!

• O Deus em quem eu creio é um Deus que se importa comigo!

Ele vê as agressões dos "feitores" da minha vida e escuta o meu clamor.³⁴ Ele não é alheio ao meu sofrimento: ele sente a minha dor e se envolve!

O meu Deus não está assentado num trono, olhando, indiferentemente, a minha vida. Não! Ele se põe a meu lado! Entrelaça-se com minha existência e se compadece como um pai.³⁵ Jamais me esquece!

Nas noites frias, ele me aquece. Nas madrugadas, quando reter o choro é inevitável, sua bondade me dará um novo amanhecer, pleno de alegria.³⁶ Se a existência me lança na fornalha da aflição, ele me envolve com a paz da sua presença.³⁷ Se, em determinadas situações, as minhas palavras não são suficientes para comunicar, ainda assim ele sabe o que quero dizer!³⁸ Se meu coração é ferido por alguém, ele derrama o bálsamo que cura!³⁹ Quando meus inimigos se levantam e a maldição me parece certa, ele a transforma em bênçãos!⁴⁰ Se me vejo só, sua voz mansa e delicada sussurra: "Não tema, porque estou com você".⁴¹

A fundamentação correta

O que eu fiz, nessa circunstância, foi exatamente o que os autores do livro *Fale a verdade consigo mesmo*¹² nos orientam a praticar, a fim de vivermos uma vida plena e vitoriosa:

- Identificar nossas falsas crenças: identifiquei que aqueles pensamentos que eu tivera sobre Deus não eram verdadeiros.
- Refutar nossas falsas crenças: eu os contestei à luz da verdade bíblica.
- Substituir nossas falsas crenças por uma verdadeira, a bíblica: finalmente, fundamentei minha vida sobre uma doutrina correta.

Identifique, refute e substitua suas falsas crenças relacionadas à sua vida espiritual e também às outras áreas da sua existência.

Depois de quase três anos após a morte de Leonice, constato que não teria suportado essa perda se não fosse a minha doutrina, meu credo. Foi a crença sobre o meu Deus que me capacitou a celebrar a vida, mesmo vestida de dor. Foi todo o conjunto de princípios que redirecionou meus olhos para o futuro, guardado na mão do Todo-poderoso..

Se eu não tivesse fundamentado minha vida sobre uma doutrina correta, teria sido enganado pela voz maligna, como aconteceu com Caim. Ele sabia sobre Deus, mas não *respirava* toda a crença que envolve uma vida íntima com o Senhor. O ar que enchia seus pulmões era seco da comunhão com o Pai, e, quanto menos se evidenciava essa proximidade, mais a crença se distanciava do seu coração, impossibilitando-o de fincar raízes na doutrina certa, tornando-o vulnerável às influências malignas. Foi a ausência de uma doutrina verdadeira, originária das verdades divinas, que contribuiu significativamente para que ele se entregasse aos enganos do seu coração.

Se quisermos mudar nossa atitude e nos livrar da síndrome de Caim, temos de fundamentar nossa vida numa doutrina sadia, que seja coerente com o caráter de Deus.

Por isso, eu o desafio a dedicar um tempo, agora, para compor (ou recompor) sua doutrina, sua teologia de vida.

Não se renda aos sentimentos

Deixar de ser guiado pela fé para ser guiado pelas emoções é uma das maiores tolices humanas. E escolher ser nuvem vazia levada pelo vento; é ser onda na praia indo e vindo sem nunca chegar.

J. J. VIEIRA

Caim rendeu-se a seus sentimentos, permitindo que eles dominassem e norteassem seu coração. Deixar que os sentimentos controlem a vida é uma insensatez. Nossa existência precisa ser definida pela fé e não pelas percepções.¹ Precisamos adotar a atitude correta em relação aos nossos sentimentos. Em vez de nos rendermos a eles, devemos questioná-los! O que é correto precisa ser feito, independentemente do que sentimos. Os sentimentos não têm valor algum quando o que precisa ser feito é o que Deus espera que façamos.

Imaginemo-nos às seis da manhã, quando o despertador toca. O que dizem os nossos sentimentos? Eles nos encorajam? Por acaso fazemos uma conferência com eles para tomar a decisão de nos levantarmos? Claro que não! Não negamos a vontade de permanecer na cama um pouco mais. Admitimos que permanecer alguns momentos a mais nesse aconchego nos parece algo infinitamente melhor do que ir ao trabalho, sobretudo nos dias de muito frio. Mas, mesmo com tais sentimentos, levantamos e vamos à luta.

Este é um dos princípios que garantem a nossa perseverança na realização dos propósitos do Senhor: não se render aos sentimentos e fazer o que é certo, por ser simplesmente certo!

Somos uma geração conhecida pela ênfase nos sentimentos. Achamos que tudo precisa nos proporcionar bons sentimentos; caso contrário, não vale a pena. Mas isso, na verdade, é uma doutrina da síndrome de Caim: "Sei que é errado, mas *sinto* que devo fazer isso agora", "Pode ser que ele me ame, mas eu não *sinto*", "Eu *sinto* que é hora de dar um gelo nele", "Eu *sinto* que devo me vingar", "Sei que ele é meu marido, mas não me *sinto* amada", "Ela não é do jeito que eu pensava; *sinto* que devo cuidar dos meus desejos", "Não *sinto* que é a hora de me render a Deus", "Não *sinto* vontade de ir à igreja", "Eu oro, mas não *sinto* nada". Assim, falamos de nossos sentimentos. Mas dar-lhes essa autoridade toda é manifestação de insensatez. Nossos sentimentos, por si só, não são dignos de confiança. Ninguém

garante que o sentimento que permeia nossas emoções agora estará presente na próxima hora, na próxima noite ou na próxima manhã.

Precisamos questionar nossos sentimentos e até renunciar a eles, como nos ensina Paulo: "Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente".² Deus manifestou-se em sua graça, não somente para nos trazer salvação, mas para nos capacitar a renunciar às impiedades, aos desejos e sentimentos deste mundo.

Não negamos nossos sentimentos, mas também não nos entregamos a eles. Deus capacitou-nos a renunciá-los, a viver vitoriosamente pela fé e não baseados em nossos sentimentos. Devemos fazer o certo só porque é certo.

Exerça o domínio próprio

Herbert Spencer afirmou que o domínio sobre si mesmo é uma das maiores perfeições do homem ideal³, e Paulo Henie concluiu que lutar contra si mesmo é a luta mais pesada, enquanto vencer-se é a mais bela vitória.⁴

Caim não dominava a si mesmo. Por isso, perdeu a mais valiosa batalha e tornou-se escravo daquilo que vivia à espreita de sua vida: "o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo".⁵

Deus é explícito ao advertir Caim. Ele revela qual é o ponto exato que pode desencadear a luta contra o pecado: vencer o desejo da nossa vontade! Podemos imaginá-lo dizendo assim: *O pecado o ameaça à porta, Caim. O alvo do pecado é dominar e exercer o desejo sobre você. Não se renda. Domine-o! Se você não exercer o domínio sobre o desejo, o pecado entrará pela porta da sua vida e o escravizará, trazendo toda a sua parentalha.*

Tennyson afirmou a Deus: "Nossa vontade é nossa, não sabemos como; nossa vontade é nossa, para fazê-la tua".⁶

Agostinho confessou: "Tudo o que pediste, Senhor, foi que eu parasse de querer o que queria e começasse a desejar o que tu desejavas"

Lloyd John Ogilvie concluiu: "Este é o segredo. Desejar o que Deus deseja é o segredo da verdadeira felicidade".⁸

Tiago é claro sobre isso: "Cada um, porém, é tentado pelo próprio mau desejo, sendo por este arrastado e seduzido. Então esse desejo, tendo concebido, dá à luz o pecado, e o pecado, após ter se consumado, gera a morte".⁹

Dominar o desejo é responsabilidade humana e não divina. Deus nos criou com capacidade seletiva, com o poder de escolha: o livre-arbítrio. E, uma vez que podemos decidir o que fazer, dominar nosso desejo é nossa escolha, nossa decisão pessoal.

Quantas vezes nos colocamos em situações calamitosas, simplesmente porque nos rendemos ao nosso desejo? Consideramos nosso desejo como se fosse parte do querer divino, mas considerá-lo dessa forma é, de fato, o maior erro.

Uma das razões de o pecado nos escravizar é a falta de renúncia. Evitamos falar *não* para nós mesmos! E quem não impõe sobre si os limites de um *não* se torna um libertino, um devasso. Renunciar, optar por dizer *não*, é algo inerente de Deus em nós. Expressamos a imagem e a semelhança de Deus¹⁰ quando renunciamos a nós mesmos, como fez Jesus ao renunciar o trono para assumir nossos pecados.¹¹ E Deus não deixa um ato assim sem retorno. Todos que optam por exercer sua capacidade de renunciar a si mesmos recebem retorno do céu: sua realização no próprio Deus.

Como afirmou C. S. Lewis,¹² "Deus é o objeto que tudo satisfaz". Quando renunciamos por ele, o que nosso Deus não se dispõe a fazer por nós? Por isso, João Calvino declarou: "Renunciei todas as coisas por amor a Cristo e o que tenho encontrado? Tenho encontrado todas as coisas em Cristo".¹³ Uma pessoa que não se domina e se entrega ao desejo é alguém que não assume responsabilidades. Costumeiramente, prefere culpar alguém a admitir sua falha.

Voltemos aos pais de Caim. Quando eles pecaram, assumiram a responsabilidade? Não! Adão culpou Eva e o próprio Deus: "Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi".¹⁴ Por sua vez, Eva culpou a serpente: "A serpente me enganou, e eu comi".¹⁵ Nenhum dos dois assumiu a responsabilidade, e nós sabemos quais as conseqüências aí geradas: o pecado instalou-se.

Se quisermos exercer domínio próprio, precisamos assumir a responsabilidade por nosso comportamento. Desenvolver o domínio próprio começa pelo ato de admitirmos nossa fraqueza e falta de responsabilidade por não tê-lo exercido com frequência!

Veja o que afirmam alguns pensadores sobre o domínio próprio.¹⁶

Platão: a conquista de si próprio é a maior das vitórias.

Pitágoras: não é livre aquele que não obteve domínio sobre si próprio.

Sêneca: o homem mais poderoso é o que se faz dono de si mesmo.

Certa vez, minha mulher colocou um bilhete em meu bolso, que carrego como um desafio de vida. Nele estava escrito: "Meu adorável marido. Só por hoje: seja um grande líder. Lidere a si mesmo! Te amo!". Constantemente, penso sobre esse bilhete. Toda vez que tenho de enfrentar um desafio, retorno a ele e o leio em voz alta: *lidere a si mesmo!* Se quisermos exercer liderança, precisamos primeiro nos liderar, pois "quem vence a si é um herói maior do que quem enfrenta mil batalhas contra milhares de inimigos".¹⁷

Temos de nos lembrar, todavia, de que o domínio próprio é também um dos aspectos do fruto do Espírito Santo. Quando nos impomos a atitude de dizer *não* para nós mesmos e assumimos as responsabilidades por nosso comportamento perante Deus, seu Santo Espírito trabalha conosco, produzindo em nós esse aspecto de seu fruto, que é o domínio próprio: "Mas o fruto do Espírito é [...] domínio próprio".¹⁸

Charles Swindoll assim escreveu sobre o assunto:

Domínio próprio é uma palavra grega que significa literalmente "na força", sendo isso exatamente o que é. O fruto do Espírito é força interior. Ela é freqüentemente interpretada por "domínio", ou "domínio do eu" na literatura extrabíblica. Em outras palavras, uma das coisas que o Espírito de Deus promete fazer pelo filho de Deus é capacitá-lo a controlar o ego, as fraquezas e as áreas de tentação. Como a tentação é contrariada? Pelo autocontrole. Grave esse pensamento em sua mente.¹⁹

Em nossos dias, cresce assustadoramente o falso conceito de que o domínio próprio é uma tarefa exclusiva de Deus. Esse raciocínio ensina que o homem, por si mesmo, não pode nada — o que, de fato, é verdadeiro — e que seu envolvimento nessa questão é estritamente passivo, sendo Deus o único responsável em produzir em nós o domínio próprio, uma vez que é um fruto do Espírito.

Swindoll prossegue: "Esse ensino sutil está errado, pois embora o autocontrole tenha a origem no Espírito de Deus, nós o cumprimos ativamente. Tanto o Espírito Santo como nós agimos! Isso é algo importante a ser lembrado. É um esforço de equipe".²⁰

Por favor, deixe esta verdade tomar conta de sua mente: reconhecer que não somos nada, que devemos esperar passivamente em Deus e que ele faz tudo parecer muito bom, bonito e espiritual. Mas isso é somente *parte da verdade*.

Deus, em seu divino poder, providenciou tudo de que necessitamos para

viver uma vida que o agrade. Inclusive, ele, em Cristo, nos fez participantes da sua natureza, a fim de que pudéssemos ter vitória sobre a corrupção que há no mundo, causada pela cobiça.²¹ Todavia, o mesmo Deus que providenciou tudo para que pudéssemos proceder de maneira vitoriosa também ordenou que devêssemos nos empenhar para acrescentar à nossa fé várias atitudes, dentre elas o domínio próprio: "empenhe-se para acrescentar à sua fé a virtude; à virtude o conhecimento; ao conhecimento o domínio próprio".²²

Como vemos, o domínio próprio é uma tarefa na qual Deus e o homem trabalham juntos. É um fruto do Espírito, mas também é algo em que o homem precisa empenhar-se. Somente sairemos vitoriosos se entendermos que Deus espera de nós uma ação de equipe.

Charles Swindoll conclui:

A suposta contradição é resolvida quando compreendemos que Deus é a fonte de poder, e isso significa que pavimentamos o caminho para que ele atue. O mesmo suprimento básico é dado a todo filho de Deus, mas é nossa responsabilidade obedecer e exercer o autocontrole para que ele ocorra em nossas vidas.²³

O fruto do Espírito origina-se em Deus, mas a realização do autocontrole depende do homem. Vencer o desejo pelo pecado é uma tarefa nossa e de Deus. O recurso vem dele, mas quem usa os recursos provenientes de Deus somos nós. É nossa tarefa, nossa responsabilidade.

Agora que compreendemos nosso papel ao exercermos o domínio próprio, temos o material necessário para enfrentarmos os sentimentos e estamos prontos para considerarmos mais um aspecto importante dado por Deus para vencermos o desejo que nos ameaça à porta.

Portanto, vamos continuar nossa jornada, a fim de tomarmos posse da vida abundante e vitoriosa que Deus planejou para nós!

Pratique a confissão

*Como é feliz aquele que tem suas
transgressões perdoadas e seus pecados apagados!
Enquanto eu mantinha escondidos os meus
pecados, o meu corpo definhava de tanto gemer.*
SALMOS 32.1,3

Na síndrome de Caim, não há espaço para a confissão. O lema é: "Não tenho de prestar contas da minha vida a ninguém. Eu me basto!".

Podemos constatar essa prática ao lermos a história do seu precursor, Caim. Alguma vez o encontramos falando com Deus sobre sua oferta? Faz ele algum reconhecimento de que apresentou, de fato, uma oferta qualquer? Reconhece que isso aconteceu porque seu coração estava distante do Criador? Conseguimos ver admissão de pecado em Caim por matar seu irmão Abel? Em nenhum momento, vemos Caim fazendo confissão do seu pecado. Mesmo quando ele afirma ao Senhor: "Meu castigo é maior do que posso suportar",¹ não o faz por confissão, mas por autopiedade. Era reclamação pura e simples, pois não existiu o arrependimento. Equivale a dizer: *Puxa, o Senhor me puniu além da conta, que injustiça!*

Confissão sem arrependimento sincero não é confissão! Ficar aquém dessa dimensão autêntica e verdadeira de sentir-se tremendamente entristecido por ter pecado não é sentir outra coisa senão remorso por ter cometido apenas mais um engano, um simples equívoco.

Arrependimento está atrelado à confissão, porque arrepender significa experimentar mudanças na mente! É voltar as costas, afastar-se e decidir não repetir novamente o erro. É alinhar seu pensamento ao pensamento de Deus! É natural que falemos de nosso pecado, sem, contudo, admitir nenhuma falha. Mas isto não é confissão. Aliás, podemos nos tornar bons em nos desculpar sem nenhuma intenção de mudar.²

Foi o que Caim fez!

E como a síndrome de Caim está enraizada em nossos dias! Você já percebeu como temos dificuldade de admitir nossos pecados? Já notou como queremos fugir de admissão de culpa? Quando pecamos, em vez de dizermos *perdoe-me*, o que afirmamos? *Desculpe-me! Afinal, quem não*

erra!? Só Jesus foi santo neste mundo, e isso porque ele era Deus. E, assim, desconversamos.

Ao reconhecermos nosso pecado, será que admitimos, abertamente e com facilidade, a culpa? Não! Afirmarmos haver pecado, expressamos o engano, justificamos e tentamos minimizar nossa culpa. Enfim, racionalizamos! E assim a síndrome: desculpas, justificação e racionalização.

O caminho da cura é a confissão comprometida com o arrependimento: "Enquanto eu mantinha escondidos os meus pecados, o meu corpo definhava de tanto gemer. [...] Então reconheci diante de ti o meu pecado e não encobri as minhas culpas. Eu disse: Confessarei as minhas transgressões ao SENHOR e tu perdoaste a culpa do meu pecado".³

A confissão é uma prática poderosa e um dos passos iniciais para sair da prisão dessa síndrome maldita. Sempre que confessamos nossos pecados, sempre que sentimos a necessidade de sermos perdoados e pedimos perdão, o pecado e o Diabo nos perdem e o nosso relacionamento com Deus torna-se livre e novo novamente.

No ato da confissão, afirmamos a Deus: *Eu sou culpado! Estou arrependido! Isso não vai mais se repetir. Quero mudanças!* E esta é verdadeira confissão: o produto de um coração arrependido. Sim, é muito mais do que apenas enumerar a Deus nossos pecados — pode ter certeza de que ele já sabe de cada falha, erro e pecado nosso. Confessar é mais que contar. E concordar com Deus, reconhecendo que nossos atos estavam errados. Confissão é, portanto, concordar com o que Deus sente em relação ao pecado.

Se pecamos contra Deus e não confessamos nosso pecado a ele, a fim de receber seu perdão, "inconscientemente erguemos uma barreira entre o céu e nós mesmos. Surge, em nosso coração, uma sensação de distância e artificialidade. Com o tempo, nossos muros contra Deus nos detêm fora da presença divina, lançando a alma nas trevas exteriores".⁴

No livro *O desafio da santidade*, Francis Frangipane afirmou: "É possível que os muros levantados contra Deus sejam da mesma substância da qual o inferno é feito!".³

A intimidade, outrora experimentada, é agora substituída pela frieza da distância causada pela falta de confissão. Pobre Caim! Preferiu a frieza da distância. Preferiu sair da presença de Deus. Preferiu a terra de Node.⁶

No caminho inverso, se vamos a Deus e abrimos nosso coração a ele, a confissão nos conduz a uma vida de liberdade! "Como é feliz aquele que tem suas transgressões perdoadas e seus pecados apagados!"⁷ A confissão

provoca o coração perdoador de Deus. E seu perdão é completo. Ele nunca mais se lembra dos nossos pecados.⁸ Como já ouvi alguém dizer, ele os joga no fundo do mar e coloca uma placa: "É proibido pescar".

Alguns passos para uma confissão verdadeira:

• **Faça um inventário dos seus pecados**

Encontre um lugar tranqüilo e peça a Deus que o ajude a lembrar-se das circunstâncias em que você tem pecado contra ele. Assim que você se lembrar, tome nota de cada pecado que Deus trouxe à sua mente.

Isso pode parecer simplista demais, mas veja o que diz Isaías 43.25,26: "Sou eu, eu mesmo, aquele que apaga suas transgressões, por amor de mim, e que não se lembra mais de seus pecados. Relembre o passado para mim; vamos discutir a sua causa. Apresente o argumento para provar sua inocência".

Deus não precisa desse inventário, mas nós precisamos. Tal inventário nos ajuda por se transformar num *monumento histórico*, por representar o momento em que nos dobramos diante de Deus e reconhecemos: "Quando fiz isso, eu estava errado. Eu concordo contigo, Senhor!".

• **Verbalize seu pedido de perdão a Deus**

Enquanto você for relacionando suas transgressões, afirme a Deus, com todo seu coração: "Senhor, confesso diante de ti meu pecado e peço que me perdoe".

"Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem. Se, porém, alguém pecar, temos um intercessor junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo. Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo".⁹

Conte com o trabalho do seu intercessor. Conte com seu propiciador. Você tem um advogado junto ao trono do Pai: Jesus, o Senhor!

• **Tome posse do perdão de Deus**

Pecado confessado é pecado perdoado. E pecado perdoado é pecado esquecido. Quando confessamos nossos pecados a Jesus, ele, em sua fidelidade, nos perdoa e nos purifica de toda injustiça, e jamais se lembra de

nossos pecados.¹⁰

Permita que essa verdade penetre em seu coração. Creia de maneira racional, mas com um coração confiante. O que vale é o que Deus diz e não o que dizem os nossos sentimentos. Não importa o quão sujos sejam os nossos pecados. Quando confessamos, Deus, através do sangue de Jesus, torna-os brancos como a neve.¹¹ Ele apaga as nossas transgressões e dos nossos pecados não se lembra.¹²

• **Relembre a base do perdão de Deus**

Deus nos perdoa não por causa do nosso amor por ele, mas por causa do amor dele por nós! "Sou eu, eu mesmo, aquele que apaga suas transgressões, por amor de mim, e que não se lembra mais de seus pecados."¹³

• **Perdoe a si mesmo**

Se Deus, o mais ofendido, o perdoou, então você pode e precisa perdoar a si próprio. "O pecado é a vontade de fazer o que Deus não quer; de conhecer o que ele não conhece; de amar o que ele não ama."¹⁴ Portanto, o pecado ofende primeiro a Deus. E, mesmo sendo a pessoa mais ofendida, o Senhor nos perdoa e não se lembra mais do nosso pecado!

Francis Peloubet afirmou que Deus não se esquece do pecador, mas se esquece do pecado.

• **Persevere**

Quero finalizar este capítulo com a exortação de Charles Swindoll:

Se você estiver tolerando coisas imorais em sua vida, se estiver aceitando pensamentos que não deveriam estar em sua mente — quer numa viagem para fora da cidade ou no lugar secreto da sua casa, ou à noite, em seu apartamento, no carro que dirige todos os dias, ou na matéria que lê, no entretenimento que busca —, se as coisas que está introduzindo em sua vida não são de Deus, ouça o que eu lhe digo! Elas devem ser removidas; devem ser arrancadas.

Já vivi e lidei o suficiente com pessoas que permitiram que essas sementes brotassem; vieram saber depois que elas nunca melhoram. Só pioram. Uma transigência hoje leva a um traço de caráter amanhã, e esse traço de caráter determinará seu futuro. Minha recomendação: arranque a semente agora.¹⁵

A confissão é a maneira que Deus lhe disponibiliza para arrancar tais sementes. Faça isso agora, para construir sua verdadeira liberdade.

Restaurando o propósito divino

*É o lugar para onde vamos que determina
nosso gosto ou não pelos preparativos
de uma viagem.
CYNTHIA HEALD¹*

Neste capítulo, quero mostrar a você alguns passos importantes que precisamos dar na direção de cumprirmos o que Deus questiona em Caím: "Se você fizer o bem, não será aceito?".²

É de nosso arbítrio proceder bem e manter no coração a atitude correta. Eu e você podemos escolher viver uma vida que agrada a Deus. Podemos viver uma vida de vitórias. E o fim a que nós fomos destinados por Deus é a santidade: "Sejam santos, porque eu sou santo .

Santidade significa viver uma vida sem nódoas, pronunciar palavras produzidas por uma reflexão sem mácula, submeter todos os detalhes da vida à supervisão de Deus. Uma vida santa revela o que Deus nos deu, pois no coração de Deus há um único alvo para nós: a santidade! Deus se move, em nossa direção, motivado por apenas um objetivo: fazer-nos pessoas santas. Ele não veio nos salvar apenas por compaixão; não se fez presente neste mundo, em forma humana, para se transformar numa máquina de produzir bênçãos para nós; mas veio para nos salvar, porque nos havia criado para sermos santos.

Ser santo é ter o próprio Jesus em mim.⁴ Não é apenas a imitação da vida de Jesus, é a manifestação da vida dele em mim. E a transmissão da santidade dele para minha vida. E quando chegamos a ponto de nos despojar de nós mesmos. E viver com o objetivo do relacionamento íntimo que desejamos e necessitamos estreitar com Jesus, a fim de que estejamos capacitados a nos esvaziar de nossas concupiscências para nos tornarmos cheios da vida plena que é Deus e que nele está.

Como podemos atender tão elevado padrão divino? Claro que sem Deus não podemos alicerçar nosso viver diário na santidade. Existem coisas que somente Deus pode fazer. E essa é uma delas. Mas quais os procedimentos que podemos, e devemos, adotar a fim de viabilizar a ação de Deus em nossa vida, de modo a vivermos em santidade neste mundo perverso?

Decisão interior

Primeiro, precisamos chegar à decisão de não permitir que o pecado reine em nossa vida! Essa decisão sinaliza para a postura que tomamos no coração de não mais oferecer os membros de nosso corpo ao pecado, como instrumentos de injustiça.⁵ Passamos a ver a possibilidade do pecado como um absurdo. Afinal, se morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele?⁶

Essa postura acontece quando somos conscientizados de que, quando Cristo morreu, através da sua morte também morremos. Sendo conhecedores dessa verdade, passamos a crer que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que o pecado seja destruído e não mais sejamos escravos dele.

Tal consciência experimental leva-nos a desenvolver atitudes que revelam não somente que agora estamos mortos para o pecado, mas também nos consideramos, a partir de então, vivos para Deus em Cristo Jesus. Por isso, tomamos uma atitude interior diferenciada: assim como oferecíamos os membros do nosso corpo em escravidão à impureza que leva à maldade, ofereçamo-nos, agora, em escravidão à justiça que leva à santidade.⁷

Com Deus no controle de nossas atitudes, a vida experimenta uma nova dimensão, e, a partir desse momento, não desejamos outra. Passamos a ver o pecado com os olhos de Deus, ou seja, o que é de fato: um engano, uma prisão, uma tragédia. Isso porque agora já não estamos mais debaixo da Lei, nem debaixo do signo da síndrome de Caim, mas debaixo da graça. Porque, por meio de Cristo Jesus, a lei do Espírito de vida nos libertou da lei do pecado e da morte.⁸ E, uma vez libertos por Cristo, sabemos o que é viver livremente.⁹ Por isso, podemos exclamar como Paulo: "Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim".¹⁰

Osvald Chambers chama isso de decisão moral sobre o pecado! Veja como ele trata essa decisão:

Leva muito tempo para chegarmos a uma decisão moral sobre o pecado, mas o grande momento de nossa vida é quando decidimos que, assim como Jesus Cristo morreu pelos pecados do mundo, assim também o pecado deve morrer em mim. Não apenas refreado ou suprimido ou contrariado, mas crucificado. Ninguém pode levar outro a tomar essa decisão. Podemos estar seriamente convencidos e religiosamente convencidos, mas o que precisamos fazer é chegar à decisão que Paulo impõe em Romanos 6.6.

"Sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso homem velho, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos."

Aprume-se, passe uma hora a sós com Deus, tome a decisão e ore: "Senhor, identifica-me com a tua morte até que eu saiba que o pecado que há em mim está morto". Tome a decisão moral de que o pecado que há em você seja morto.

Em seguida, ele conclui:

Depois que já tomei a decisão moral sobre o pecado, *é* fácil considerar-me realmente morto para o pecado, porque encontro em mim, o tempo todo, a vida de Jesus. Assim como existe apenas um tipo de humanidade, assim também existe apenas um tipo de santidade, a santidade de Jesus, e é a santidade dele que me é dada. Deus coloca em mim a santidade de seu Filho, e eu passo a pertencer espiritualmente a uma nova ordem.¹²

Aspectos da santificação: livres de uma vez

O primeiro aspecto nos fala da santificação posicional, que foi obtida através do trabalho de Cristo *por nós* na cruz, no ato da nossa conversão. Antes de aceitarmos a Jesus, vivíamos entregues aos desejos e pensamentos vis, sob o signo da síndrome de Caim. De fato, éramos merecedores do castigo da ira de Deus, mas ele nos amou grandemente e manifestou sua bondade, como vemos em Efésios 2.4-6:

Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões. Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais. Recebemos vida e fomos salvos do castigo eterno, bem como fomos ressuscitados da condição de morte espiritual na qual vivíamos.

Isso foi obtido pelo sacrifício, pelo trabalho de Cristo por nós na cruz. Ele operou em nós tanto no lado da morte como no lado da vida. A partir de sua obra podemos apontar pelo menos cinco mudanças.

• A primeira mudança acontece na mente

Deus substitui nossa mente limitada e carnal pela mente de Cristo.¹³ Sem a mente de Cristo não podíamos compreender as coisas do Espírito de Deus nem discerni-las.

Quando alguém verdadeiramente se arrepende, Deus lhe dá a mente de Cristo, pois arrependimento é, na verdade, mudança da forma de pensar. No arrependimento, nossos valores e conceitos são profundamente alterados.

Eugene Peterson afirma que "o arrependimento, que é a primeira palavra na imigração cristã, nos coloca no caminho para viajarmos na Luz. Trata-se da rejeição que é, ao mesmo tempo, uma aceitação, um sair que se transforma num chegar, um não para o mundo que é um sim para Deus".¹⁴

Torna-se notório, às pessoas que vivem ao nosso lado, nossa abo-minação a tudo que consiste em um não a Deus. Com a mente de Cristo, adquirimos um novo rumo em nosso modo de pensar e avaliar as coisas. A nossa estrutura mental é modificada.

Deus sabe, perfeitamente, que, para alterar os nossos sentimentos, bem como nosso comportamento, primeiro algo precisa acontecer em nossa mente: nosso modo de pensar precisa ser alterado, uma vez que são os pensamentos que determinam o comportamento; este, por sua vez, influencia os sentimentos.

• A segunda mudança acontece no coração

Deus transforma nosso coração. O nosso velho coração, contrário a Deus, é trocado e recebemos um novo, desejoso pela pessoa do Pai e inclinado para as coisas dele. Tudo se faz novo! As disposições íntimas e a inclinação interior, que, antes, eram para morte, são mudadas e direcionadas para a vida: "Porque a inclinação da carne é morte, mas a inclinação do Espírito é vida e paz".¹⁵

A mudança do coração gera transformações profundas em nós. Surgem atitudes oriundas de um novo coração! Passamos a viver sob uma nova ordem. E essa nova ordem é conhecida através do novo conjunto de prioridades, do anseio profundo pela companhia do próprio Deus e pelo ritmo ditado pelo compasso do seu coração.

• A terceira mudança acontece na maneira de viver

Nossa vida é dividida em duas partes: antes e depois de Jesus. Uma

pessoa que tem um encontro com Jesus nunca mais é a mesma. Sua vida é transformada.

Zaqueu é um bom exemplo dessa mudança. Quando ele encontrou Jesus, algumas mudanças tremendas aconteceram. Ele queria muito ver Jesus. Talvez devido à propaganda que ouvira de seu colega de profissão, Mateus, o qual se tornou um discípulo fiel de Cristo. Quem sabe, Mateus tenha enviado um mensageiro com a seguinte orientação: "Jesus está indo em direção à cidade, não deixe de vê-lo. Ele mudou minha vida".

Foi o que Zaqueu fez. Quando soube da presença de Jesus em Jerico, foi a seu encontro. Mas, por ser um homem de pequena estatura, não conseguia alcançá-lo nem enxergá-lo no meio da multidão. E também, por ser cobrador de impostos — profissão marginalizada pelo povo —; e certamente corrupto, ninguém o ajudava a alcançar seu intento. Ele fez de tudo. Até subiu em um sicômoro. Quando estava no topo da árvore, coisas maravilhosas começaram a acontecer com Zaqueu. Veja comigo:

- Ele descobriu que Jesus o conhecia, antes que ele o conhecesse.
- Ele descobriu que Jesus o procurava primeiro, antes que ele o procurasse.
- Ele descobriu que Jesus já lhe destinara um plano no seu coração.

A vida de Zaqueu foi mudada! A salvação o alcançou. E, assim que isso aconteceu, tornou-se notória a mudança que Jesus efetuou na vida desse homem. Sem que alguém lhe pressionasse, espontaneamente Zaqueu reconhece seus erros e pecados, e sua vida é transformada.

Ninguém pode considerar-se convertido a Cristo, a menos que sua vida revele mudanças e evidências de um relacionamento pessoal com Deus. Quem recebe a Cristo se torna uma nova criatura, uma nova pessoa, com uma nova maneira de viver que revela seu relacionamento com Deus. Sua vida é marcada por um antes e um depois!

A mudança que a conversão promove numa pessoa é uma mudança íntima, cujos reflexos se tornam evidentes e notórios em todos os aspectos de sua vida. E isso é algo profundo, pessoal e intransferível. Todo aquele que recebe a Jesus tem sua vida mudada, e os que lhe são próximos podem perceber que ele anda com Deus.

• A quarta mudança acontece em nossa posição perante Deus

Mudança de mente, de coração e de vida não são todas as mudanças que a cruz de Cristo faz. O Senhor também muda nossa posição perante ao próprio Deus. Ele nos transforma de condenados a justificados!

Voluntariamente, o nosso Senhor é moído pelas nossas transgressões.¹⁶ O cálice da ira de Deus é bebido por ele em nosso lugar. Nosso pecado é descarregado sobre ele. Sendo servo obediente, Jesus morre a morte de um amaldiçoado.¹⁷ E isso não foi feito por seus próprios pecados, pois ele não os tinha. Foram os nossos pecados que ele tomou sobre si. Jesus se fez pecado por nós.¹⁸ Ele levou a nossa culpa e cancelou nossa dívida.

A partir daí, somos declarados justos, e a paz é estabelecida entre nós e Deus: temos a paz de Deus e a paz com Deus: "Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo".¹⁹

Em nosso coração nasce a certeza de que "não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, porque por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida me libertou da lei do pecado e da morte.

• A quinta mudança acontece em nossa relação com Deus

Jesus mudou nossa mente, nosso coração, nosso jeito de viver e nossa posição perante o trono de Deus. Mas isso não é tudo. Jesus mudou também nossa relação com ele: deixamos o estado de criaturas e passamos a nos relacionar com ele como filhos do seu amor.

Outrora escravos do pecado, agora somos filhos do Rei dos reis, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo. Antes estrangeiros, agora concidadãos dos santos; antes gentios, agora membros da família de Deus.²¹ Éramos frios e distantes, agora somos parte da casa, filhos do Senhor do universo!

Temos livre acesso ao Pai, detemos o privilégio de usufruir suas riquezas e carregar o nome do Pai. Passamos a ter o caráter de Cristo, pois Jesus nos faz participantes da natureza divina.²²

Ser filho de Deus é a mais elevada de todas as posições que alguém pode ocupar. Em Cristo, somos filhos do Rei do universo!

Diariamente transformados

O segundo aspecto trata da santificação progressiva.

No primeiro, compreendemos a maneira pela qual Deus nos vê: plenamente resgatados em Cristo. E dessa forma que ele nos apresenta ao Diabo e ao inferno: perfeitos em Cristo.²³ Primeiro, ele fez o que fez *por nós*. Agora, neste novo item, veremos o que ele realiza *em nós*: sua boa obra, até que ela se complete.²⁴

Deus nos coloca num processo, a fim de sermos transformados à semelhança de Jesus. Este é seu alvo: a mudança que Deus efetua agora é nas nossas obras. Ele quer que sejamos instrumentos da justiça.²⁵ Seu desejo é que nossa vida e nossas boas obras glorifiquem a Deus, numa demonstração da nova natureza que foi implantada por Jesus em nós.

Quando Jesus muda nossa mente, nosso coração, nossa posição perante o trono de Deus e nossa relação com ele, nos fazendo filhos seus, ele o faz de uma só vez, em apenas um ato! Mas quando age em nós, a fim de que nossas obras o glorifiquem, ele o faz de forma diferente: somos postos *num processo*, que se desenrola ao longo da vida cristã.

Sistematicamente, Deus vai agindo e nos ensinando a viver morrendo para o pecado e vivos para ele, a nos desvestir do velho homem e a nos revestir de um novo, que promove a sua glória.²⁶

O nosso coração, que antes amava o pecado, agora se aborrece com o que não agrada a Deus. O pastor Paulo Romeiro, numa conferência para pastores da Igreja Missionária no Brasil, afirmou que uma das diferenças entre o pecador salvo e o perdido é que "o pecador perdido corre atrás do pecado, enquanto o pecado corre atrás do salvo. O perdido, quando alcança o pecado, se gloria, se alegra, se realiza; o salvo, quando alcançado pelo pecado, sente-se prostrado".²⁷

Você jamais vai encontrar um cristão dedicado feliz por estar no pecado, pois haverá uma grande dor em seu coração por ter-se voltado a uma prática que tanto entristece ao seu Senhor. Jamais alguém que aceitou a Cristo se gloria no pecado.

O cristão, vivendo à luz e dentro do processo artesanal de Deus, não só se aborrece com o pecado, como odeia o mundo e tudo o que o afasta do seu Senhor. Seu prazer agora está no compasso de uma nova ordem: agradar a Deus de todo o coração. A cruz de Cristo é onde ele se gloria, pois é nela que o mundo foi crucificado para ele, e ele para o mundo.²⁸

Ele se nega a seguir o conselho dos ímpios, a imitar a conduta dos pecadores e assentar-se na roda dos zombadores!²⁹ Uma vez alcançado pela misericórdia, tendo experimentado o muito amor com que foi amado, ele foi vivificado pela graça do Pai, e seu viver passou a acontecer dentro de uma nova dimensão.

Agora, lavado pelo sangue do Cordeiro de Deus, ele vê o Diabo como seu adversário e a ele resiste, firme na fé.³⁰ "A palavra *resistir* é um termo militar que significa deter ou impedir o progresso do adversário. Neste contexto, significa reprimir a tentação".³¹ Sim, agora somos conhecidos por resistirmos a Satanás, por determos o poder conferido por Jesus para vencer a tentativa maligna de nos fazer pecar e entristecer nosso Deus. Podemos resistir a seus avanços ímpios imediatamente. O caráter de Cristo ainda é percebido em nós pelo fato de fugirmos das impurezas.

O controle remoto da televisão que usávamos para pular de um canal a outro atrás das impurezas dos olhos, agora serve para fugir delas; as revistas que procurávamos nas salas de espera, agora são selecionadas de modo a evitar qualquer coisa que possa poluir nossa reflexão e nossos olhos. Até a nossa maneira de nos vestir sofre alteração; modéstia, pudor e moderação ocupam o lugar da ênfase que o mundo dá à beleza física e à sensualidade.

Agora não corremos para a impureza, mas corremos dela. O amor manifestado, a salvação recebida, a graça concedida, a cruz do nosso amado Senhor nos constrange a nem sequer nomeá-la entre nós, como convém a santos.³² Somos conhecedores e também estamos convencidos de que Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santidade.³³

Por fim, o caráter de Cristo se torna evidente cada vez mais em nossas vidas pelo fato de passarmos a evitar toda aparência do mal.³⁴ Passamos a odiar tanto o pecado, que nos afastamos de tudo o que denota qualquer possibilidade, qualquer proximidade ou qualquer vestígio dele. Tudo aquilo que não se harmoniza com o desejo de Deus é prontamente afastado de nosso procedimento voluntário. Nosso coração se torna temente a Deus a ponto de odiar o mal.³⁵ A nossa resistência ao Diabo e ao pecado aumenta a ponto de nosso coração desejar ardentemente manter distância do pecado, de qualquer coisa que promova a aparência do mal.

E assim que Deus opera o processo da mudança de nossas obras, em nossa santificação. Enfim, glorificados

O terceiro aspecto está relacionado com a santificação plena que Deus nos dará ao sermos recebidos em sua glória. Ou seja: nossa glorificação.

Quando Deus nos vê, ele o faz através do sacrifício de Jesus. Somos vistos livres da condenação do pecado e do inferno. Nossa posição, em Cristo, é estarmos assentados nos lugares celestiais.³⁶ Todavia, no dia a dia, Deus segue seu processo de agir em nossa vida, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo.³⁷

Ao ver o quadro todo, ele nos vê perfeitos, preparados para ocupar os

lugares celestiais. Ao nos olhar de modo particular e específico, ele age até que alcancemos essa condição de homens perfeitos, à medida da estatura completa de Cristo.

Se, depois de recebermos a Jesus, o Diabo nos acusar — como é próprio dele —, Deus não nos vê com os olhos do acusador, mas sim a partir do sangue de Jesus, perfeitos em Cristo, uma vez que o sacrifício de Cristo nos purificou de todo o pecado.

Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito. Mas isso não é tudo. Embora sejamos filhos de Deus, ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, lhe seremos semelhantes...³⁸

No propósito eterno de Deus, salvação não é um fim, apenas um meio. Somos salvos não apenas para sermos livres dos tormentos do inferno, mas fomos resgatados para sermos devolvidos a um relacionamento íntimo e eterno com o Pai.

Nossa felicidade, à luz do propósito de Deus, passa a ser o produto de nosso relacionamento pessoal com o Pai, e não a realização da vontade humana, nem a ausência de dificuldades ou a presença daquilo que elegemos como necessidade. O que evidencia essa realização é a nossa vida alinhada ao propósito divino.

Só existe felicidade verdadeira em Deus. Ele não é apenas o ponto de partida de nossa existência: é a fonte dela! Sem Deus, a vida não tem nenhum propósito, e sem um propósito a vida não tem significado. Sem significado, a vida não tem relevância ou esperança. Para descobrirmos o sentido da vida, precisamos tomar Deus como o nosso ponto de referência.³⁹

Então, temos um vislumbre do propósito divino: nos fazer santos. Por isso, podemos concluir que não existe felicidade sem santidade. Como afirmamos no início deste capítulo, o fim a que fomos destinados por Deus não é primariamente a nossa felicidade pessoal, a submissão à força da nossa vontade, a realização dos nossos desejos, a perfeição de nossa saúde, a concretização dos nossos sonhos e a realização de nossos projetos, mas a santidade.

Sabendo, portanto, o destino que Deus projetou para nossa vida, o coração se enche de esperança e significado. A vida passa a fazer sentido para ser vivida; as dificuldades se transformam em possibilidades; nosso coração é tomado por uma nova atitude; uma nova maneira de pensar ocupa nosso raciocínio; nosso procedimento, dia a dia, é ocupado pelo *jeito de Deus* de viver, em detrimento do *jeito Caim* de existir.

Uma pessoa que tem um encontro com Jesus nunca mais é a mesma...

Liberte-se da síndrome

Há dois tipos de liberdade: uma falsa — na qual o homem é livre para fazer o que gosta. E a verdadeira — na qual o homem é livre para fazer o que é direito.

CHARLES KINGSLEY¹

Construindo a liberdade

Victor Frankl, herói corajoso que sobreviveu ao holocausto nazista pelo fato de ter sido médico competente de vários oficiais alemães, tinha uma maneira especial de ver a vida. Usando as palavras de Charles Swindoll, era mais ou menos o seguinte:

A razão de tantas pessoas serem infelizes e buscarem ajuda para enfrentar a vida hoje é que elas não compreendem o que é realmente a existência humana. Até que reconheçamos que a existência não é apenas algo a ser gozado, mas, pelo contrário, uma tarefa dada a cada um de nós, jamais encontraremos sentido em nossas vidas e nunca seremos realmente felizes.²

Swindoll concluiu: "Frankl tinha razão. A vida é uma tarefa. Uma tarefa difícil. Algumas vezes absolutamente insuportável".

Recebi um *e-mail* que me abençoou muito. Seu conteúdo nos sugere alguns passos práticos para viver vitoriosamente. Vejamos:

- Vigie seus pensamentos, porque eles se tornarão palavras.
- Vigie suas palavras, porque elas se tornarão seus atos.
- Vigie seus atos, porque eles se tornarão seus hábitos.
- Vigie seus hábitos, porque eles se tornarão seu caráter.
- Vigie seu caráter, porque ele determinará seu destino.

Veja essas verdades colocadas de outra forma:

- Semeie um pensamento e colherás um ato.
- Semeie um ato e colherás um hábito.
- Semeie um hábito e colherás um caráter.
- Semeie um caráter e colherás um destino.⁴

A verdade mais significativa dessas frases está no fato de que somos o produto de uma série de escolhas. Colhemos o que plantamos.⁵

Quero apresentar alguns passos práticos na direção da solidificação da nossa liberdade, para uma vida livre da síndrome de Caim e do domínio do pecado.

Desenvolva um sistema de censura em sua mente

Samuel Smiles afirmou: "Tenha cuidado com os seus pensamentos; pois podem explodir em palavras a qualquer momento. A felicidade de sua vida depende do caráter dos seus pensamentos".⁶ A santificação precisa começar em nossa mente! Como já vimos, tudo começa com a escolha dos pensamentos. A maneira como pensamos determina a maneira como agimos. Pensamentos santos promovem atitudes santas!

O coração é o solo onde depositamos a semente da vida para ser germinada. Por sua vez, nossos pensamentos são essas sementes.

Por isso, precisamos selecionar os pensamentos que permitiremos serem germinados em nosso coração.

A mente é a porta de entrada do nosso coração, o lugar estratégico onde determinamos quais sementes serão plantadas e quais serão descartadas. O Espírito Santo está pronto a nos ajudar a controlar e a filtrar os pensamentos que tentam entrar.⁷ Nossas ações são o produto desses pensamentos. Aquele que semeia um pensamento colhe uma ação. Os pensamentos são a matéria-prima de nossas ações.

Por isso, para vivermos em santidade, torna-se imprescindível vivermos na dimensão de 2Coríntios 10.5: "Destruímos argumentos [raciocínios] e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo".

A lição que aprendemos é a de que, se um pensamento questionável se aproxima de nossa mente, não devemos ser precipitados em abrir a porta e deixá-lo entrar; precisamos lutar e capturar esse pensamento até que ele se submeta à autoridade de Cristo. Não podemos, de maneira alguma, permitir

que nossa mente fique desguarnecida. Precisamos assumir o controle de nossa mente e consagrá-la a Deus, para que tenhamos o raciocínio dele.

O padrão divino para nós é que tenhamos a mente de Cristo.⁸ Mas isso exige disciplina da nossa parte para escolhermos nossos pensamentos. Eu sou livre para decidir onde pôr minha mente. Eu sou o dono de meu pensamento! Precisamos viver a vida nesta realidade: no controle de nossas reflexões.

Quais são os pensamentos que vamos permitir em nossa mente? Para quais pensamentos vamos simplesmente dizer não? Esse é um exercício contínuo, uma disciplina da vida vitoriosa com Deus.

Devemo-nos lembrar de que é impossível meditar sobre dois pensamentos ao mesmo tempo. Se escolhermos fixar nossa mente num pensamento bom, o pensamento mau se verá obrigado a sair de nossa mente. Este é o princípio divino apresentado por Paulo em Filipenses 4.8: "Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas".

Precisamos escolher ocupar a mente com pensamentos que cooperem para a nossa vida com Deus; precisamos aprender a distinguir, dentre eles, quais são maus e quais são bons. Então, se selecionamos criteriosamente nossos pensamentos e bloqueamos aqueles que não correspondem ao plano de Deus, acabamos por impedir um procedimento pecaminoso que nos distanciaria dele e da vida vitoriosa que ele tem planejado para nós.

Avalie seus hábitos e decida reformulá-los

Eleanor L. Doan define um hábito como sendo, a princípio, apenas um visitante; para tornar-se, em seguida, um hóspede e, finalmente, um senhor.⁹

A natureza divina não é herdada. Tornamos nos participantes dela, através das ações da nossa fé.¹⁰ "Por isso mesmo, empenhem-se para acrescentar à sua fé a virtude; à virtude o conhecimento."¹¹

Rick Warren afirmou: "O caráter é a soma total dos hábitos".¹² Osvald Chambers concluiu: Portanto, precisamos concentrar a atenção na formação de hábitos, com toda a diligência. Ninguém nasce com o caráter formado, nem o adquire pelo novo nascimento; ele tem que ser desenvolvido. Tampouco nascemos com hábitos; temos que formar hábitos baseados na nova vida que Deus colocou em nós.¹³

Precisamos nos lembrar sempre de que atitudes santas promovem hábitos santos! A maneira pela qual agimos diariamente determina nossos hábitos.

Cabe a mim e a você escolhermos a maneira pela qual vamos viver. Um procedimento santo é produto de nossa escolha racional. É o resultado da prática de atitudes coerentes com Deus. Ou seja: nosso procedimento precisa ser o produto de nossa escolha, nossa

decisão!

Quando nos consagramos a Deus diariamente e andamos com coerência com sua mente e estatutos, isso produz em nós uma disposição duradoura para ações, para um modo de proceder santo a ele. Precisamos ser o produto das nossas ações pensadas, solidificadas nos valores coerentes com os estatutos de Deus definidos em sua palavra, em vez de apenas reagirmos àquilo que nos cerca!

A propósito, vale a pena questionar: será que somos o produto de uma ação ou somos apenas a reação daquilo que nos envolve? Reagimos às coisas a nosso redor, ou somos pessoas que agem com consciência e coerência por escolhermos viver do modo de Deus? Nosso procedimento é apenas uma reação ou é uma ação planejada por motivos coerentes com os propósitos do Senhor? E a pergunta de importância crucial: quais ações estou semeando que impedem a formação de hábitos santos em minha vida?

Precisamos escolher ações que glorifiquem a Deus! Que tal você definir um horário diário para sua vida devocional? Você já leu a Bíblia toda? Por que você não estabelece o compromisso de fazê-lo? Você tem um plano de leitura de livros que promovem a vida espiritual? Que tal definir um alvo pessoal de leitura para um semestre? Quando vai à igreja, você se prepara para o culto? Que tal estabelecer 30 minutos de oração e louvor antes de chegar à igreja? Seu culto será diferente.

Você tem um amigo de oração? Por que você não estabelece um compromisso semanal de oração com mais alguém?

Estabeleça ações sadias, que se tornarão hábitos que glorifiquem a Deus.

Construa um estilo de vida que glorifique a Deus

Precisamos encarar a realidade de frente: "E mediante a perseverança que se constrói o caráter, um caráter forte e sólido que produz esperança. É na arena da realidade que o verdadeiro caráter é forjado, moldado, temperado e polido".¹⁴

Jesus nos ensina que o estilo de nossa fala é, na verdade, o produto de

nossos hábitos armazenados em nosso coração. E Jesus é o nosso exemplo. O conteúdo da sua vida era formado por hábitos santos, que lhe davam um estilo santo de vida. Em sua boca não se achou engano e em seus passos jamais se constatou a prática de algo que pudesse indicar a presença do pecado.¹⁵

Ele tinha como hábito de vida fazer a vontade de Deus em toda e qualquer situação. Seu alvo era glorificar ao Pai. Sua comida era fazer a vontade e realizar a obra daquele que o enviara.¹⁶ Como resultado disso, viveu uma vida de santidade, sendo um sumo sacerdote capaz de se compadecer de nossas fraquezas, pois, como nós, em tudo foi tentado, divergindo unicamente no fato de que eu e você pecamos. Ele não!

Jesus viveu, neste mundo, uma vida estilizada pela santidade — ele foi santo! Por viver sem pecado, tornou-se a própria expressão da verdade de que aquele que semeia um hábito colhe um estilo de vida!

Temos de enfrentar de forma racional esta pergunta: quais hábitos estou mantendo em minha vida e que estão impedindo a formação de um estilo santo de vida? Precisamos sondar nosso coração e ter coragem de romper com todos os hábitos que sejam contrários a uma vida santa, formando outros que colaboram com um estilo santo de viver.

"Assim como vocês ofereceram os membros do seu corpo em escravidão à impureza e à maldade que leva à maldade, ofereçam-nos agora em escravidão à justiça que leva à santidade."¹⁷

Escolha seu destino

O que importa na vida é a maneira como escolhemos viver, dia após dia. O que conta é a caminhada diária, perseguindo a realização do impulso originado em Deus. Por isso, ao viver um dia por vez, devemos fazê-lo com a consciência de que, a cada instante vivido, estamos semeando, a fim de termos o que colher no final da jornada. Isso se aplica ao nosso caráter. Ele é essencialmente a soma de nossas escolhas, o produto dos nossos hábitos. A maneira pela qual vivemos determinará aonde chegaremos nesta vida, bem como nosso destino na eternidade.

Mark Twain afirmou que não devemos levar a vida tão a sério, pois jamais sairemos dela vivos. Lloyd John Ogilvie, comentando essa declaração, escreveu: "Conselho errado. Sairemos vivos. Todos nós viveremos além da morte. A questão é onde passaremos a eternidade".¹⁸

Ao contrário de Caim, que estabeleceu um estilo de rebeldia em seu procedimento e, por isso, viveu como um fugitivo errante pelo mundo, ao optarmos por pensamentos santos, ações santas e hábitos santos, o produto

de tudo isso será um destino espetacular de vida. Em Apocalipse 2.10, Jesus nos adverte: "Seja fiel até a morte, e eu lhe darei a coroa da vida".

Assim, além de vivermos aqui a vida abundante que Jesus veio dar,¹⁹ o destino daquele que escolhe viver um estilo de vida santa é a coroa da vida, a vida eterna em Jesus. Não só nesta vida ganhamos qualidade, como também recebemos a certeza de que nossa eternidade será maravilhosa!

Aquele que semeia um estilo de vida colhe um destino! Qual destino colheremos? Só podemos visualizar uma perspectiva para essa pergunta avaliando nosso estilo de vida, pois é a partir dele que promovemos nosso destino.

Um velho hino, cantado tantas vezes nas igrejas evangélicas no último século, possui a mensagem da qual hoje precisamos:

Ao findar o labor desta vida, quando a morte ao teu lado chegar,
que destino há de ter a tua alma? Qual será, no futuro, o teu lar?
Meu amigo, hoje tu tens escolha: vida ou morte, qual vais aceitar?

Amanhã pode ser muito tarde, hoje Cristo te quer libertar.

Se tu queres deixar teus pecados, entregar tua vida a Jesus, tu
terás, sim, na última hora, um caminho brilhante de luz.

Meu amigo, hoje tu tens escolha: vida ou morte qual vais aceitar?

Amanhã pode ser muito tarde, hoje Cristo te quer libertar.²⁰

O autor da epístola aos Hebreus nos exorta: "Se hoje vocês ouvirem a sua voz, não endureçam o coração".²¹ E um poeta, cuja fonte infelizmente desconheço, advertiu: *Ó vós, que tendes tempo sem ter conta, não gastais o vosso tempo em passatempo. Cuidai do vosso tempo enquanto há tempo, pois, quando o tempo chegar de prestar conta, chorarás como muitos por não ter tempo.*

O tempo é hoje, é agora!

A escolha é sua

Quando aceitamos o que Deus nos oferece, descobrimos o propósito da vida e passamos a vivê-la com significado. E, por isso, a primeira decisão que devemos tomar é a de estabelecermos um *compromisso* com Deus! O dicionário Aurélio Século XXI define essa palavra como: "obrigação ou promessa mais ou menos solene; dívida que se deve pagar em determinado dia; acordo, ajuste, pacto; promessa de trato a ser cumprido".

Por falta de uma promessa de trato a ser cumprido, um compromisso com Deus, muitos se perdem na existência, jogando fora a maravilhosa vida que ele planejou.

Se quisermos viver distantes da síndrome de Caim, temos de estabelecer um compromisso pessoal e intransferível com Deus. Para isso, torna-se imprescindível que ele ocupe o primeiro lugar em nossa vida!¹ O primeiro a estar em nossos pensamentos desde o início até o fim de cada dia. Ao amanhecer, nossa maior alegria. Nosso ponto de convergência durante todo o dia. Nossa companhia mais doce e agradável ao anoitecer.

A Bíblia, o alimento de Deus para nossa mente, nosso coração e espírito, precisa ser vista por você como o *manual de vida* dado a nós pelo Criador. Ela precisa ser o seu referencial, a fonte dos seus absolutos, a conselheira para as decisões do dia-a-dia e a direção para a jornada terrestre.

Seu comprometimento com Deus precisa ser visto nas amizades que você mantém. Para isso, terá de estabelecer parcerias santas e decidir andar com aqueles que contribuem para o projeto de vida que você escolheu. Salomão adverte: "Meu filho, se os maus tentarem seduzi-lo, não ceda! Meu filho, não vá pela vereda dessa gente! Afaste os pés do caminho que eles seguem".³

Tornará evidente sua decisão de rejeitar o conselho dos ímpios sempre que não imitar a conduta dos pecadores, nem se aproximar de onde se assentam as pessoas cujo estilo de vida evidencia a falta de um compromisso semelhante ao que você estabeleceu com Deus.

Seu coração precisa estar comprometido também com sua nova família. Agora, sua família espiritual passa a ser a Igreja. Portanto, você já não será um estrangeiro nem forasteiro, mas concidadão dos santos, membro da família de Deus.⁴ Quando você recebe a Cristo, está também recebendo a família da fé.⁵ Não vive mais por conta própria. Agora, você é membro do corpo de Cristo. Seguir a Cristo inclui "a idéia de integrar e não apenas acreditar".⁶ Agora você não é mero espectador. Você é parte, é Igreja.

Em nossos dias, cresce cada vez mais a idéia de freqüentar uma igreja, mas não de fazer parte dela, estabelecendo um compromisso pessoal. Essa é uma idéia maligna que você precisa rejeitar. Deus lhe deu dons e funções para desenvolver em sua família, a Igreja.⁷

A igreja — o ajuntamento dos que crêem — é o lugar onde você protege e desenvolve o propósito de se tornar semelhante a Jesus. Por isso, deve escolher esse lugar com sabedoria, discernindo se o ensino bíblico é priorizado ali; não escolha um lugar onde simplesmente você se sentiu bem ou por um programa de entretenimento dominical que muito lhe agradou. É preciso que a igreja escolhida seja um lugar onde você possa desenvolver relacionamentos pessoais, adorar a Deus, crescer na fé, ser discipulado e não apenas dar vazão a seus sentimentos e emoções, como se estivesse num circo ou numa casa de espetáculos.

Ao estabelecer em seu coração o propósito de firmar um compromisso com Deus, é muito provável que o Diabo queira criar dois extremos em sua mente.

O primeiro é o da racionalização. Surge a idéia de que seus pecados não têm tanta importância. Ele tentará desenvolver o falso conceito de que seus pecados não trarão conseqüências à sua vida, que sua presença é característica de normalidade humana. Isso é falso, é mentira do Diabo!

Se ele não consegue nos levar à racionalização, então tentará desenvolver a filosofia de que não tem mais jeito. Ele irá conduzi-lo a focalizar seus erros e pecados como impossíveis de cura. Por você ter errado muito na vida, ele tentará dominar sua mente pela idéia maligna da *desistência*. Lembra-se? São os conceitos de Caim de que sua vida não tem mais jeito.

Em nome de Jesus, eu apelo para que você rejeite esse pensamento diabólico e ouça o questionamento do próprio Deus: "Se você fizer o bem, não será aceito?".⁸

Sim, Deus lhe dá uma nova oportunidade! Ainda há tempo, você pode recomeçar. O Pai o espera de braços abertos independentemente de sua situação. Ele o aceita e oferece algumas maravilhas a você. Vejamos.

Deus lhe oferece perdão

Através do sacrifício de Cristo, ele o anistia da sua dívida eterna. Como vemos em 1 João 1.7: "o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado". Deus tem perdão!

Deus lhe oferece graça

É através de sua graça que ele lhe dá o que de fato você não merece:

- Você não merece ser perdoado de seus pecados, mas Deus o perdoa!
- Você não merece ser salvo da condenação eterna, mas Deus lhe dá a salvação!
- Você não merece o alívio do tormento da culpa por seus pecados, mas Deus lhe dá alívio perfeito!
- Você não merece alegria e paz, mas Deus lhe dá alegria verdadeira e a paz que excede todo entendimento!
- Você não merece o atendimento das suas orações, mas Deus o ouve e atende !
- Você não merece aceitação, mas Deus o aceita!
- Você não merece ser filho de Deus, mas a graça o transforma em filho e herdeiro dele, em Cristo!
- Você não merece nada de bom, mas Deus lhe proporciona uma vida espetacular e sobrenatural neste mundo!
- Você não merece a vida eterna, mas a graça escreve seu nome no livro da vida!

Deus lhe oferece misericórdia

Através da graça de Deus, você recebe o que não merecia. Agora, na misericórdia oferecida por ele, você não recebe o que de fato merece:

- Você merece castigo, mas a misericórdia de Deus não lhe dá!
- Você merece separação e distanciamento de Deus, mas a misericórdia de Deus não lhe dá!
- Você merece o inferno, mas a misericórdia de Deus não lhe dá!
- Você merece o desprezo divino, mas a misericórdia de Deus não lhe dá!

Aquilo que você não merece, Deus lhe dá. E o que você merecia, graça de Deus não lhe dá! Por isso, sempre é possível recomeçar.

Leitor, o perdão, a graça e a misericórdia de Deus o possibilitam deixar no passado a síndrome de Caim. A escolha é sua.

* * *